



JOKER'S WILD

VEGAS UNDERGROUND



RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Sinopse

ELE ME SEQUESTROU. ME FEZ PRISIONEIRA.

Eu sabia que Junior Tacone era perigoso.

Trabalhei para ele uma vez cuidando de sua mãe.

Achei que quando o trabalho terminasse eu estaria segura.

Fora de sua consciência. Fora do seu alcance.

Mas o irmão dele levou um tiro e o Junior me escolheu para ser sua enfermeira.

Então sou sua prisioneira, presa em sua linda casa, sujeita ao seu governo.

E parece que ele desenvolveu algo por mim.

O que significa que ele pode nunca me deixar ir...

CAPÍTULO UM

JUNIOR

É para ser uma reunião civil após o anoitecer no Caffè Milano.

O problema é que você nunca sabe, quando está lidando com a *máfia russa*. Malditos bastardos selvagens imprevisíveis.

Estamos aqui hoje para falar de território. Eles estão invadindo nossos bairros. Drogas em movimento. Trabalhando na prostituição com mulheres que suspeito serem escravizadas.

Eu não dou a mínima para o que eles fazem em qualquer outro lugar, e o caralho sabe que não temos mais muitos negócios em nossos antigos bairros, mas considero uma obrigação da Família mantê-los limpos. Mantenha os malditos russos fora deles.

Nos encontramos ao ar livre, em um café na calçada em Cícero. Nós o chamamos de bairro antigo, mais ou menos como a geração de meu pai costumava se referir ao Velho País.

Estamos no negócio de emprestar dinheiro, como sempre. É legítimo, a menos que você conte as derrotas que vêm com o não pagamento em dia. Hoje em dia, os negócios cresceram em proporções gigantescas e agora moramos em mansões nos subúrbios. O que não significa que não me importo com o que acontece no meu território.

Vejo um dos *bratvas mais jovens* sentado à mesa, Ivan, eu acho. Vlad, o líder deles, não parece estar lá.

Cazzo. Eu não gosto do jeito que isso está indo.

Meus irmãos, Gio e Paolo, e eu saímos do Range Rover, junto com nossos soldados, Mario e Luca. Estamos todos armados, embora não o demonstremos portando armas abertamente.

— Onde está Vlad? — Eu pergunto Ivan. Gio vem comigo, os outros três ficam para trás, conforme combinado.

Ivan dá de ombros, parecendo entediado. — Chegando.

A garota que trabalha no balcão, uma milenar desleixada em jeans skinny e um top justo sai. Eu a reconheço, mas não sei o nome dela. Ela é neta do dono original, Luigi Milano, amigo do meu pai.

— Senhor. Taccone. Ela me cumprimenta, mas seu rosto é tudo menos amigável. Na verdade, seus lábios são desenhados em uma linha fina e um músculo salta em sua mandíbula. Ela lança um olhar para o russo e de volta para mim como se estivesse com medo de ter nós dois em seu lugar ao mesmo tempo.

Nomeei o Caffè Milano como ponto de encontro porque o considero um território amigo para nós, mas me pergunto se, com a nova geração, as coisas mudaram. Talvez tenham feito acordos com os russos.

Eu deveria estar com raiva do pensamento, mas ele registra como um zumbido baixo, dificilmente um interesse.

— Posso trazer alguma coisa para você? Um expresso? Cannoli?

— Cai fora, — o russo estala e ela visivelmente estremece, e quando seu olhar gira de volta para mim, há súplica nele.

Porra.

O que quer que os russos estejam fazendo aqui, ela não concorda.

O que significa que ainda tenho um problema.

— Expresso, — eu digo, desejando que eu pudesse pensar em seu nome. Lembro-me dela correndo por aqui quando era uma garotinha, quando meu pai usava isso como ponto de encontro. Marisa? Fé? Porra, não faço ideia.

Ela fica parada ali por mais um segundo, muito tempo para um servidor normal, e agora tenho certeza de que há um problema.

— Pegue. Perdido. — O russo parece perigoso.

Ela lança um último olhar na minha direção e entra.

O cotovelo de Gio pressiona sutilmente, mas com firmeza, contra meu braço. Ele está me dizendo algo, também. Sinto Paolo se mexer atrás de nós.

Fanculo, essa coisa está indo para o lado. É um truque. Uma emboscada.

Olho pela grande janela de vidro. Todos os assentos perto da janela estão ocupados. Incomum para esta hora da noite. O Caffè Milano é mais uma delicatessen diurna. Eles ficam abertos até a noite, mas as pessoas geralmente não ficam por perto. Percebo que cada cliente no local está com a cabeça inclinada como se para obscurecer minha visão de seu rosto.

Ivan se levanta e minha mão se aproxima da Walther PPK na parte de trás da minha cintura. — Vamos entrar.

— Acho que não, — Gio responde por mim, sacando sua arma.

E assim, a coisa explode.

Tiros soam de merda em todos os lugares. Alguns vêm de dentro do café, quebrando o vidro. Alguns vêm de nossos caras atrás de mim. Gio e o russo na calçada disparam um contra o outro.

Eu atiro a mesa através do vidro, estilhaçando-o com força explosiva para limpar a visão, então miro e atiro em um Ivan ferido ao mesmo tempo em que ele acerta Gio.

Gio grunhe e cambaleia para trás, segurando o estômago.

Não . *Não!* Gio não. *Porra!*

As coisas vão em câmera lenta para mim. Pego a arma de Gio de sua mão e o empurro contra Paolo e Mario. — Leve-o para o carro! — Eu grito enquanto miro nas cabeças abaixadas abaixo da janela. Eu puxo os gatilhos.

Um. Dois. Três mortos. Estou atirando com as duas mãos como se estivesse em um filme filho da puta.

Eu bato meu pé na porta para abri-la com um chute e atravesso. Quatro. Cinco abaixo. Eu giro as armas ao redor, procurando por movimento. Luca entra atrás de mim, arma em punho, atrasado para o show.

Algo se move atrás do balcão e eu giro o cano da minha Beretta. Luca também aponta. É a garota do Caffè Milano.

Porra. Ela pode ser confiável para não gritar? Eu mantenho a arma firme enquanto tomo minha decisão.

— Ela é uma testemunha, — Luca murmura, como se eu ainda não soubesse. Mas nós não matamos os inocentes. Minha mente gira em como sua família era leal e se esse vínculo ainda existe.

Seus olhos se enchem de lágrimas. — Senhor. Tacone...

Merda. Enfio as duas armas nos bolsos. Ela é leal. Ela queria me avisar, tenho certeza.

— Não, não Tacones, — digo a ela com firmeza. Eu passo a mão pela sala. — Russos.

— Certo, — ela acena com a cabeça trêmula. — *Todos os russos.*

Garota esperta.

— Dê-me cinco minutos antes de ligar para o 911.

— Entendi. — Sua cabeça ainda está balançando em seu pescoço.

Volto para a porta. — Eu sou bom para os danos. — Eu inclino minha cabeça em direção à janela, o interior crivado de balas.

Lágrimas escorrem pelo rosto dela quando saímos e entramos no carro em movimento.

Paolo decola, dirigindo rápido, mas tranquilo. Não cantando pneus ou chamando a atenção para nós.

— Gio. Gio? Fale comigo. — Sento-me ao lado do meu irmão, pressionando minha mão sobre a dele onde ele segura o ferimento.

— Fui atingido. — Gio está caído no banco de trás, com sangue ensopado em sua camisa e jaqueta.

— Eu sei. Apenas aguento firme. Você vai ficar bem, ouviu?

— Para onde, Júnior? — Paolo grita do banco da frente.

— Meu lugar. Então vocês três vão buscar Desiree Lopez.

— Enfermeira da mamãe?

— Isso mesmo. Ela me deve um favor. Ela trabalha em Trauma em Cook County. Se ela não está trabalhando, ela mora na rua 22 em Humboldt Park. Encontre-a e traga-a para minha casa.



DESIREE

Eu mal percebo meus arredores enquanto caminho, com as chaves na mão, para o meu velho, mas funcionando, Honda Civic de quatorze anos. Não vejo o Range Rover preto brilhante estacionado algumas vagas abaixo.

Meus instintos não me avisam.

Talvez eles tivessem se eu não tivesse acabado de trabalhar em um turno de doze horas na Trauma. Talvez eu não tivesse apenas me arrastado para o meu estacionamento, rejeitando a oferta de segurança de me acompanhar até o meu carro.

Não até que dois caras grandes em sobretudos saiam dela e venham direto para mim.

Oh Deus. É isso. Estou prestes a ser estuprada e morta.

Eu congelo por um segundo, com o coração batendo forte, então disparo para frente, correndo para pular no meu carro antes que eles possam me alcançar.

— Espere! — Um deles grita e ambos avançam, um bloqueando a porta do lado do motorista, o outro vindo atrás de mim. — Desirée Lopez?

Meu cérebro nem consegue calcular como eles sabem meu nome. Abro a boca para gritar, mas o cara tapa minha boca com a mão. — Tranquilo. — Seu comando conciso sai profundo e áspero. Ele cheira a fumaça de charuto. Ele pega minha bolsa do meu ombro, puxa minha carteira e olha minha identidade — Sim, é ela.

A adrenalina bombeia em minhas veias. Eu sei o que eles dizem. Se alguém te arrastar para um carro, você não vai voltar vivo, então lute pela sua vida. Dou uma cotovelada no meu sequestrador, viro a cabeça para morder sua mão.

Mas é inútil. Ele murmura uma maldição em algum outro idioma e aperta seu aperto. Todo o meu peso jogado ao redor, todas as minhas torções e contorções não são nada para ele. Ele me pega e me leva para frente.

Seu amigo vem atrás de nós e pressiona uma arma nas minhas costelas.
— Chega de luta. Entre no carro. Eles me puxam para a traseira do Range Rover, espremido entre os dois homens. Um deles tira minha bolsa enquanto o veículo decola.

Um saco cai sobre minha cabeça e eu renovo minha luta, mas eles me controlam facilmente, cada um pegando um pulso e prendendo-os ao meu lado.

— Sim, nós a pegamos, — diz um deles. A princípio, acho que ele está falando com o motorista, afirmando o óbvio, mas então percebo que ele deve estar falando ao telefone. — Vejo você lá.

— O-o que está acontecendo? — eu gorjeio.

Ninguém me responde.

O telefonema me dá uma pausa. Eles não ligariam para alguém para dizer que me pegaram se a intenção deles fosse estuprar e matar, ligariam?

Eles o fariam se fossem adoradores do diabo que exigem um sacrifício virgem.

Não que eu seja virgem. Ou que minha teoria é provável.

— Eu não sei o que você quer, mas, por favor. Por favor, deixe-me ir.

Mais uma vez, ninguém se incomoda em responder.

O Range Rover dirige rápido, e do jeito que ele desacelera apenas brevemente, eu aposto que eles estão passando por paradas ou sinais vermelhos, fazendo-me colidir com os homens ao meu lado quando ele faz a curva.

Nós dirigimos o tempo suficiente para eu ficar bom e assustado. Para minha respiração estremecer em soluços silenciosos. Sem lágrimas, no entanto. Devo estar com muito medo de deixar ir.

E então paramos. O idiota à minha direita me arrasta para fora do carro, e eu tropeço para não pisar, a escuridão do saco sobre minha cabeça roubando meu senso de equilíbrio, assim como minha visão.

Os arredores estão mais silenciosos, não mais uma rua da cidade, mas ainda uma calçada sob meus pés.

— Que porra você está fazendo? — Uma voz masculina raivosa exige em voz baixa, aproximando-se a cada palavra. — Eu te disse para não machucá-la.

— Ela não está ferida, apenas assustada. — A voz ao meu lado também é baixa. Devemos estar em algum lugar onde as pessoas nos ouviriam se levantassem a voz. Uma vizinhança?

— Deixe ela ir. — A bolsa voa da minha cabeça.

Abro minha boca para gritar, mas o som morre em meus lábios quando pisco para o par de olhos escuros e afiados acima da linha masculina de barba por fazer de uma mandíbula poderosa pertencente ao meu antigo empregador.

Júnior Tacone.

Merda.

Meu coração galopante desacelera, inverte a direção, decola novamente.

– *Júnior.* – Eu o chamo pelo nome que sua mãe usava quando eu trabalhava na casa dela, esquecendo o "sr. Tacone", esquecendo-me de mostrar respeito.

E então, porque eu tinha realmente me sentido atraída por esse homem da última vez que o vi, pensei que talvez ele tivesse uma queda por mim também, e eu simplesmente estava morrendo de medo, dei um tapa em seu rosto, com força.

Os homens ao meu lado rosnam e agarram meus braços novamente.

– Deixe ela ir. – Em vez disso, ele pega meus antebraços, puxando-me para ele. Através de seu longo casaco de lã, a firmeza de seu grande corpo me pressiona. Seu olhar escuro está comandando. Intenso. – Vou deixar passar, desta vez. Porque eles assustaram você.

Um arrepio percorre minha espinha. *Ele vai deixar isso passar.*

Desta vez.

Como normalmente, há consequências por esbofetear o chefe da máfia.

Claro que existem.

– Agora, entre, preciso da sua ajuda.

Eu olho para a calçada para a enorme casa iluminada por postes de luz. Não é o tijolo vitoriano de sua mãe, onde trabalhei por três meses como enfermeira domiciliar após sua cirurgia no quadril.

Deve ser dele?

Eu tento puxar meu pulso de seu aperto. – Não. Você não pode simplesmente, apenas... me *sequestrar* e me dizer para entrar porque precisa da minha ajuda.

Ele muda de posição e inclina a cabeça em direção à casa. — Vamos lá. — Ele nem se dá ao trabalho de responder ao meu argumento. E suponho que seja porque estou completamente errada. Ele *pode* simplesmente me sequestrar e exigir minha ajuda. Ele é Junior Tacone, do submundo de Chicago. Ele e seus homens têm armas. Eles podem me obrigar a fazer o que quiserem.

O alívio que surgiu quando vi seu rosto bonito se esvaiu. Eu ainda posso nunca sair daqui. Porque o que quer que me espere naquela casa não vai ser bonito. Ou legal.

Alguém está ferido e precisa de uma enfermeira. Esse é o meu melhor palpite.

E agora serei uma testemunha de tudo o que eles estão tentando esconder.

Um de seus membros está ferido? Ou eles estão torturando alguém? Precisa que eu o mantenha vivo para que possam tirar algo dele?

Não tenho escolha a não ser entrar. Posso ter coragem, mas não estou disposta a descobrir o que acontece se você desafiar o chefe de Chicago. Eu acompanho o passo ao lado dele, correndo para acompanhar seus passos largos.

Ele desliza seu aperto do meu pulso para a minha mão. Sua mão grande aquece minha mão gelada e tem uma qualidade protetora, como se estivéssemos em um encontro.

Como se eu não fosse sua prisioneira.

CAPÍTULO 2

JUNIOR

Ainda estou funcionando principalmente no piloto automático. Provavelmente em estado de choque do meu jeito de idiota alfa.

Mesmo assim, sei que foi errado colocar Desiree nessa situação.

Estou quebrando uma de nossas regras sagradas "não envolva ou corrompa os inocentes".

Mas ela foi a primeira pessoa em quem pensei e a única em quem confio totalmente para salvar Gio. Sim, temos algumas conexões veterinárias que usamos no passado, mas já faz anos. Eles devem estar na casa dos oitenta agora, amigos do meu avô. Não sei mais em quem podemos confiar.

E se Gio morrer, é tudo culpa minha. Eu nunca vou me perdoar. Continuo questionando meu julgamento sobre não levá-lo ao hospital, mas se o fizer, as mortes dos russos serão atribuídas a ele. Ou em mim. *Porra!* — em nós.

É assim que meu pai teria lidado com isso. Já tratamos feridas de bala internamente antes. Apenas não família imediata. Paolo, Luca e Mario seguem-nos.

Puxo Desiree para dentro de casa, subo correndo as escadas, ainda segurando sua mão.

Ela é toda mijo e vinagre, arrastando os pés para me mostrar sua relutância, mas por baixo disso, sinto o cheiro de seu medo.

O que é melhor. Eu preciso dela com medo. Na minha linha de trabalho, o medo é parte integrante dos negócios.

Chegamos ao patamar e me dirijo ao quarto de hóspedes, onde Paolo me ajudou a carregar Gio, que já havia desmaiado quando chegamos.

— Ah Merda. — Desiree vê Gio. Ela tira o casaco e o joga no chão enquanto corre para o quarto.

O alívio me atinge bem no meio dos olhos. Qualquer preocupação que eu tivesse de coagi-la a olhar para ele se evaporou. Ela já está no modo enfermeira, concentrando-se em seu paciente.

— Seu irmão.

Ela o conheceu, então.

Ou talvez ela apenas veja a semelhança.

— Deixe-me ver. — Ela arranca a toalha encharcada de sangue de seu ferimento. — Ferimento de bala, — ela murmura. — Ajude-me a rolar ele para o lado para verificar se há um ferimento de saída.

Já anotei um, mas ajudo-a a ver por si mesma.

— Bom, isso é bom. Isso significa que não teremos que cavar uma bala. Quanto sangue ele perdeu?

Não sei se ela espera que eu faça um cálculo real, mas tudo que posso fazer é segurar a primeira toalha que ele passou antes da toalha atual.

— Excelente. Isso é um bom sinal também. Haveria muito mais sangue se atingisse algo importante.

Eu já havia adivinhado o mesmo, mas não perturbo seu processo. — Me diga o que você precisa. — Eu levanto meu queixo para Paolo, que está parado na porta. Ele pega o telefone, o polegar pairando sobre o teclado.

— Uma agulha e linha para fechar as feridas. Gaze para embalá-los. Salina. Muita solução salina, para mantê-los limpos. Posso usar Everclear ou algum outro álcool em uma pitada, mas prefiro solução salina. E vou precisar de agulhas intravenosas de calibre 21, se você conseguir. E os sacos e tubos. Potássio de sódio para o IV. E um antibiótico. Ele é alérgico à penicilina?

— Não. — Minha garganta se fecha, uma nova onda de medo por Gio me inundando.

— Depois penicilina.

— Espere. Cópia de segurança. Eu não entendi tudo, — Paolo murmura.

Ela repete a lista para ele. — Além disso, qualquer analgésico ou relaxante muscular seria bom, porque vai doer pra caramba por um bom tempo.

— Entendi, — diz Paolo.

Estou me sentindo melhor sobre minha decisão de envolver Desiree a cada minuto. Sua ação rápida e incisiva é exatamente como ela conquistou minha mãe impossível de agradar quando trabalhava para ela. Ela é excelente no que faz.

E muito bom para os olhos também.

Não que eu a tenha arrastado aqui para isso.

Ela olha para as toalhas ensanguentadas novamente. — Acho que não vamos precisar de uma transfusão de sangue.

— Se o fizermos, você pode tirar meu sangue, — eu digo rapidamente. Lembro-me de ser analisado quando éramos crianças e nós, Tacones, éramos todos iguais, O positivo.

— Ou meu, — diz Paolo. Ele está quase tão pálido quanto Gio.

— Isso é para suprimentos médicos? — Eu pergunto.

— No porta-malas do meu carro está um kit médico. Eu gostaria de ter isso também.

— Leve o carro dela para um lugar seguro, — digo a Paolo.

— Pronto, — Paolo murmura, saindo.

Eu não tenho a menor ideia de onde ele vai conseguir toda a merda que ela precisa, mas eu sei que ele vai descobrir isso, assim como ele de alguma forma descobriu como encontrar e trazer Desiree. Esta é a vida do nosso irmão em jogo.



DESIREE

— Giovanni, — eu deixo escapar, finalmente me lembrando do nome do irmão de Junior. Eu o encontrei uma vez na casa da mãe dele.

Meu coração está batendo forte desde que o vi deitado na cama com um ferimento de bala encharcando os lençóis. Não sei por que me importo tanto, mas parece pior quando você conhece o cara.

E acho que mal o conheço, mas cuidei da mãe dele por quase três meses e ela falava dos filhos o tempo todo.

Suas pálpebras se abrem e ele se concentra em mim e geme.

— Não se mova, — eu o aviso. — Eu sei que dói. Não se preocupe. Nós vamos cuidar de você, Giovanni.

— Gio, — Junior murmura ao meu lado.

— Ele se chama Gio. Entendi. — Eu me endireito e olho para ele. — Escute, não posso fazer muito até que você me consiga os suprimentos. Não quero suturar a ferida até limpá-la. Acho que ele fica relativamente estável se não o deixarmos se mover.

Júnior acena com a cabeça. — Paolo está pegando os suprimentos.

E como não há nada a fazer senão esperar, decido fazer sentir a minha insatisfação. — Você não pode simplesmente me *sequestrar* sempre que precisar de uma enfermeira.

O rosto de Junior fica completamente impassível. Ele não diz nada.

Nada.

Como se ele nem fosse me honrar com uma resposta.

Eu bato em seu peito. — Seriamente.

Ele pega minha mão e a puxa de volta para seu peito. — Cuidado, boneca. Eu disse que deixaria passar da última vez. Se você me bater de novo, haverá consequências.

Um arrepio percorre minha espinha, mas é mais emoção do que medo real. Eu sei, porque minha calcinha também umedece. Adoro ter Junior falando sobre as *consequências* comigo com sua voz profunda e rouca enquanto segura minha mão em seu peito e fica a centímetros de distância.

Eu quase amo isso o suficiente para arriscar minha sorte e descobrir exatamente quais serão essas consequências, mas não sou tão estúpido assim.

Eu tento empurrá-lo para longe e recuperar minha mão, mas ele não se move e minha mão fica colada onde está.

Ele abaixa a cabeça e me fixa com um olhar sombrio. — Você cuida do Gio, eu cuido de você.

Agora um pouco de medo corre através de mim, embora eu ache que ele está me fazendo algum tipo de oferta, ao invés de uma ameaça. Eu ouço os tons de cada negócio da máfia na TV em suas palavras, e isso me assusta.

— Eu vou consertar ele e ficar até que ele esteja estável, mas é isso. Trabalho amanhã ao meio-dia no hospital.

Ele balança a cabeça. — Você não vai sair daqui até que ele esteja melhor. Não me importa que demore um mês. Amanhã você vai ligar para o trabalho e dizer que pegou uma gripe.

Eu fico boquiaberta com ele.

Merda. Eu definitivamente ainda sou um prisioneiro aqui.

— Minha mãe trabalha no mesmo hospital, ela vai passar na minha casa assim que sair do trabalho.

Sua máscara em branco não muda. — É melhor você pensar em alguma coisa, então.

Meu estômago cai.

— Ou o que?

Ele inclina a cabeça e me estuda por um momento. — Existe uma razão para não estarmos no hospital, *capiche* ?

Eu concordo.

— Então pense muito bem se você quer que sua mãe seja uma das minhas pontas soltas.

Meu corpo inteiro fica vermelho de gelo.

Isso foi definitivamente uma ameaça.

Uma ameaça muito assustadora.

E isso significa que também serei uma de suas pontas soltas? Quando minha utilidade acabar, ele vai se livrar de mim para que eu não fale?

Oh meu Deus do caralho.

Estou na merda aqui.

Meus joelhos se doíam. Eu provavelmente teria tropeçado para trás, exceto por seu aperto na minha mão.

Ele aperta meu queixo entre o polegar e o indicador para trazer meus olhos de volta para os dele. — Você vai ficar aqui até que ele melhore. Nenhum contato com ninguém de fora. E quando você for embora, terá dinheiro suficiente para comprar um carro novo. — Junior teve que me dar uma carona da casa de sua mãe uma vez, quando meu carro parou na frente da casa dela. Ele sabe quantos anos meu carro tem. — Ok?

Eu o empurro de novo, com lágrimas ardendo em meus olhos. Desta vez ele me deixa ir. — Não, não está tudo bem. — Eu pisco rapidamente para que ele não me veja chorar. — Você acha que tem meu número só porque eu dirijo um carro de merda? Você acha que pode simplesmente me sequestrar, assumir o controle da minha vida e consertar tudo com um maço de dinheiro?

É imprudente da minha parte discutir com ele. Estúpido, realmente. Eu nem sei se a oferta de dinheiro dele é real, ou apenas o que ele está me dizendo para ter certeza de que farei o trabalho. Eu sei que ele pode me obrigar a fazer isso, independentemente.

Mas eu estou acabando e não consigo parar minha fanfarronice agora.

— Eu poderia perder meu emprego, você sabe. Acabei de começar lá, só tenho um dia de licença médica acumulado.

Os lábios de Junior se fecham em uma linha reta e, pela primeira vez, percebo como ele parece letal. Eu sempre foquei no lado bonito antes. Mas agora? Agora vejo o rosto que os outros devem ver quando estão mijando nas calças e pedindo perdão a Deus por seus pecados antes de morrer.

Porque sua expressão é mortal.

— Se você perder o emprego, eu dou cobertura, ok? Agora pare de me dar merda. Seu trabalho está aqui por enquanto, e espero que você o faça bem.

Eu olho para ele, mas não ousa abrir minha boca novamente.

Ele me vira de costas para Gio. — Vamos, boneca, não torne isso difícil.

— Sua voz perde um pouco do aço, trazendo uma nota de persuasão. — Tinha que ser você, — diz ele para as minhas costas.

Eu resisto à vontade de olhar por cima do ombro para ele e pedir-lhe para elaborar.

— No segundo em que você entrou aqui, você sabia o que fazer. Você tomou conta da situação. Não confio em mais ninguém com a vida do meu irmão.

Algo rígido alivia em meu peito. — Tenho certeza de que há muitas outras pessoas, — murmuro.

— Não. — Ele se aproxima. Ele está bem atrás de mim, embora não me toque. — Tinha que ser Você. — Suas mãos vêm para a minha cintura, descansando levemente lá.

Formigamentos sobem e descem pela minha espinha. Meus quadríceps se contraem e tremem.

— Vou fazer valer a pena. — Ele inclina a cabeça para baixo na minha, sua boca perto do meu ouvido. — Eu prometo.

Juro que há insinuações nessa promessa. Espontaneamente, uma fantasia que tive quando trabalhava para a mãe dele vem à tona. Um em que ele me empurra sobre a mesa da cozinha, pegando-me rudemente por trás enquanto imploro para que ele seja gentil. Essa fantasia não parece muito longe de se tornar realidade agora e isso deve me aterrorizar. Ou me deixa doente.

Em vez disso, minha barriga começa a tremer e o desejo de empurrá-lo para suas condenáveis *consequências* ressurgem.

Felizmente, não sou tão idiota. Eu empurro o desejo de volta para baixo, enterro-o sob camadas de medo e retidão e juro nunca, nunca deixar minha atração por este homem aparecer novamente.

Ele é perigoso.

Ele não merece esse tipo de atenção de mim.

Eu não posso nem começar a entreter ideias como essa.

CAPÍTULO 3

JUNIOR

— Você chama Nico? — Paolo está ao meu lado enquanto observamos Desiree trabalhar em Gio.

São 3:00 da manhã e ela já desinfetou, suturou e tampou as duas feridas.

— Não, — eu me irrita. Você pensaria que o maldito Nico comandava esta família agora do jeito que todo mundo olha para ele. Sim, foi ele quem fez aos Tacones centenas de milhões. Ele nos tornou legítimos, nos afastou das atividades ilegais apenas trazendo o antigo negócio de jogos de azar para um estado onde tudo é legal.

Ele também não tinha nada a perder. Ele é o quarto filho do Santo Tacone. Ele escapou sem grandes expectativas em sua cabeça. Muito pouco sangue em suas mãos. Ele não tinha pressão para imitar os modos perversos de meu pai e manter a ordem em Chicago. Não precisava segurar *La Famiglia* e os bairros antigos juntos depois que nosso pai foi para a prisão.

— Devemos ligar para ele.

— Por que? — Eu estalo.

Paolo balança a cabeça. — E se isso for um grande erro, porra? *Madonna*, Junior, se Gio morrer...

— Ele não vai morrer, porra! — Eu estalo.

Desiree gira ao mesmo tempo e olha para Paolo. — Ninguém está morrendo no meu turno. — Ela esfrega álcool no antebraço de Gio para o

IV. — Se você vai derrubar meu paciente com sua má atitude, você deve ir embora.

Cristo, eu amo o mijo e o vinagre nela. Faz meu pau ficar tão duro quando ela levanta aquele queixo e lança um olhar de desafio bem na minha cara. Considerando que sua rebelião não vem da ignorância, eu diria que a garota tinha bolas de aço. Se ela tivesse coragem, é claro.

Paolo franze a testa e me puxa de volta para o corredor, fora do alcance da voz. — Ok, eu entendo que ela sabe o que está fazendo, mas que porra é essa, Junior? Você pensou seriamente nisso?

Eu ranjo os dentes e não dou uma resposta.

— Diga-me que você não estava pensando com seu pau quando me pediu para trazê-la aqui.

Eu envolvo meu punho em sua camisa e bato Paolo contra a parede, meu medo por Gio tornando meu nível de paciência normalmente baixo inexistente. — Cale a porra da sua boca. Ela está aqui porque ela é boa, é isso.

— Certo. — Ele está respirando com dificuldade, provavelmente trabalhando para manter seu próprio temperamento sob controle. — E o que acontece com ela quando isso acabar, hein? Você vai se livrar dela?

Eu o afasto da parede e o empurro de volta, porque não gosto que ele ameace a vida dela, mesmo de uma forma vaga e de segunda mão. — Não, *estrondo*. Eu vou pagar a ela. Dinheiro ou medo a manterão quieta. Ou uma combinação de ambos. Eu cuido disso.

Paolo não me olha nos olhos, mas sua mandíbula está em um ângulo taciturno. — Alguém deveria ligar para Nico.

Eu o solto e estendo minhas mãos, estilo italiano. — Seja meu convidado. — Eu me afasto, desço as escadas até a cozinha. Não consigo comer, mas sirvo alguns dedos de uísque para mim e jogo de volta.

Eu ouço a voz de Paolo ao telefone com Nico, mas ela não vem. Em vez disso, a porta da frente bate.

Minha pele arde de irritação, mas coloco outro dedo de uísque e engulo. Envie uma mensagem para Mario e diga a ele que quero uma empresa de conserto de vidros no Caffè Milano logo pela manhã. Nunca pretendi queimar esse negócio com a merda da Família. Vou passar lá pessoalmente para reembolsá-los pelos danos e garantir que ninguém vai denunciar assim que eu puder fugir. E depois que a poeira baixar.

Não sei quanto tempo fico ali com o copo vazio na mão, mas finalmente ouço passos leves descendo as escadas.

Desiree entra na cozinha. A exaustão aparece nas olheiras, o cansaço ao redor da boca.

Pego um copo novo, sirvo mais alguns copos de uísque e estendo para ela.

Ela olha para ele por um momento, então o pega sem dizer nada e o joga de volta. Seu estremecimento ao descer confirma minha suspeita de que ela não gosta muito de beber.

— Com fome? — Eu pergunto.

— Sim, mas acho que não vou comer. — Ela dá um tapinha nos quadris. — Não é bom para a figura feminina comer antes de dormir.

— Foda-se isso. Você trabalhou duro hoje. Seu corpo precisa de combustível.

Eu não sou o tipo de papai. Nem um pouco. Eu nem sei o que me faz insistir. Talvez eu esteja apenas ofendido por sua sugestão de que seu corpo curvilíneo não é a figura mais perfeita já feita.

Vou até a geladeira e a abro. É principalmente cheio de caixas para viagem e comida pronta assim. — Você quer um sanduíche? — Eu pergunto. — Ou tem meio calzone aqui.

— Você tem algum sorvete? — Sua voz suave está bem atrás de mim, e eu a registro com prazer distinto.

Abro o congelador, feliz porque sei que sim. Pego um pote cheio de biscoito de chocolate com menta da Ben & Jerry. Não sou grande fã de doces, mas comprei outro dia por um impulso estranho.

— Oh meu deus, esse é o meu favorito. — Ela literalmente arranca a caixa da minha mão e rasga a tampa.

Meus lábios torcem em um sorriso incomum quando abro a gaveta de talheres e pego duas colheres.

Entrego a ela um — Gosto do seu entusiasmo, boneca.

Ela torce o nariz, segurando a caixa de sorvete bem contra o peito enquanto enfia a colher. Ela se joga em uma das cadeiras da cozinha.

Não recebo ninguém em minha casa e, quando recebo, tenho o hábito de não fazê-los se sentir em casa. Portanto, não deveria me agradar que seja tão fácil para ela se sentir confortável.

Mas, novamente, esse é o mesmo traço de caráter que conquistou minha mãe. Ela não andava na ponta dos pés pela casa e agia rígida e formal. Ela governou o poleiro enquanto estava lá, mandando na minha mãe, o tempo todo fazendo um trabalho irrepreensível.

Sento-me na cadeira ao lado dela e tento enfiar a colher no sorvete.

— De jeito nenhum. — Ela o afasta, inclinando seu corpo para protegê-lo de mim.

Eu rio. — Uma colher. Dê-me um gosto.

Minhas últimas palavras pairam no ar entre nós, assumindo um tom erótico. Desiree cora um pouco quando oferece a caixa.

Pego uma colherada, saboreio a deliciosa guloseima e coloco a colher na mesa.

Desiree vasculha a caixa como se ela pudesse ser tirada dela a qualquer momento e ela precisa colocar o máximo nela antes que isso aconteça. Eu observo enquanto ela geme e geme de prazer, meu pau ficando duro. Toda vez que aqueles lábios carnudos se moldam ao redor da colher, fico com ciúmes. Prometo comprar a porra de uma caixa desse sorvete para ter em mãos enquanto ela estiver aqui.

Ela não para até que sua colher raspe o fundo e então ela cora novamente. — Caramba. É por isso que não devo comer antes de dormir.

— Você mereceu isso. — Minha voz soa enferrujada, o que parece certo, já que não é do meu feitio lançar elogios. Nunca.

Ela cora mais profundamente, parecendo claramente culpada. — Tenho uma tendência a comer estressada. — Ela coloca a caixa com uma colher grande sobrando nela.

— Gostei do espetáculo. — Eu não queria dizer isso, mas é a verdade. Observar seu lobo comendo o sorvete era muito fofo. Apreciei seu entusiasmo e claro prazer com a sobremesa.

Talvez na minha cabeça eu esteja pensando que o hedonismo que ela exibiu sobre o sorvete se traduz no quarto.

Não que eu vá transar com ela.

Eu *definitivamente* não vou transar com ela.

Já é ruim tê-la arrastado para essa tempestade de merda. Eu não preciso manchá-la ainda mais *comigo*.

La Madonna sabe, eu estrago tudo que eu chego perto.

Pego o último pedaço com a colher e estendo para ela. É estranhamente íntimo e, assim que o faço, percebo que é demais.

— Não. — Ela balança a cabeça e vira o rosto.

— Tem certeza ? Tudo bem. — Em vez disso, coloco a mordida na boca e seu olhar segue para os meus lábios, como se ela gostasse de me ver comer tanto quanto eu adorava vê-la.

Ela se levanta, passando as palmas das mãos pelo uniforme como se estivesse suado. — Então. Vou passar a noite, hein?

Certo. Ela não é uma convidada, ela é uma prisioneira. Preciso ter certeza de que ela entende isso.

Eu também vou. — Você vai ficar no quarto de Gio, — eu digo. — Dessa forma, se ele precisar de você, você o ouvirá.

Suas sobrancelhas se erguem e posso dizer que ela não gosta, mas ela não diz nada. Eu a colocaria em outro quarto de hóspedes, mas não confio em mim mesma com ela. Deus sabe que eu quero colocar minhas mãos em suas curvas atrevidas. Quero descobrir o gosto dela. Como é bater entre as pernas dela e fazê-la gritar.

Mas nada disso vai acontecer.

Então colocá-la no quarto de Gio é definitivamente o melhor plano.

Subimos as escadas até o patamar. — Você tem uma escova de dentes que eu possa usar?

Cristo. É como uma noite sem sexo. Não é algo que eu sempre faço; pernoites, quero dizer.

— Uh, sim, eu acho que sim. — Vou para o banheiro da *suíte* e pego uma cabeça de escova de dentes fechada para minha escova de dentes sônica. Eu entrego a ela com a pasta de dente e aponto para o banheiro de hóspedes.

— Obrigado. Eu já volto com isso.

Ela desaparece no banheiro e eu fecho meus olhos e me inclino contra a parede.

Talvez Paolo estivesse certo.

Talvez eu estivesse pensando com meu pau quando a arrastei para cá.

Talvez meu pau seja um filho da puta oportunista que não dá a mínima para quem eu estrago.



DESIREE

Durmo talvez três horas, o que não é surpresa. Coloquei codeína no soro de Gio, mas ele ainda acorda a cada trinta minutos gemendo.

E mesmo que eu esteja morta de cansaço, estou muito preocupada em ser prisioneira de Junior Tacone para poder descansar. Levanto-me quando o relógio marca 6h34 e entro no banheiro para fazer xixi.

Gio está dormindo, e uma espiada pela porta entreaberta de Junior me diz que ele também está.

É minha chance de partir. Eu deveria aceitar. Porque, embora Junior tenha me prometido um grande pagamento por ficar, não tenho certeza se a palavra dele é boa. Isso pode ser apenas o que ele está me dizendo para garantir que eu faça um bom trabalho. E quando Gio não precisar mais de mim, acabo no Lago Michigan com sapatos de cimento.

Eu não perdi a ameaça que ele fez se eu contasse a minha mãe. Ele teria que se livrar dela. Então, por que ele me manteria por perto?

Ele não iria.

Não, não posso deixar que minha atração por homens perigosos me coloque em perigo. Se eu tiver a chance de correr, devo correr agora.

Gio se contorce no sono e geme.

Merda. Talvez eu deva esperar até que sua condição esteja mais estável. O que eles farão sem mim?

Não, foda-se isso.

Não é problema meu.

Eu não me ofereci para este trabalho. Eles precisam descobrir por conta própria.

Calço os sapatos e o casaco e procuro minha bolsa, que tiraram de mim quando me agarraram no hospital.

Eu procuro no andar de baixo, verificando os armários. Eu até entro no quarto de Junior e faço uma varredura superficial. Quando ele bufa e rola, eu corro para fora da sala.

Dane-se a bolsa. Não vale a pena arriscar minha vida com as coisas que tenho na bolsa.

Desço as escadas e abro a porta da frente. Eu paro com a mordida do vento frio e olho para a escuridão acinzentada.

Porra. Eu deveria sair?

Se eu fizer, então o que? Ir para a polícia?

Talvez eu esteja maluco, mas não tenho a menor vontade de jogar Junior ou Gio para as autoridades, mesmo sabendo que eles certamente estão envolvidos em algo muito ilegal. Provavelmente mortal.

Mas se eu não for à polícia, o que impede Junior de simplesmente pegar minha bunda nas ruas de novo e me arrastar de volta para cá? E então tenho certeza de que perderei o dinheiro que ele prometeu, do qual preciso desesperadamente.

Para aumentar meu dilema, se eu sair por esta porta, nem sei para onde ir. Não tenho carro nem telefone. Está congelando e quem sabe a que distância estamos do transporte público. O bairro parece sofisticado - como Oak Park ou algum outro bairro com o nome de uma árvore.

— *Feche a porta.*

Eu pulo e ofego com a voz irritada de Junior descendo as escadas. Eu congelo, incapaz de sair correndo pela porta, ou obedecê-lo e fechá-la. A indecisão que me manteve ali pelos últimos oitenta segundos ainda me paralisa.

— Eu disse, *feche a porta*. Sua mão bate contra a porta, fechando-a.

Eu ainda não me mexo. Não se vire para olhar para ele. Não tente correr. Acho que é isso que eles querem dizer com — petrificado.

Tacone agarra a manga da minha jaqueta e a puxa, jogando-a no chão.
— Onde diabos você pensa que está indo?

Ah Merda. Ele tem a voz raivosa mais eficaz que já ouvi. Estou surpresa por não me irritar.

Eu ainda não me viro, apenas fico de frente para a porta como se de alguma forma me deixasse segura se eu não pudesse vê-lo.

Sua mão cai na minha bunda.

Eu suspiro de surpresa, mas honestamente, a palmada é bem-vinda.

Não é uma arma. Nem um fio em volta do meu pescoço. Não é nem um backhand. É um tapa. Na minha bunda. Simples e sexual.

Ele me bate de novo, com força.

Eu trago minhas mãos para a porta para me segurar, abro meus dedos, empurro minha bunda para fora.

Eu ouço a respiração de Junior sair rapidamente. Ele grunhe e estende a mão para capturar minhas mãos, empilhando um pulso sobre o outro e prendendo-os acima da minha cabeça enquanto ele faz chover tapas pungentes em toda a minha bunda e na parte de trás das minhas pernas.

Meu coração bate contra meu peito. Dói e ainda estou com medo, mas estou ficando cada vez mais excitado a cada segundo.

Isto é como uma cena das minhas fantasias. Ok, eles nunca envolviam surras, mas envolviam totalmente Junior me dominando. Me curvando sobre o sofá e me forçando a fazer sexo, ou me empurrando de joelhos e me fazendo chupar seu pau.

Estar recebendo uma surra em suas mãos definitivamente se encaixa na mesma categoria.

Ele para de espancar, sua respiração em meu ouvido. Nós dois ofegamos como se tivéssemos dado uma volta no quarteirão. Ele não soltou

meus pulsos e eu amo a sensação de ser capturada por ele. Meu corpo reage antes que eu possa me conter. Eu jogo minha cabeça para trás, empurro minha bunda contra seu corpo.

Para minha decepção, ele me solta e dá um passo para trás. — Suba para o meu quarto.

Ms. Bluster faz uma aparição completa. Eu giro e coloco minhas mãos em meus quadris. — Para que?

Seu olhar está com as pálpebras pesadas. Ele está parado ali de camiseta branca e cueca boxer, o que não o deixa nem um pouco vulnerável. Não, a maneira como ele os preenche - os músculos do peito e dos ombros esticando a camisa de algodão, o pênis alargando a cueca, ele é tão autoritário quanto está de terno. — Eu não terminei de punir você. — Ele aponta o queixo em direção à escada, em uma repetição silenciosa de seu comando.

Minha boceta apertada, mas não consigo abandonar a atitude. Eu ergo um quadril. — O que implica a punição? O

Ele se move mais rápido do que eu pensaria ser possível para um cara tão grande. Em um segundo estou parada ali, de frente para ele, no próximo estou sobre seu ombro sendo carregada rapidamente escada acima. Sua mão bate na minha bunda. Eu chuto minhas pernas e me contorço porque a resistência faz parte da minha fantasia.

Ele me leva para seu quarto e fecha a porta com um chute, depois me joga no meio da cama.

Estou sem fôlego, principalmente animada, um pouco assustada. Até agora ele não me machucou, a menos que você conte com um tapa na minha

bunda, o que eu não faço. Sim, ainda arde, mas lembro-me das palmadas de criança que passavam em menos de meia hora.

Eu observo, fascinada, enquanto ele tira meus sapatos, então puxa meu uniforme pelos meus quadris e pelas minhas pernas.

Eu me movo automaticamente para puxar minha blusa e jogá-la no chão com o resto das minhas coisas. Posso parecer um pouco ansiosa demais. Não faço sexo há mais de três anos. Estou apenas agradecendo a Deus por estar usando sutiã e calcinha combinando, um conjunto vermelho de cetim e renda que fica ótimo na minha pele cor de caramelo.

— *Cristo*, — ele murmura, olhos negros, narinas dilatadas. Ele olha para o meu corpo com fome. — Você sempre usa esses números sensuais de renda sob seu uniforme? — Ele sobe em cima de mim, me empurrando de costas e prendendo meus pulsos acima da minha cabeça. — Ainda bem que eu não sabia disso quando você trabalhava na casa da minha mãe. — Ele monta em meus quadris, as linhas selvagens de seu rosto pairando sobre as minhas.

— Agora ouça com atenção, garotinha. Você tem uma chance de dizer não se não quiser que sua punição envolva eu enfiar meu pau em um de seus buracos sexy pra caralho.

Suas palavras me chocam e meu corpo estremece sob o dele, mas não é de medo. É de um chute de luxúria.

Ainda assim, sou uma lutadora que sempre tem que mostrar resistência. Eu lambo meus lábios. — Qual é o meu castigo se eu disser não?

Ele se afasta um pouco e quase me arrependo de ter perguntado. — Eu guardo meu pau, bato um pouco mais na sua bunda e mando você de volta para o quarto de Gio para fazer o que você manda.

Faça o que eu disse. Tenho certeza que em algum nível isso me ofende. Só não está passando pelo meu cérebro no momento.

— E se eu disser que sim?

Um brilho diabólico ilumina seus olhos. — Você vai acabar comigo batendo em você até que você esteja bem e arrependida. *E então* vou bater em sua bunda e mandá-lo de volta para o quarto de Gio para fazer o que você disser.

Eu me contorço na cama, rolando meus quadris sob os dele, desesperada por algum atrito no meu clitóris. Meu corpo inteiro está iluminado com a necessidade. Encharcada de desejo. — Vou ficar com a segunda opção. — Quase não reconheço minha voz ofegante.

Seus olhos brilham com o que parece ser satisfação. — Sim?

— Posso escolher qual buraco?

Seus lábios se torcem em um sorriso perverso. — Ah, não, querida. — Ele me vira de bruços. — Isso é punição. Isso significa que a escolha é minha.

Mais uma vez, foguetes de desejo disparam através de mim. Isso é exatamente o que eu queria. A forragem de todas as minhas fantasias.

Ele abre meu sutiã nas costas e o tira de mim, então puxa meus pulsos para trás e os amarra com ele. Minha calcinha sai em seguida, e ele puxa meus quadris até que eu esteja de joelhos com meu rosto e ombros ainda esmagados nas cobertas. Ele passa a mão na minha bunda. — Você fica tão bem nas minhas impressões digitais. — Ele bate na minha bunda e depois

esfrega. Seus dedos mergulham entre minhas pernas e ele faz um barulho de satisfação com o que encontra lá.

— Agora me diga, querida. Ele circula meu clitóris. — O que te deixou tão molhada? Sua surra? Ou sabendo que você está prestes a ser fodida? Ele dá um tapa na minha buceta. — Ou estar sendo amarrado e à minha mercê?

Eu não respondo. Na verdade, não tenho certeza se sou capaz de falar. Além disso, parece uma pergunta retórica.

Isso me rende uma enxurrada de palmadas duras. — Eu te fiz uma pergunta, boneca.

— Ohh-oh, — eu gemo quando ele volta a esfregar meu clitóris. Ele está mais duro desta vez e já estou chegando perto do clímax, apenas com algumas palmadas e massagens.

— Hum? — Ele me bate cinco vezes exatamente no mesmo lugar e eu grito e me afasto.

— Tudo isso, — murmuro nas cobertas.

— Tudo isso, — ele reflete. — Vamos testar isso. — Ele começa a espancar, forte e rápido. Apenas palmadas. Sem esfregar. Sem carícias. Fica intenso e eu começo a torcer e choramingar um pouco.

Ele bate entre as minhas pernas.

Eu grito.

Ele esfrega minha fenda. — Mmm. Sim. Bater definitivamente te deixa molhada, não é, boneca? Ele bate na minha buceta novamente.

É uma sensação tão boa, embora me assuste. Mesmo que arda e envia tremores nervosos para minha barriga. Eu quero mais disso. Precisa de mais disso.

Eu abro mais meus joelhos, afundo na posição, oferecendo a ele.

Ele xinga em italiano e me bate leve e rápido entre as pernas. *Tapa-tapa-tapa-tapa.*

Eu grito.

Ele belisca meu clitóris. — Não venha, bebê. Isso é punição, lembra?

Melhor. Punição. Sempre.

Já estou a meio caminho de um orgasmo. Talvez ainda mais perto. Meu corpo está febril, desesperado.

Junior agarra minhas coxas e separa minhas nádegas, me lambendo do clitóris ao ânus.

Eu grito com a sensação. No tabu de ter meu ânus lambido.

Junior ri da minha reação. — Eu deveria foder sua bunda, não deveria? — Ele empurra contra o anel apertado de músculos, massageando minhas costas. Eu me aperto contra a intrusão, apertando meus olhos fechados. — Eu acho que sua desobediência merece uma boa foda.

Balanço a cabeça, esfregando o rosto na colcha. — Não por favor. — Não sei se estou me condenando ainda mais ao deixá-lo saber que não quero isso, mas sou uma virgem anal total. E estou morrendo de vontade de senti-lo entre minhas pernas. — Minha buceta. Por favor. Faz tanto tempo que não faço sexo. Eu sei que parece patético, e fere meu orgulho admitir isso, mas talvez ele tenha misericórdia de mim e me dê o que eu preciso.

— Isso está certo? — Junior arranca a atadura dos meus pulsos e me vira de costas. — Você precisa do meu pau aqui? — Ele mergulha o polegar na minha boceta, esfregando meu clitóris com a palma da mão.

Eu arqueio, empurrando meus mamilos duros em direção ao teto. — Sim. Por favor, Júnior.

Ainda bombeando o polegar para dentro e para fora, ele agarra o pênis com a outra mão e o puxa para fora da cueca boxer.

Eu me apoio nos cotovelos para ver melhor.

Seu sorriso é selvagem. — Você é linda pra caralho, boneca.

Linda.

Huh.

Há muito tempo não me sinto bonita. Eu tenho esses vinte quilos extras que nunca consigo perder, e estou sempre estressada com a preocupação de encontrar Jasper. Mas Junior não parece ser o tipo de cara que diz coisas só para ser legal. E do jeito que ele está olhando para mim, eu realmente acho que ele quis dizer isso.

— Você tem camisinha? — Estou surpresa com o quão tímida eu pareço. Não é nada parecido comigo.

Sua resposta é suave, seu olhar indulgente. — Sim. — Ele continua acariciando seu pau e eu ao mesmo tempo. — Vou encontrar uma. — Ele puxa o polegar para fora de mim como se isso o matasse e vai para o banheiro da *suíte*. Ele volta com um *punhado* de preservativos. Acho que ele realmente planeja me bater até que eu esteja bem e arrependida.

Ele os joga na cama e abre um com os dentes. Observo, fascinada, enquanto ele tira a camisa pela cabeça. Ele é todo corpulento, peito peludo, uma tatuagem cobrindo o peitoral e o ombro direito. Ele também tira a cueca e enrola a camisinha sobre sua masculinidade impressionante.

— Abra essas pernas para mim, baby. Espalhe-as bem e mantenha-as lá.

Abro minhas pernas bem abertas, pés apontados para o teto.

— É isso. — Ele alinha a cabeça de seu pênis embainhado com a minha entrada. — Você os segura lá até que eu diga. *Capiche* ?

Eu quebro meu cérebro para lembrar a resposta certa. — *Capito!* — Eu deixo escapar e seus olhos se iluminam, uma sombra de um sorriso aparece em seu rosto. Ele recolhe meus pulsos e os prende acima da minha cabeça novamente, então empurra para dentro de mim.

Eu gemo com a sensação dele me preenchendo, empurrando para dentro. Faz muito tempo desde que fiz sexo e não me lembro de ter me sentido tão bem. Eu balanço meus quadris para cima para atender seus impulsos, com cuidado para manter a posição de águia aberta. É meio ridículo e me sinto uma espécie de boneca sexual, mas é exatamente o que funciona para mim. Adoro a degradação disso, a sugestão de que isso pode ser árduo, em vez de prazeroso para mim.

Eu começo a fazer todos os tipos de sons. Nunca entendi como as pessoas podem fazer sexo e não gritar a plenos pulmões. Não consigo evitar todo o barulho que sai da minha garganta, os gritos, os gemidos, as palavras ininteligíveis. Eu imploro, imploro, persuado. Eu mostro minha gratidão com cada som honesto.

— *Fanculo*, — Junior murmura, batendo mais forte, o suor escorrendo na linha do cabelo.

Fiel à sua promessa, ele fode duro. Cada impulso é mais profundo. Se ele não continuasse me puxando para trás, minha cabeça iria bater na cabeceira da cama.

Sua mão pisca e dá um tapa no meu seio direito.

Eu grito de surpresa ofendida, mas ele aperta, se inclina e passa a língua sobre meu mamilo, o tempo todo montando em mim como se estivéssemos em uma corrida de cavalos.

— Júnior, — eu suspiro.

A tensão de segurar mostra em seu rosto, mas ele ainda consegue levantar uma sobrancelha. — Você está se sentindo bem e arrependida?

Soltei uma risada histérica. — Sinto muito. Sinto muito. Por favor, Júnior.

Em vez de nos levar ao fim, ele desiste.

— Não! — Eu protesto.

Ele me rola até a barriga. — Espalhe, querida.

Eu abro minhas pernas. Ele agarra minha nuca, como se estivesse me segurando, e me penetra por trás.

É tão bom que quase desmaio. Cada golpe é o paraíso sobre rodas.

Eu viro meu rosto para não sufocar nos cobertores, e ele me cavalga com força por trás, sua virilha contra minha bunda, enquanto ele empurra profundamente.

— Júnior!

— Foda-se, sim, querida. Goze em cima do meu pau agora. Aperte-me com força, boneca.

Eu aperto meus músculos em torno de seu pênis e ele grita algo em italiano, bate com força suficiente para bater a cama contra a parede uma, duas, três vezes. Na quarta, ele fica dentro de mim e goza.

Meus músculos internos vibram ao redor de seu pênis, apertando e relaxando quando eu gozo também. Estou tonta. Estou perdida.

E então, por algum motivo desconhecido, estou chorando.



Júnior

Filho da puta.

As belas costas de Desiree tremem com os soluços e eu quase perco a cabeça. Eu a rolo, fazendo o meu melhor para manter minhas mãos gentis quando a urgência me faz querer puxar e rasgar.

— Desiree. Bebê. Porra. — Eu a pego em meus braços enquanto ela tenta esconder o rosto nas mãos.

Merda.

— Eu não queria quebrar você, boneca. Eu realmente não sabia.

É exatamente o que eu estava tentando não fazer. É por isso que eu fui quente e fodi com ela em vez de ligar o gelo e assustá-la com ameaças ou força.

O que estou dizendo? Eu nem queria transar com ela. Eu não sabia o que fazer, tudo que eu sabia era que a merda usual que eu vomito para as pessoas quando estou ameaçando a vida das pessoas que elas amam não sairia. Então eu bati na bunda dela.

E então ela abriu as mãos na porta e empurrou os quadris para trás como se ela gostasse, e eu estava perdido.

Mas devo ter interpretado mal as dicas dela.

Algo deu muito errado porque agora ela está soluçando e enxugando as lágrimas como se não pudesse parar.

Ela luta para se sentar. — É bom. Estou bem. — Ela enxuga as lágrimas com os dois dedos. — Nem sei porque chorei. Só o lançamento, sabe? Estou muito cansada, e isso tem sido estressante, — e ela acena com a mão, uma torção triste de seus lábios carnudos, — tudo saiu. Me desculpe, isso é tão embaraçoso.

— Embaraçoso? Foda-se isso. Eu não vou deixá-la ir, embora ela esteja lutando pela soberania. Em vez disso, eu a puxo para sentar em meu colo, segurando-a com força contra meu peito. — Você está realmente bem? — Eu acaricio para cima e para baixo suas costas nuas.

Ela dá uma risada aquosa. — Sim. Podemos, por favor, esquecer que isso aconteceu?

— Pare, — eu comando. — Eu não dou a mínima se você chorar toda vez que gozar. Inferno, eu não me importo se você vomitar. Contanto que eu saiba que foi bom para você.

Ela ri contra o meu pescoço, ainda escondendo o rosto ali. — Foi bom.

— Muito áspero? — Ainda estou em estado de choque por pensar que a machuquei ou assustei.

— Não. — Seus lábios se movem contra o meu pescoço. Ela está me beijando? — Eu gostei.

Continuo a abraçá-la com força, em parte porque adoro a sensação de tanta pele macia contra a minha. Mas também porque acho que ela precisa ser segurada, mesmo que esteja tentando se recompor e fingir que nada

aconteceu. E não ignoro o fato de que causei o estresse que ela teve que liberar com as lágrimas.

— Eu tive essa fantasia... — eu a ouço dizer em voz baixa. Como se ela estivesse me contando um segredo, aqui no escuro. — Na época em que eu trabalhava para sua mãe. Eu costumava imaginar você me forçando a fazer sexo.

Eu de alguma forma consigo não endurecer. Ela está falando sobre uma *fantasia*. Isso não significa que ela acredita que eu forçaria uma mulher a fazer sexo comigo.

— Você fica excitada com um pouco de violência no quarto, boneca?

Ela apoia o queixo no meu ombro. Seus seios nus empurram contra meu peito. — Não sei. Sim, eu acho que sim. Quero dizer, apenas uma fantasia, certo? Claro que eu nunca gostaria de ser forçado na vida real. E qualquer cara que faça isso...

— Sim, sim, — eu interrompo. Prefiro ficar com as fantasias dela do que discutir estupro. Eu puxo seus quadris contra os meus. Sua boceta ainda está escorregadia com seus sucos e esfrega meu pau, deixando-me semiduro novamente.

Seus lábios encontram o lugar onde meu ombro encontra meu pescoço novamente. Desta vez, tenho certeza de que é um beijo ou uma mordida de amor ou qualquer outra coisa.

— Eu não posso nem acreditar que estou te contando. É que você meio que tornou tudo realidade. No bom sentido, — ela se apressa em acrescentar. — Não quero dizer que realmente me senti forçada.

Meu pau aumenta. — Bem... — Eu continuo acariciando suas costas, acariciando sua bunda, consumindo-a. — Fico feliz em representar essa fantasia com você repetidas vezes. — Aperto ambas as nádegas com força, levantando e abaixando-a lentamente sobre o meu pau. — Digamos apenas que enquanto você estiver nesta casa, você pode estar sujeito a foder forçada sempre que eu quiser.

Sua respiração prende e ela fica imóvel, como se estivesse pensando sobre isso.

— Vamos precisar de algum tipo de sinal, eu acho, — eu sugiro. — Então eu saberia se você realmente *não* quer.

— Você quer dizer como uma palavra segura? — Seu gorjeio é pequeno de novo, e meio que me mata ouvi-la desse jeito, porque ela geralmente é tão cheia de confiança.

— Palavra segura. Certo. Eu acho. — Não sei nada sobre BDSM, mas uma palavra segura faz sentido.

— Que tal se eu disser... *manteiga de amendoim* se eu quiser que pare?

Eu sorrio. — Manteiga de amendoim. Entendi. Vai se lembrar disso, boneca? Se eu tiver você presa e nervosa?

— Lembrarei. Você poderia? — ela exige, sua atitude atrevida retornando.

— Sim. Você acabou de concordar em ser meu bichano sob demanda pelo resto do tempo que estiver aqui?

Ela morde meu ombro com força suficiente para deixar uma marca. — Não. Você acabou de concordar em ser meu gigolô.

Eu rio, acariciando sua pele macia. Não tenho certeza de quando sorri ou ri pela última vez. Mas, novamente, eu não faço sexo assim há... bem, talvez nunca.

Mesmo com Gio em estado crítico na sala ao lado, o peso que geralmente paira sobre minha cabeça parece temporariamente dissipado.

E odeio acabar com isso, mas Gio está esperando. E preciso acertar as coisas com a enfermeira dele.

Eu me afasto para poder ver o rosto de Desiree e pego sua mandíbula em um golpe de mão. — Ok, boneca. Ainda temos coisas sérias para conversar.

Seus olhos se arregalam.

— Por que você estava saindo?

Desiree cede um pouco. — Eu não fui embora, — ela insiste. — Eu estava *pensando* nisso.

Eu me forço a não sorrir. É tão fofo como ela sempre discute comigo.

— Ok. Por que?

Ela dá de ombros, uma expressão ligeiramente obstinada se estabelecendo sobre ela. — Não tenho certeza se vou sair daqui viva. — Ela levanta o queixo, um desafio direto brilhando em seus grandes olhos castanhos.

Agora é a minha vez de ceder. Por mais que seu medo me irrite, ela tem razão em se preocupar. Ela vai ser uma ponta solta, e se eu fosse inteligente, se eu fosse implacável, garantiria que ela não saísse daqui e falasse.

— Oh bebê. — Eu libero sua mandíbula e deixo meu aperto descer por sua garganta. Não é uma ameaça, mas ela engole convulsivamente sob minha mão. — Eu não tiro mulheres inocentes. — Eu sigo sua mandíbula. — Especialmente aqueles que trabalham duro para salvar a vida do meu irmão. — Eu seguro atrás de sua nuca e a puxo para mim para beijar seu pescoço. — Especialmente aquelas com pequenas sardas em seus narizes arrebitados. — Eu bato em seu nariz. — Eu prometo que você vai sair disso com as recompensas que você merece. Eu sei como mostrar meu apreço às pessoas que provam sua lealdade. Vou cuidar de você, Desiree.

— Você não tem medo que eu fale? Quero dizer, há uma razão para Gio não estar no hospital, certo?

Arrependimento passa por mim. Eu gostaria que ela não estivesse me pressionando sobre isso. — Oh, querida, eu tenho centenas de maneiras de evitar que você fale, e nenhuma delas envolve colocá-la a dois metros de profundidade. Mas não quero fazer ameaças. Não com o seu gosto ainda na minha língua. Não quando você acabou de me fazer gozar com mais força do que em anos.

Eu observo o véu de luxúria cair sobre seu rosto e ela se contorce no meu colo em um giro inebriante.

— Então eu vou dizer isso, e só vou dizer uma vez. Preciso que fique aqui e cuide do Gio. Preciso que prometa que não vai contar a ninguém onde está ou com quem está. Nem agora nem nunca. E preciso que saiba que se me desobedecer novamente, haverá sérias consequências. *Capiche ?*

Seu rosto fica pálido e eu detecto um pouco de raiva em sua expressão, mas principalmente ela o mantém escondido. Ela sai do meu colo e, desta

vez, eu a deixo sair. — É, eu entendi. — Definitivamente um tom sombrio em sua voz.

Bem, isso é bom. Ela precisa ter medo de mim.

Eu não posso simplesmente fodê-la para obedecer, por mais que eu tente.

CAPÍTULO 4

DESIREE

Eu puxo minha roupa de baixo e meu uniforme do dia anterior, desejando poder chutar Junior.

Eu não sei o que diabos eu estava pensando, fazendo um acordo de sexo com o homem! Eu não vou continuar com isso. Definitivamente vou apelar para *manteiga de amendoim* na primeira vez que ele tentar colocar as mãos em mim.

Júnior é perigoso. Eu fui estúpida por fazer sexo com ele uma vez.

Não preciso repetir o erro.

Vou verificar Gio, embora tenha atualizado seu soro e remédios antes de tentar sair. Ele ainda está bem. Sem febre. O pulso está em uma faixa decente. Ele está suando um pouco, e eu puxo os cobertores para baixo para lhe dar um pouco de ar. Eu uso o lençol de baixo para rolar ele de lado para ele não ficar com escaras.

Quando termino, entro no quarto de Junior como se eu fosse o dono do lugar e abro suas gavetas até encontrar suas camisetas. Ele não está por perto - eu o ouço falando ao telefone lá embaixo. Ele só tem uma gaveta de gola V branca limpa, nem uma única cor ou camiseta gráfica para ser encontrada. Pego uma e vou para o banheiro de hóspedes, onde tomo um banho.

Eu faço isso longo e cheio de vapor. Não há lâmina de barbear, mas há sabonete e xampu, então eu me lavo e fico parado sob a corrente d'água, como se pudesse lavar as últimas vinte e quatro horas de mim.

Só que não demora muito para que eu comece a pensar no sexo incrível que acabamos de fazer. Era quente e cheio de fantasia, mas também mais.

Ele me chamou de linda.

Ele rolou com o meu colapso, me *segurou* , até.

Um pouco da minha amargura desaparece. Sim, Junior é irritante. Ele está me mantendo prisioneira aqui. Ele tomou liberdades imperdoáveis com a minha vida quando decidiu que eu seria a melhor pessoa para este trabalho.

Mas ele não é de todo ruim. Ele não pode ser. Ele ama seu irmão. Ele ama sua mãe.

Ele é um assassino de sangue frio, a voz na minha cabeça avisa.

Verdadeiro. Ele praticamente admitiu isso. *Não tenho o hábito de matar inocentes.* Talvez não, mas e culpados? Tenho certeza de que ele faz justiça a eles de muitas maneiras horríveis.

Ele consertou meu carro, me empurrando, argumenta. Ele me segurou quando eu chorei.

Ele fode como um demônio.

Ok, isso não é uma razão boa o suficiente.

Desligo a água e saio, me secando com uma toalha que tirei do armário. Eu coloco minhas roupas de volta, exceto que eu visto a camiseta de Junior em vez da parte de cima do meu uniforme.

Quando saio, vozes masculinas ressoam lá embaixo. Eu endireito meus ombros e jogo o mesmo jogo que joguei como uma enfermeira de assistência médica domiciliar: aja como se eu comandasse o show por aqui até que todos

aderissem e confiassem em mim o suficiente para me deixar fazer meu trabalho.

Vasculho os armários até encontrar uma muda de lençóis, que levo para o quarto de Gio. Junior trocou as toalhas ensanguentadas, mas ainda precisamos trocar os lençóis, que apresentam algumas manchas de sangue. Começo a puxar os cantos do outro lado, longe de Gio.

— Hora de ligar para o trabalho, boneca. — Junior está parado na porta, segurando meu telefone. Ele também tomou banho e se vestiu e parece arrasador como sempre em uma camisa de botão e calça social.

Ele acena para mim, o que me irrita pra caralho, mas eu vou. Ele me entrega o telefone. Começo a me virar, mas ele segura meu antebraço. — Uh uh. Fique aqui enquanto liga.

Eu bufo e reviro os olhos, mas meus dedos tremem um pouco quando pego o telefone porque sei que ele está preocupado comigo tentando pedir ajuda. Não estou pensando em tentar nada. Eu acredito que ele pretende me deixar ir quando tudo isso acabar. E estou disposto a ver isso. Não significa que estou feliz com isso, ou que acho que o que ele está fazendo é certo, mas talvez o dinheiro que ganho com isso me ajude a finalmente encontrar Jasper.

Eu ligo para o meu departamento no hospital e pareço miserável. — Ei, Shelly, é Desiree Lopez.

— Olá, Desirée. Você não soa muito bem.

— Não me sinto muito bem. — Forço uma tosse forte. — Acordei esta manhã com aquela gripe desagradável. Não posso ir trabalhar hoje.

— Ok, eu vou deixá-los saber. Espero que você se sinta melhor!

— Obrigada, — eu gemo e termino a ligação, então levanto um olhar desafiador para Junior.

Seus lábios se contraem. — Boa menina. Agora, o que você vai fazer com sua mãe?

Já pensei nisso e tenho uma ideia. — Vou mandar uma mensagem para ela.

Ele pega o telefone, como se não confiasse em mim, e eu o puxo de volta para o meu peito, empurrando minha mandíbula para frente.

— Preciso ler antes de clicar em enviar, — ele avisa.

— Ok. — Eu digito uma mensagem para minha mãe, dizendo a ela que eu liguei para o hospital dizendo que estava doente, mas eu realmente tinha um trabalho de assistência médica domiciliar que pagava o dobro, então eu ia ficar com ele durante a semana. Eu disse que envolvia viajar com uma paciente doente, então eu não estaria por perto, mas iria checar e ligar para ela quando voltasse.

Entrego a Junior sem enviar e ele lê. — Bem pensado.

— Vossa Alteza aprova?

Ele aperta enviar e levanta as sobrancelhas para mim. — Você realmente vai ficar tagarela comigo?

Abro meus lábios para perguntar o que acontece se eu fizer isso, mas a lembrança do castigo que ele já deu me deixa vermelha. Meus mamilos formigam e queimam com a memória de exatamente como ele é *punitivo*.

Os cantos de sua boca se curvam ligeiramente e sei que ele leu meus pensamentos. Ele coloca meu telefone no bolso. Eu franzo a testa.

— Estou esperando muito mais que o dobro, sabe, — digo a ele. — Eu só tinha que torná-lo crível para minha mãe.

Eu o observo atentamente para uma reação, porque isso é importante para mim. Preciso saber se realmente há um pagamento considerável envolvido aqui. Como sempre, ele não mostra nada em sua expressão, apenas me observa.

— Você disse o suficiente para comprar um carro novo. Sobre o que estamos conversando? Vinte mil? Trinta?

Ele concorda. — Trinta, com certeza. Mais se você merecer. Não há nada obsceno na maneira como ele diz isso, mas minha mente instantaneamente salta para o sexo imundo e meu corpo acelera, ansioso para se ocupar ganhando todas as riquezas que puder. — Por que você precisa disso?

Eu franzo a testa para a pergunta intrusiva.

— Eu sei que há uma história que você não quer que eu saiba.

Engraçado como qualquer resposta possível fica presa na minha garganta, e sou pega olhando para ele como um animal preso. — C-como você sabe disso? — Eu gaguejo.

Ele inclina a cabeça para o lado. — Meu negócio é ler as pessoas.

Para que ele possa chantageá-las.

Eu empurro esse pensamento para fora da minha cabeça.

De alguma forma eu me recupero da dor rápida que sempre acompanha pensar em Jasper. Cruzo os braços sobre o peito. — Você tem razão. Não quero que você saiba.

Seus lábios se contraem e ele bate no meu nariz. — Eu vou descobrir.
— Suas palavras são suaves. Não é uma ameaça. E, no entanto, sua certeza, e a certeza de que qualquer coisa na minha vida que ele queira foder, ele pode, envia arrepios na espinha.

Eu quero gritar com ele para ficar fora disso, mas eu mordo meu lábio. Quanto mais emoção eu demonstrar, mais ele saberá que esse é um problema que guardo no coração.

Não é como se o conhecimento dele fizesse algum mal, não faria. Mas esse é um assunto que não suporto falar, mesmo com minha própria mãe. Isso me mata. E já desmoronei uma vez no Junior esta manhã. Eu não planejo repetir o show hoje ou nunca.

— Pedi a Paolo para trazer comida. Não sei o que você gosta de comer, mas tem bastante por aí. Vá e sirva-se.

— Depois que eu trocar este lençol. Eu preciso que você o levante. Eu empurro minha cabeça na direção da cama.

— Ok, boneca. — Eu juro que detecto diversão no tom de voz de Junior, como se ele achasse engraçado eu estar mandando nele.

Eu sei que é loucura, mas não consigo evitar. Bluster é o que eu faço quando estou nervosa.

Dou a ele instruções sobre como levantar Gio usando o lençol existente para que eu possa colocar o novo por baixo e troco a coisa para minha satisfação. Ao sair com os lençóis sujos nos braços, passo por Paolo, que agora percebo ser outro irmão Tacone. Ele me observa enquanto saio, mas não me cumprimenta nem comenta.

No andar de baixo, encontro uma variedade de comida para viagem da Starbucks, um café com leite fumegante e sanduíche de ovo, bagels, muffins. Há também uma sacola de compras no balcão que não foi guardada.

Tomo a liberdade de descarregá-la.

Quatro canecas do meu Ben & Jerry's favorito. Eu empurro para trás a apreciação que borbulha. Meus relacionamentos anteriores me deixaram faminta no departamento de presentes. Alguém comprando meu sorvete de biscoito de menta não é motivo para enlouquecer.

Preparo um bagel com cream cheese e me sento para comer.

Eu posso superar isso. Se cuidarmos bem da ferida, Gio deve estar estável em uma semana. Então vou receber uma boa quantia em dinheiro, que posso usar para intensificar os esforços para encontrar Jasper. Descobrir onde meu ex babaca se escondeu com nosso filho.

Estou fazendo isso por Jasper.

Esse pensamento me acalma. Facilita tudo. Posso lidar com Junior Tacone e tudo o que vem com este trabalho se isso significar trazer meu filho de volta.



Júnior

— Nico e Stefano estão voando esta tarde, — diz Paolo, seu foco em Gio, não em mim.

— Por que? — Eu me irrita.

— Porque ele é nosso irmão! — Paolo cospe de volta.

— E você contou para Alessia e Ma? Eu exijo. Eu já sei que não. Nós Tacones temos um código que envolve não preocupar as mulheres da família.

— Claro que não. Elas não precisam saber. Nico e Stefano fazem parte do negócio.

— Eles fazem?

Eles não fazem, realmente. Somos parte do negócio deles, porque *La Famiglia* investiu o dinheiro para abrir o cassino Nico's Vegas e agora somos todos acionistas da corporação. Mas Nico não faz parte do nosso negócio há mais de dez anos. E essa coisa não é a porra de uma democracia. Eles não chegam a pesar só pelo mérito de serem meus irmãos. Nem Paolo, aliás. Mas meu mandato como chefe da família é por natureza difícil, porque tecnicamente nosso pai ainda está morto, e qualquer um dos filhos da puta pode correr para ele se achar que estou fodendo as coisas.

— Bem, eles entendem de negócios, de qualquer maneira. — Paolo enfia as mãos nos bolsos, numa postura de concessão.

Eu não respondo.

— Como ele está, afinal?

— Desiree diz que ele está estável.

— Bom.

Apenas dizer o nome de Desiree me faz lembrar como ela se sentia deliciosa sob meu corpo esta manhã. Os lindos sons que ela fazia, o jeito que ela se entregava tão completamente. Nunca em um milhão de anos sonhei que realizaria a fantasia de uma mulher, mas sabendo que posso?

É quente pra caralho.

E embora eu tenha sido um idiota com ela depois que conversamos, tenho o forte desejo de recompensá-la por se entregar a mim dessa maneira. E por ser ela.

Ela apareceu esta manhã, tomando banho e vestindo uma das minhas camisas. Nem me pediu permissão, apenas se serviu.

Eu não sei por que eu amo isso nela. Talvez porque Marne, minha ex, seja tão incapaz de fazer qualquer coisa por si mesma com ou sem permissão.

Mas por mais que eu goste de saber que ela está usando minhas roupas, ela vai precisar de suas próprias coisas.

— Escute, você fica aqui e fica de olho nele, hein? Vou levar Desiree ao apartamento dela para fazer uma mala.

Paolo assente. — Claro.

— Onde você colocou o carro dela?

— Está na sua garagem.

— Bom. Estarei de volta em algumas horas. Me ligue se alguma coisa mudar com Gio.

— Eu vou.

— E ligue para Vlad. Precisamos marcar uma reunião para lidar com a porra da configuração deles. No que me diz respeito, estamos em guerra. Descubra qual é a palavra na rua sobre os russos. Eu quero todos os ouvidos no chão.

Paolo acena com a cabeça, telefone já desligado.

Desço as escadas correndo e encontro minha cozinha impecável, Desiree limpando o interior da geladeira. Foda-se se isso não me deixa duro, imaginando representar uma cena onde ela é minha empregada e eu a forço

a se curvar e pegar de seu chefe. Ela quer dramatização? Ou o cenário do chefão da máfia é tudo o que ela precisa de mim?

Eu ajusto meu lixo e limpo minha garganta.

— Sim? — Ela não se vira. Ela não chama a atenção, ou fica nervosa e balbucia perto de mim como outras mulheres que trabalham para mim. Essa garota é totalmente diferente.

Construído a partir de um molde muito especial.

— Pegue seu casaco, boneca. Vou levar você para fazer uma mala.

— Sim? — Agora ela se vira, empurrando o cabelo castanho grosso do rosto com a parte de trás do pulso, as mãos ocupadas com o borrifador e a toalha de papel. — Legal. Apenas deixe-me terminar aqui.

Eu deveria dizer a ela que ninguém faz Junior Taccone esperar.

O problema é que tenho certeza de que ela sabe disso, e é exatamente por isso que acho gostoso que ela me dê tanta merda. Ela sabe melhor. Eu sou um idiota. Eu sou perigoso como o inferno, e ela ainda decide me empurrar. É descarado como o inferno. Eu amo a confiança dela.

Eu decido deixá-lo ir, já que minha visão atual faz a espera valer a pena.

Desiree tem um corpo inacreditável, curvas por toda parte, mas músculos tonificados por baixo. Bela figura de ampulheta, seios grandes, cintura fina, quadris grandes. Coxas resistentes. Como se ela malhasse, mas não pudesse parar com o Ben & Jerry's. O que é perfeito para mim. Eu gosto de um pouco de carne para segurar. Especialmente quando é moldado com montes tão deliciosos.

Agora ela está me dando uma visão privilegiada de sua bunda, o tecido fino de seu uniforme esticado sobre os globos que eu deixei rosa apenas algumas horas atrás.

— Eu tenho uma empregada, você sabe.

— Bem, ela precisa limpar o interior da sua geladeira, Tacone. Diga isso a ela da próxima vez.

Eu pego um pano de prato, giro-o em uma torção apertada e bato em sua bunda.

— Ai! — Ela grita e joga a mão para trás. — Foda-se, isso dói. — Ela gira e procura meu rosto com o olhar, as sobrancelhas abaixadas.

Não sei o que minha expressão mostra, provavelmente todas as coisas sujas que quero fazer com ela, porque o que quer que ela diga a seguir morre em seus lábios e ela cora como uma inocente.

— Vamos, calças atrevidas. Não gosto de esperar.

— Claro que não. — Ela pontua as palavras largando o borrifador e a toalha e fechando a porta da geladeira com força demais. — Bem, você é o chefe.

— Você parece continuar esquecendo, boneca.

Eu a acompanho para fora de casa e para o meu carro, que está parado na garagem. Ela tem a audácia de mexer no meu rádio no drive, mudando para alguma estação Top 40 e cantando junto a música *Havana de Camila Cabello*.

Eu dou a ela um olhar de soslaio. Com o sobrenome Lopez, sei que ela é latina. Acho que porto-riquenho, baseado no bairro onde ela mora. — Você fala espanhol, boneca?

— *Sim, jefe.* Você fala italiano?

— *Sim.*

— Deixe-me ouvir um pouco. Aposto que vou entender.

— Você tem uma voz bonita, — digo a ela em italiano.

Seus lábios carnudos se abrem em um sorriso. — *Pues.*

Eu gosto quando ela cora porque parece tão fora do personagem. Ou acho que só gosto quando a *faço* corar.

Entramos no bairro dela e encontro um lugar para estacionar. Ela sai e bate a porta. — Eu com certeza espero que você tenha trazido minhas chaves.

— Eu fiz. — Tiro o chaveiro do bolso e o giro no dedo indicador. — E essa sua boca vai te colocar em apuros, boneca.

Ela sorri para mim, revelando duas covinhas profundas. — Você ama e sabe disso.

Eu sorrio e coloco minhas mãos de volta nos bolsos. — Não significa que não vou fazer você pagar por isso.

Percebo o brilho de excitação em seus olhos antes que ela se afaste rapidamente e se dirija até a calçada de seu prédio. Eu a sigo em um ritmo vagaroso, curtindo o balanço de sua bunda deliciosa, o lance de seu cabelo castanho grosso.

Subimos quatro lances de escada para chegar ao seu lugar decadente. É limpo e organizado por dentro, dois quartos. Ela vai para um quarto, eu ando para olhar no outro. Tem uma cama de solteiro que não foi arrumada e uma pilha de caixas ao longo da parede. Eu me aproximo para espiar as caixas.

— O que você está fazendo? Pare. — Ela sai da porta do outro quarto. Eu dou a ela um "o quê?" olhar.

— Apenas... saia daí. — Seus olhos estão preocupados, a boca em uma inclinação infeliz.

Hum. Mais de seu mistério. A quem pertencem as caixas? Alguém morreu? Eu dou de ombros e me posiciono com as costas contra a porta da frente para esperar.

Pego meu telefone e mando uma mensagem de texto para Earl Goldfarb, um investigador particular que às vezes usamos para obter informações. *Preciso que você pesquise uma garota, Desiree Lopez. Mora no Parque Humboldt.*

Ele responde imediatamente. OK. Precisa que eu cuide dela?

Não. Ela está comigo agora. Eu só quero informações básicas sobre ela.

Você entendeu. Prioridade?

Hoje. Aperto enviar e enfio meu telefone de volta no bolso. Eu racionalizo a invasão de sua privacidade como necessária, já que ela tem merda em mim agora. Preciso conhecer seus pontos fracos. Mas a verdade é que quero, *preciso*, saber mais sobre Desiree em geral. Eu preciso saber tudo o que a faz vibrar. O que lhe causa dor. O que a mantém acordada à noite. Eu preciso entrar naquela linda cabeça dela.

Pela porta aberta, observo-a mover-se rapidamente pelo quarto, jogando roupas em uma pequena mala.

Vou descobrir todos os seus segredos, boneca. Não há nada que você possa esconder de mim.

CAPÍTULO 5

DESIREE

Dois homens chegam no final da tarde, mais Tacones, a julgar pela semelhança. Junior parece menos entusiasmado em vê-los e eles estão subjugados quando entram no quarto de Gio, Junior seguindo atrás deles. Eu me pergunto se a decisão de Junior de não levar Gio para um hospital foi polêmica.

Estou na sala, reembalando o ferimento, rolando-o para o outro lado e trocando a bolsa de soro. — Oi, rapazes, — eu respondo, como se fosse perfeitamente normal para uma enfermeira cuidar de uma vítima de tiro em casa.

— Esta é a Desiree, — diz Junior. — Ela era a enfermeira da mamãe depois da cirurgia no quadril.

Ambos os homens me olham especulativamente. — Eu sou Stefano, — o mais amigável diz com um sorriso digno de Hollywood. Ele estende a mão, mas eu abro meus dedos enluvados e balanço a cabeça. Não é um bom momento para agitar.

— Este é Nico, — Stefano apresenta o outro homem, que apenas olha para mim friamente. Ele é tão assustador quanto Junior à sua maneira. Todos os três são lindos pra caramba, mas Junior é definitivamente o mais gostoso. Ele é pelo menos dez anos mais velho, e acho a idade dele atraente. O leve grisalho nas têmporas e as linhas duras em seu rosto o fazem parecer mais poderoso. Temperado.

— Eu ouvi tudo sobre você de sua mãe. Você é dono do grande cassino em Las Vegas, certo? É de onde vem a maior parte do dinheiro do Tacone hoje em dia, se bem entendi.

Stefano acena com a cabeça e eles voltam sua atenção para Gio, aparentemente fartos de mim.

— Oi, Gio. Você não parece tão gostoso, — Stefano diz quando os olhos de Gio se abrem. Ele tem estado quase fora, o que é de se esperar. Estou mantendo-o com uma dose saudável de analgésicos e um sedativo leve.

— *Vaffanculo*, — Gio murmura e os dois recém-chegados riem. Acho que foi algum tipo de maldição.

Há um silêncio carregado na sala.

— Nós iremos? — Demandas Júnior. Há uma nota defensiva em sua voz e agora tenho certeza de que há conflito sobre como ele lidou com isso. Por alguma razão, sinto-me firmemente do lado dele, embora seu método envolvesse me sequestrar e me tornar um cúmplice de seus crimes. Não é muito lógico, mas acho que não gosto de vê-lo na defensiva. Não quando vi o quanto ele se preocupa com seu irmão ferido. Tenho certeza de que sua decisão está custando a ele mais cabelos grisalhos.

— Não sou estúpido o suficiente para dar minha opinião sem você pedir. — O tom de Nico é sombrio.

— Diga, — rosna Junior.

— Acho que Gio parece estar em boas mãos, — diz Nico. — Mas se ele piorar, eu digo para levá-lo ao hospital. Se os policiais vierem perguntar, vou garantir que você tenha o melhor advogado do país que existe.

— Apenas digo o quê? Ele assou marshmallows no espeto? Júnior estala.

Termino com a bolsa intravenosa, mas sou intrometido pra caramba e quero ouvir a conversa, então mexo nos remédios na cômoda.

— Você não diz nada.

Há um longo silêncio e eu me viro porque tenho a sensação de que eles estão se comunicando sem palavras. Com certeza, todos os olhos estão em mim.

— Desiree, desça, — diz Junior. Não, *por favor*, não, *obrigado*. Mas isso é praticamente normal para ele.

E, claro, fanfarronice faz parte do meu curso. — Por que vocês três não descem? — Eu desafio. — Meu trabalho é nesta sala.

Nico e Stefano congelam e percebo que cometi um grande erro. Ambos lançam olhares para Junior como se esperassem que ele fosse explodir. Já que fui eu que falei besteira, o medo deles deve ser por mim. Acho que falar mal quando é só o Junior é uma coisa. Falar mal na frente dos outros pode ser motivo de correção.

Um formigamento gelado percorre minha espinha, mas eu jogo meu cabelo e levanto minhas sobrancelhas para Junior, mantendo meu blefe.

Ele estende a mão para mim e pega meu braço, mas seu aperto não é duro. Ele me puxa contra seu corpo, minhas costas contra seu peito. Um braço envolve minha cintura, uma mão enjaula minha garganta. Com os lábios no meu ouvido, ele murmura em voz baixa demais para os outros ouvirem: — Querida, você definitivamente estará sendo punida por isso.

Minha boceta aperta com o estrondo de sexo em sua voz.

Não digo nada, mas minha respiração sai ofegante.

— Agora escute. Temos merda para discutir e, a menos que você queira ser mais um acessório do que já é, precisa descer as escadas e ficar fora do alcance da voz, *capiche* ?

A mão em volta da minha garganta não está nem um pouco apertada, e seu polegar levanta para acariciar o lado da minha mandíbula, uma carícia de amante. Estamos de costas para os outros, então parece uma mensagem secreta para mim. Ele está buscando minha obediência sem perder o prestígio.

— Mataria você dizer *por favor* ou *obrigado*? — eu murmuro. Não sei por que sou tão teimosa, acho que está nos meus genes.

Sinto seu sorriso contra minha têmpora. — *Por favor*. — Ele me solta e eu me viro e sorrio, muito satisfeita comigo mesma por conseguir uma concessão deste homem duro. Claro, ele tem que ir e bater na minha bunda enquanto eu saio da sala, acertando as contas firmemente a seu favor.

Pues. Agora eu sei a verdade. Junior Taccone dá à garota com quem está transando mais liberdade do que seus próprios irmãos.

E eu meio que amo isso.

Desço as escadas e procuro nos armários de Junior algo para fazer para o jantar. Ele tem macarrão, então coloquei uma panela de água para ferver. Eu tinha desempacotado salsichas frescas dos mantimentos que Paolo trouxe antes, aparentemente ele as considera um alimento básico. Eu sorrio para mim mesmo para esses garotos italianos. Eles se encaixam no estereótipo em absolutamente todos os sentidos. É tão clichê que chega a ser engraçado.

Os homens descem cerca de quarenta minutos depois. Stefano entra na cozinha enquanto Nico e Junior permanecem na sala, conversando.

— Estamos decolando.

— Sim? Quanto tempo você fica na cidade?

— Nós estamos voando de volta esta noite. Tem que administrar o negócio. Escute, cuide bem do meu irmão, ok?

Paro de empurrar as linguças na frigideira e me viro para encará-lo.

— Gio vai se recuperar, — eu prometo. Já vi muitos desses casos. Quero dizer, algo pode dar errado, mas ele tem uma grande chance de se recuperar totalmente.

— Eu quis dizer Junior, — Stefano corrige e eu fico boquiaberto de surpresa. Ele pisca para mim. — Ele tem uma coisa real para você, — diz ele. — Eu nunca o vi assim com uma mulher antes.

Eu ainda não consigo falar, só fico lá com a boca aberta, espátula de madeira na mão.

— Espero que você o perdoe por enfiá-la nisso.

Eu engulo.

Ele dá de ombros. — Bem, parece que você já está quebrando as bolas dele diariamente, então provavelmente não preciso me preocupar muito com você, certo? Você lidou com nosso irmão *stronzo* melhor do que qualquer um de nós.

— O que é *strozo* ?

Ele sorri. — Idiota.

— Stefano, dê o fora dela, — rosna Junior da sala de estar.

Seu sorriso se alarga e ele estende as mãos, estilo italiano. — O que? Eu não estou flertando. Estou noivo, você sabe disso. Apenas dando a ela algumas dicas para lidar com você. Ele pisca para mim novamente e se vira, passeando em seu terno de mil dólares e sapatos sociais brilhantes.

Junior entra pela porta e me dá uma varredura suspeita de cima a baixo com os olhos antes de acompanhá-los até a porta. Enquanto ele está fora, eu preparo a comida para nós e coloco na mesa, então me sento e começo a comer.



Júnior

Madonna, ela cozinha.

Ela cozinha, ela limpa, ela é uma enfermeira melhor do que a porra da Florence Nightingale. De onde veio essa mulher? É estúpido, mas a fantasia de mantê-la aqui depois da recuperação de Gio passa pela minha cabeça.

Desiree esperando na porta por mim em nada além de salto alto e seu sutiã e calcinha rendados, uma bebida na mão. Desiree de joelhos, tomando meu pau profundamente enquanto eu trato de negócios em meu telefone.

É errado e fodido e tão atraente.

Pego um pedaço de parmesão na gaveta de queijos da geladeira e levo para a mesa com o ralador.

Ela sorri. — Certo. Esqueci o queijo.

— O que é engraçado?

— Achei que havia riscos em preparar comida italiana para um siciliano. Eu sabia que você me colocaria em alguma coisa.

Ralo queijo em nossos pratos, abro uma garrafa de vinho tinto, sirvo uma taça para cada um de nós e me sento. — Eu não estou pegando você em nada. — Dou uma mordida e quase gemo de apreciação. Ela acrescentou alho fresco e talvez um pouco de vinho ao molho e é uma perfeição absoluta. — Pelo menos não na sua comida.

Ela encontra meu olhar, o desafio usual ali. — Sim, bem, se você quer uma coelhinha assustada que pula e corre toda vez que você dá uma ordem, ela não sou eu.

Enfio outro pedaço de comida na boca. É tão delicioso. — Vamos falar sobre isso mais tarde, — eu prometo. Minhas palavras têm o efeito pretendido. Seus mamilos cutucam o tecido de seu sutiã, formando uma espécie de tenda no avental limpo que ela vestiu depois que fomos para o apartamento dela.

Lembrando-me de sua advertência anterior, sobre eu não dizer por favor e obrigado, faço um esforço. As palavras estão enferrujadas em meus lábios, ela está certa, estou perdendo o hábito de usá-las. — Obrigado por cozinhar, boneca. Essa comida é deliciosa.

Ela ergue as sobrancelhas. — Um elogio de sua alteza. Eu não posso acreditar.

Eu balanço minha cabeça. — Continue forçando, *bambina*. Eu prometo que vou fazer você ficar bem e arrependida.

Suas pupilas dilatam e ela toma um bom gole de vinho.

— Então, qual é o furo com seus irmãos? Vocês não se dão bem?

Suspiro e pego meu vinho, sentando-me. — Não. Na verdade, não.

— Quantos irmãos você tem?

— Quatro. Eu sou o mais velho. Depois Paolo, depois Gio. Nico e Stefano são os mais novos. Fui forçado a entrar no molde que meu pai fez para mim. Calcei os sapatos dele quando ele foi para a prisão. Nico e Stefano nunca quiseram fazer parte dos negócios da Família. Nico é esperto pra caralho. Honestamente, ele provavelmente seria o melhor don de todos nós, mas ele não tinha interesse. E as coisas não funcionam assim de qualquer maneira, é tudo uma questão de ordem de nascimento.

Paro e tomo um longo gole de vinho. Não acredito que estou contando tudo isso a ela. Não é do meu feitio bater papo com ninguém e, definitivamente, nunca desperto. E falando em Família? É proibido. Mas ela está me observando com tanto interesse, calor saindo daqueles olhos castanhos chocolate. Não é apenas fácil falar com ela, *quero* contar tudo a ela.

— De qualquer forma, Nico elaborou este plano para levar o lado do jogo para Las Vegas, onde é legal. Ele investiu o dinheiro da família e fez uma fortuna. Aquele lugar ganha centenas de milhões por ano. E é tudo legal.

Não sei por que estou satisfeito por Desiree não parecer muito impressionada. Ela não se intromete com perguntas sobre o cassino como a maioria das pessoas faz quando descobrem que nosso irmão dirige o Bellissimo.

— O dinheiro vem para todos vocês, ou só para ele?

Pergunta astuta.

— Todos nós. Claro, Nico detém uma grande porcentagem da corporação, mas foi o dinheiro da família que iniciou o negócio. Todos nós recebemos gordos dividendos.

— Então, que negócio você dirige aqui que faz com que seu irmão seja baleado? Deixa pra lá, eu sei que você não pode me dizer. Ela enxuga os lábios com um guardanapo de papel. — Mas realmente, você não poderia simplesmente se aposentar?

Eu balanço minha cabeça, a dor familiar começando entre meus olhos. Aquele que está lá sempre que penso nos negócios da Família. — Meu pai me deixou para administrar as coisas. Ele quer todos os seus empreendimentos de negócios no lugar quando ele sair.

Ela inclina a cabeça para o lado, mastigando um pedaço de macarrão. — Eu vejo. — Depois de um momento, ela diz: — Parece que você, Gio e Paolo carregam todo o risco e Nico e Stefano carregam a recompensa.

Algo semelhante a alívio corre através de mim ao ouvi-la dizer isso dessa maneira. Às vezes me sinto como o fodido Cain, com ciúmes dos sucessos do meu irmão. Estou algemado aqui, administrando um negócio obsoleto e antiquado que é perigoso como o inferno. Eles estão vivendo glamour, dinheiro e sexo em Las Vegas.

E eles deixaram claro que não querem minha ajuda ou interferência lá.

— Quando seu pai sai?

— Ele tem mais doze anos em sua sentença. Ele pode sair cedo por bom comportamento, mas duvido que o faça. Seria má publicidade deixar um mafioso conhecido sair.

— Seriamente? Doze anos? Seu pai deve ter o quê... na casa dos sessenta?

Eu concordo. — Sessenta e cinco.

— Então ele terá setenta e sete anos quando sair. Você realmente acha que ele ainda vai querer administrar o negócio? Ele não vai querer pegar todos esses milhões e se aposentar em Cabo ou algo assim?

Eu balanço minha cabeça. — Você não conhece meu pai. Os negócios da família eram tudo para ele. Toda a sua identidade. Além disso, trata-se de serviço comunitário para ele. Ele acredita que é nosso trabalho ainda proteger os bairros antigos. Para manter as gangues afastadas, mantenha os inocentes puros. É antiquado, mas... não sei. Eu bebo meu vinho e sirvo outro copo. — Há honra nisso.

O rosto de Desiree fica suave. — Sim, eu acho que há. Vocês são como retrocessos para outra época. Guerreiros que protegem seu povo e mantêm a ordem. Sua própria lei.

Eu esfrego meus olhos quando eles inesperadamente ardem. Lá em cima, Gio geme.

Desiree pula da mesa. — Vou dar uma olhada nele.

— Eu vou limpar, — digo a ela.

O peso desce sobre mim enquanto pego os pratos. Enquanto faço a limpeza, chega uma mensagem de Earl.

Chame-me para as informações que você solicitou.

Saio pela porta da frente para ligar para ele, caso haja alguma coisa que eu não queira que Desiree ouça.

— O que você tem?

— Tudo bem, Desiree Lopez. RN no Condado de Cook. Nasceu no dia 22. Você provavelmente já sabe de tudo isso. Ela tem trinta e dois. Casou-se aos vinte e seis anos com um certo Abe Bennett. Um trabalhador da

construção civil e criminoso condenado. Divorciou-se dele no ano passado. O cara é atualmente procurado por sequestrar o filho deles.

– *O que?*

Merda. Eu vou matar o bastardo.

– Sim. Jasper Lopez, de cinco anos. No ano passado, ela obteve a custódia total sob a alegação de que seu ex era um traficante de cocaína condenado e se recusou a fazer um teste de urina para provar que estava limpo. Dois meses depois, ele pegou a criança na pré-escola e desapareceu. Isso foi há seis meses.

– Na época, Desiree trabalhava para Cook County, mas desistiu para tentar encontrar a criança. Quando suas economias acabaram, ela tratou de cuidar de doentes em casa, inclusive para um *idiota* chamado Santo Tacone, Junior, você o conhece? Hehe. De qualquer forma, ela fez isso até que Cook County a contratou de volta há dois meses.

– Ela contratou o idiota do investigador particular Terry Ryan para encontrá-lo. Guy está cobrando dela mensalmente e, obviamente, ainda sem notícias do filho. Suas outras contas incluem empréstimos estudantis da escola de enfermagem, seu apartamento e serviços públicos, telefone celular. Ela tem cerca de cinco mil em dívidas de cartão de crédito. É sobre isso. Parece que ela não tem nenhum outro hobby além de trabalhar, encontrar seu filho e aulas de Zumba gratuitas pelo plano de bem-estar do hospital.

Desiree. Conhecer a fonte de sua luta, e eu sabia que tinha que haver uma porque ela é muito inteligente e talentosa para ter uma vida de merda, me faz torcer por ela ainda mais.

– Eu quero que você encontre o menino.

— Jasper?

— Sim. Coloque todos os recursos que você tem nele. Contrate outros PIs, — eu pago por isso. Encontre seu *stronzo* ex. *Capiche* ?

— Você entendeu. Posso falar com Desiree para obter mais informações?

— Não. Basta encontrar o garoto.

— Oh sim, é tão fácil. Vou simplesmente produzi-lo magicamente.

— Você está me dizendo que não pode lidar com este trabalho? — Eu estalo. Eu poderia deixar Desiree me dar merda. Eu com certeza não deixo idiotas privados falarem com desrespeito.

— Não não não. Não fique com as penas eriçadas. Vou encontrar o garoto.

— Cuidado com a atitude, Earl. E eu quero atualizações regulares.

— Você vai tê-las.

— Bom. — Termina a ligação, mas não volto para dentro. Não até ter certeza de que não vou olhar para Desiree com simpatia, o que sei que ela odiaria.

Cristo. Ela não deveria ter que sofrer assim. Para ter seu próprio filho arrancado dela.

Bem, foda-se. Eu sei algo sobre isso, não é? A dor da morte de Mia rasga meu peito.

Mas o filho dela ainda está vivo, e com certeza vou garantir que ela o recupere.

CAPÍTULO 6

DESIREE

Resolvo Gio com mais analgésicos.

Talvez eu esteja sendo covarde, mas não quero descer ainda. Falar com Junior — *conversar de verdade* hoje à noite o torna muito simpático.

E eu já não consigo lidar com minha atração exagerada pelo cara. Eu com certeza não preciso me apaixonar aqui.

Junior Tacone não é o tipo de cara com quem eu quero me relacionar. Mesmo que ele não seja nada parecido com meu ex, já tive minha cota de homens que correm do lado ilegal das coisas. Se algum dia eu entrar em outro relacionamento, será com um cara legal e normal. Um contador ou vendedor. Alguém que é respeitável e amigável. O tipo de cara que você poderia levar para qualquer festa.

Não um mafioso assustador.

Um guerreiro sexy como o inferno que carrega o peso de toda a sua família em seus ombros. Que cuida com muito carinho de sua mãe. E parece capaz de fazer as coisas, qualquer tipo de coisa. Um homem inteligente e implacável que faz o que acredita que precisa fazer sem pedir desculpas.

Merda, estou totalmente apaixonada por Junior Tacone.

E isso é simplesmente estúpido.

Ligo a televisão do quarto de Gio e subo na cama com muito cuidado. Eu não quero empurrar Gio, ele já está bastante desconfortável.

Junior não sobe. Talvez ele sinta a necessidade de recuar também.

Ou talvez não haja nada para recuar.

Não, isso é besteira. Ele gosta de mim. Ele gosta de mim desde que nos conhecemos. E já fizemos sexo.

Putá merda, o que eu estava pensando? Não acredito que fiz sexo com Junior Tacone. Esta manhã parece que foi há muito tempo. Mas quando me lembro de como estava quente, meu corpo fica vermelho de desejo por mais.

Eu quero as mãos autoritárias de Tacone controlando meu corpo novamente. Quero que ele fale sujo, realizando todas as minhas fantasias enquanto ele finge me levar contra a minha vontade. Eu penso na maneira como ele me puxou contra ele quando seus irmãos estavam aqui, o rosnado suave de sua voz de advertência bem contra o meu ouvido.

Eu assisto a alguns programas de TV, mas minha mente está no sexo. É a ameaça do Junior de me punir novamente.

Ele esqueceu? Ele está esperando por algo?

Talvez eu precise descer para chamar sua atenção.

Estou tentado a deixar a TV ligada para que Gio não ouça se eu fizer barulho, mas eu não conseguiria ouvi-lo se ele precisasse de alguma coisa. Ele está muito fora de si para ouvir qualquer coisa, de qualquer maneira.

Escovo os dentes e desço as escadas.

Ouçó Júnior ao telefone. Ele não está na sala ou na cozinha. Espio atrás da escada e vejo uma luz acesa no que deve ser seu escritório. Ele está sentado atrás de uma mesa, um copo de uísque na mão enquanto fala ao telefone.

Ele me avista e para, gesticulando com o copo, os olhos perfurando um buraco através de mim.

Oh senhor. Ele não esqueceu. Eu definitivamente vejo uma promessa sombria transbordando nas profundezas daqueles marrons chocolate.

Eu giro nos calcanhares, como um coelho assustado e sigo direto para a cozinha. Acontece que a oferta de Junior para limpar não era legítima. Ele colocou nossos pratos na máquina de lavar louça, mas as panelas e frigideiras ainda estão no fogão e nada foi limpo.

Eu ficaria chateada, exceto que não é minha cozinha e não é meu trabalho, então não preciso limpá-la.

Mas eu estou indo porque isso me dá algo para fazer. Lavo as panelas e borriço e limpo a mesa, depois as bancadas.

A voz de Junior fica em silêncio e eu ouço seus passos suaves enquanto ele vem pelo corredor e entra na cozinha. Minha frequência cardíaca aumenta. Não me viro, embora saiba que ele está parado na porta.

Provavelmente olhando para a minha bunda.

Ele se aproxima.

Eu ainda não reconheço sua presença.

— Você está limpando o mesmo lugar há quarenta segundos. — Seu tom de barítono percorre meu corpo como um raio de sol escuro.

— Você está contando? — Minha voz soa rouca e estranha. Eu paro e jogo a toalha de papel enrolada no lixo, ainda sem me virar. — Eu pensei que você iria limpar.

— Lá vai você de novo, abrindo essa boca. — Ele me enjaula contra o balcão, de costas para ele. Seus dentes afundam em meu ombro.

Meus joelhos quase se dobram. Ele agarra meus dois pulsos e os prende no balcão, movendo-se em um ritmo vagaroso. Prendo a respiração. Antecipação vibra. Ele passa por mim e puxa uma colher de pau da vasilha.

Quando ele me bate com ela, eu grito. É muito mais sexy como um pensamento do que como uma realidade. Dói pra caralho.

Ele está indo rápido, batendo na minha bunda para a direita e para a esquerda e eu imediatamente luto contra ele, tentando sair do caminho.

— Ai... uau! — Meu cérebro gira em torno de como pará-lo. — Manteiga de amendoim.

A colher imediatamente bate no balcão na minha frente. — Ok, sem colher. Mas você não tem uma palavra segura para tirar meu pau.

Meu cérebro gagueja nisso por apenas um momento, porque, sim, eu faço. Mas eu decido que ele está apenas falando sujo e eu definitivamente não quero que ele pare. Não quando já estou encharcando minha calcinha.

Ele segura minha bunda e aperta com força. Isso diminui a dor da surra que ele acabou de me dar. Eu empurro de volta em seu toque. Ele bate na minha bunda com a palma da mão. É uma sensação deliciosa. Muito melhor do que a maldita colher.

— Ok, boneca. Eu sei que você é péssima em seguir ordens, mas estou lhe dando uma agora. Você tem três segundos para essa calcinha cair no chão ou eu pego aquela colher de pau de volta.

— Você não pode...

— Um.

Italiano maluco de merda. Eu arranco meu uniforme e calcinha para baixo, chutando meus sapatos ao mesmo tempo.

— Dois.

— Eu disse manteiga de *amendoim* para a colher, — reclamo enquanto pulo em um pé para sair da perna do meu uniforme.

Junior está arregaçando as mangas com um olhar severo de papai enquanto me observa. — Três.

Chuto a outra perna e a calcinha sai voando com o uniforme. eu aponto. — As calcinhas estão no chão. Vê?

Eu amo o fantasma de um sorriso dançando em seus lábios. — *Brava ragazza*. Ele entra e puxa meu top sobre minha cabeça.

Sinto o cheiro profundo de seu perfume masculino — sabonete e um traço de colônia. — O que isso significa?

— Boa menina. — Ele chega atrás de mim para desabotoar meu sutiã. Estou totalmente nua agora e ele está totalmente vestido. Está quente como o inferno.

— Você está me treinando? — A Sra. Bluster tem que continuar pressionando.

Ele envolve meu sutiã em volta do meu pescoço e me vira, segurando-o contra minha garganta como se fosse me sufocar com ele. Minha mão voa para o tecido e meu corpo registra a ameaça com uma onda de endorfinas. Minha boceta registra tudo como preliminares milagrosas. — Você acha que é domável, boneca? — Ele puxa o sutiã, apenas o suficiente para me deixar nervosa. — Não tenho certeza se você é.

Ele solta o sutiã tão abruptamente quanto o usou como arma. Ele cai no chão, uma roupa íntima inofensiva mais uma vez. — Mãos no balcão, baby. Mostre sua bunda para mim. Mais uma vez ele passa por mim. Acho

que ele está procurando outro implemento na lixeira, mas em vez disso ele pega a garrafa de azeite. Quando ele pinga um pouco no meu traseiro, balanço a cabeça. — Não. De jeito nenhum.

Ele cobre minha boca para que eu não possa dizer minha palavra de segurança. — Nenhum não bebê. Você me desrespeita na frente dos meus irmãos, vai levar na bunda. Mesmo que seja apenas o meu dedo.

Apenas o dedo dele.

Merda!

Ok, eu posso lidar com isso. Certo?

Senhor, estou toda agitada e com calor. Minha excitação pinga na parte interna das minhas coxas. Junior esfrega um dedo sobre meu ânus, circulando e massageando-o.

Não deveria ser tão bom, mas é. Erótico, prazeroso. *Errado.*

Mas tão certo.

Ele enfia o dedo, ou talvez o polegar, na minha bunda. Eu respiro fundo e me forço a relaxar o ânus apertado de músculos, para deixá-lo entrar. Não é doloroso, mas é terrivelmente embaraçoso. É um prazer humilhante. Cada vez que ele bombeia o dedo, minha boceta fica mais molhada.

Eu começo a gemer. Minhas pernas tremem. Ele continua, fodendo minha bunda com os dedos. Me mostrando que ele é meu dono. Ele segura o dedo profundamente e dá um tapa na parte inferior da minha bunda onde encontra a coxa. Ele me bate de novo e de novo, o tempo todo torcendo o dedo na minha bunda.

— Ung, — eu gemo.

— Coloque a mão entre as pernas e sinta como isso te deixou molhada.

Eu estava morrendo de vontade de me tocar, na verdade. Eu obedeco imediatamente e encontro meu sexo inchado e pingando. Meus dedos afundam em minha boceta sem que eu sequer queira mergulhá-los. Ele tira o dedo do meu ânus e se desloca para a minha direita para lavar as mãos na pia.

Eu trabalho meus dedos entre minhas pernas porque minha boceta está morrendo de vontade de alguma atenção. Os tecidos estão inchados e escorregadios, inundados com a minha excitação.

Junior retorna segundos depois, seus dedos empurrando sobre os meus, esfregando meu clitóris latejante. — Você adora ter sua bunda fodida, não é, boneca?

Tudo o que posso fazer é gemer. Estou toda quente e carente agora. Minha boceta dói para ser preenchida por ele.

— Você não? — Ele dá um tapa na minha bunda.

Eu quero dizer não. Eu realmente faço. Eu ainda estou totalmente com medo de sexo na bunda. Mas caramba se eu não sussurrar a verdade. — Sim.

— Desrespeite-me na frente dos outros de novo e você vai enfiar meu pau na sua bunda. — Ele morde minha orelha. — *Capiche?* — Ele sussurra a palavra, seu hálito quente soprando sobre minha orelha.

Minha boceta apertada e ele sente, esfrega meu clitóris com mais força. — *Capito*, — murmuro.

— Boa menina. — Ele segura meus quadris e se agacha, levantando um dos meus joelhos em direção ao balcão e lambendo em mim.

— Ah, porra, Júnior.

Eu nem sabia que era possível ser comido por trás.

Ah, mas é. E Junior Tacone definitivamente sabe o que está fazendo. Ele lambe, chupa e belisca. Penetra-me com sua língua endurecida. Penetra com os dedos enquanto lambe, chupa e belisca.

A sala se enche com o som dos meus gritos, — sexo tranquilo ainda não faz parte do meu repertório.

Ele estala os lábios. — Você tem um gosto tão bom, baby.

— Júnior. — Minha voz é um lamento porque eu realmente quero gozar.

Ele se levanta. Eu me viro, precisando ser fodida. Precisando me oferecer. Mas ele balança a cabeça. — Enfrente o balcão. — Seus lábios estão brilhantes com meus sucos, sua voz soa três oitavas abaixo do normal. Ele tira uma camisinha do bolso e a rasga. — *Agora*, amor.

Eu arrasto meu lábio inferior entre os dentes enquanto me viro e apoio minhas mãos no balcão.

Ele levanta meu joelho como se tivesse feito quando me comeu e empurra para dentro de mim. Um impulso forte e ele está enterrado profundamente.

Eu grito, fecho meus olhos de prazer. Ele comanda meu corpo, uma mão segurando firmemente minha coxa, a outra apoiada no balcão, então estou enjaulada entre seus braços e bate em mim.

Meus olhos reviram em minha cabeça e um fluxo de palavrões flui para fora da minha boca, alguns em inglês, alguns em espanhol. Inferno, eu não sei, provavelmente até tento falar italiano para ele.

Sua respiração fica áspera. Seu aperto aumenta na minha perna.

— Sim, Junior, por favor, — imploro, porque estou perto — muito perto, e posso dizer que ele também está. Suas estocadas ficam erráticas e então ele bate com tanta força que sou incapaz de me afastar da borda do balcão. Eu bato e dou um gritinho de dor.

— Desculpe! — diz Junior, puxando para fora e me girando. Ele segura meu queixo e olha para baixo em meu rosto. — Você está bem?

— Não pare, — eu imploro, embora ele já tenha parado.

Ele me pega pela cintura e senta minha bunda nua no balcão, então abre meus joelhos e me lambe novamente. Eu agarro sua cabeça enquanto ele lambe com fervor. Arranco seu cabelo, gritando alto o suficiente para acordar todos os vizinhos.

Ele faz uma pausa, levantando os olhos para mim. — Você não vem, — ele avisa, empregando sua voz severa. Ele passa a língua pelo meu clitóris. — Você nunca goza até que eu lhe dê permissão. Entendido?

Concordo com a cabeça rapidamente, ansioso para fazer o que for preciso para chegar ao clímax.

Ele me puxa para fora do balcão e eu envolvo minhas pernas em volta de sua cintura. Ele me carrega para a sala onde me deixa cair e me inclina sobre o braço estofado de seu sofá.

— Preciso de você onde possa bater com força como você merece, — explica ele.

A posição é realmente perfeita, o braço acolchoado do sofá amortece meus quadris e a altura e o ângulo são perfeitos. No momento em que ele entra em mim, estou pronta para gozar. Cada estocada me deixa em chamas. Minhas coxas tremem e tremem, minha voz gorjeia na minha garganta.

E então ele enfia o polegar de volta na minha bunda.

A sensação de ter os dois buracos preenchidos ao mesmo tempo dispara fogos de artifício atrás dos meus olhos. Junior bate em mim, me mantendo cativa com o polegar, me possuindo novamente. — Você vai ser uma boa menina agora? Ei, boneca? Vai continuar me provocando sempre que puder?

— Sim não! — Não consigo descobrir as palavras certas para dizer para receber minha recompensa. Estou tão desesperada para vir que diria qualquer coisa. — Júnior, Deus, por favor.

Ele xinga e bate com força, batendo na minha bunda com sua virilha mais quatro vezes antes de gritar.

-- eu não venho. Talvez porque o polegar na minha bunda me mantém aberto, como se meu corpo não fosse se contrair em torno dele. Eu não sei como ele sabe disso, mas ele puxa o polegar para fora, alcança a frente dos meus quadris e esfrega meu clitóris. — Venha, Desiree.

Isso é tudo que preciso. Eu saio como um foguete, todo o meu corpo convulsionando enquanto espremo o esperma de seu pau.

A sala gira.



Júnior

— Como você sabia? — Desirée resmunga.

Por um momento bizarro, acho que ela se refere ao filho desaparecido.

— Sabe de uma coisa, boneca?

— Que eu não vim?

Eu rio. — Querida, você nunca parou de implorar. — A mulher está fora de série com seu barulho sexual. Quero dizer, ela poderia ter sido uma estrela pornô. Eu nunca tive uma mulher mostrando tanto apreço na minha vida.

— Eu não?

— Eu pensei que você estava sendo especialmente obediente porque eu lhe disse para não vir. — Eu puxo para fora, levanto-a e viro-a. Ela cai para trás e se senta na ponta do sofá, como se estivesse tremendo demais para ficar de pé. — Você estava tendo dificuldade em alcançar a linha de chegada?

Não sei por que estou falando em metáfora quando já disse todas as imundícies do planeta para ela.

Ela empurra o cabelo grosso para trás de seu rosto corado. — Sim. Foi difícil com alguma coisa na minha bunda.

Eu inclino minha cabeça. Mais uma vez, talvez eu a tenha interpretado mal. Eu tinha certeza de que ela gostava do jogo de bunda. — Porque dói?

Ela ri, encostando a testa no meu peito como se precisasse esconder o rosto para essa conversa. — Não, só era diferente, só isso. Eu não queria apertar quando estava sendo mantido aberto.

Eu rio novamente e acaricio sua nuca.

Depois de um minuto, quando nossa respiração fica mais lenta, ela levanta a cabeça. — É melhor você desinfetar esse balcão. Eu não posso acreditar que você colocou minha bunda nua nisso.

Uma risada surpresa sai de mim. — Eu prometo que vou desinfetar isso. E sim, era meu trabalho limpar esta noite, mas fui desviado com um telefonema. Me desculpe, eu não queria deixar a bagunça para você.

Se alguém que me conhece estivesse presente, atirariam em mim e perguntariam o que eu fiz com o verdadeiro Junior Tacone, porque nunca peço desculpas. É uma característica que meu pai me ensinou. Embora talvez ele também seja o cara que me ensinou que nenhuma dessas regras se aplica à mulher em sua vida.

Mesmo não me conhecendo, Desiree parece surpresa. — Eu só estava te dando merda. Se eu não estivesse com vontade de lavar a louça, simplesmente a deixaria para você lavar de manhã.

Eu sorrio. Fico feliz que ela saiba que não espero que ela cozinhe e limpe para mim. O fato de ela fazer isso de qualquer maneira causa coisas estranhas no meu peito. — Bom.

Mas a realidade volta. Desiree é mãe. Ela tem um filho de cinco anos que vou garantir que chegue em casa com ela. Ela não vai ficar cozinhando e limpando para mim. Ela não vai querer trazer aquele menino dela para perto de mim.

E é assim que deve ser.

Eu sou perigoso. Eu trago escuridão e ódio para todos ao meu redor, inclusive eu.

A última coisa que Desiree Lopez precisa é ser arrastada por alguém como eu.

CAPÍTULO 7

Desiree

— OUÇA, BONECA. — Junior segura meu queixo daquele jeito severo dele. — Vou sair correndo e pegar um café para nós se você prometer não fazer uma pausa para isso. Já passamos disso?

— Posso ter meu telefone de novo?

Ele me deixou verificar mensagens de texto e mensagens na noite passada, com ele olhando por cima do meu ombro o tempo todo, é claro. Houve uma resposta da minha mãe, mas nada mais. Nenhuma palavra do investigador particular ou do trabalho.

— Não sei por que você acha que isso é negociação. O que você está ganhando com o negócio é café quente e talvez um bolo. Estou perguntando se você vai ficar parada ou se preciso amarrar você na cama. Porque, querida, eu vou. E nós dois sabemos que você gostaria. Sua voz se aprofunda nas últimas palavras e sinto a vibração em todos os lugares.

Ele está tão certo. Calor inunda minhas regiões inferiores com suas palavras. Ainda assim, continuo fazendo exigências. — Apenas deixe-me ver.

Ele enfia a mão no bolso e mostra meu telefone. — Você não tem nenhuma mensagem. — Ele desliza pela tela e abre meus textos para me mostrar. — Oh, espere, você tem um novo.

Ele me mostra a tela. Minha colega de trabalho e amiga Lucy mandou uma mensagem. — Tu estás doente?

— Posso responder? Direi a ela a mesma coisa que eu disse a minha mãe? Ela é uma boa amiga.

Ele balança a cabeça e me observa de perto enquanto digito uma resposta, como se estivesse procurando algum sinal de que eu queria meu telefone por algum outro motivo.

Eu não. Não vou pedir ajuda ou tentar escapar. Posso ter sido coagida, mas agora fizemos nosso trato. Eu estou aderindo a isso.

Liguei dizendo que estava doente, mas na verdade tenho um trabalho de assistência médica domiciliar que paga o dobro esta semana. Não conte a ninguém! Depois coloquei três emojis de sacolas de dinheiro. Ela sabe o quanto preciso do dinheiro e me apoiará totalmente nessa decisão.

Mesmo que não tenha sido realmente *minha* decisão.

Quando termino, devolvo o telefone. — Vou levar um café com leite e um sanduíche de ovo, se eles tiverem. Onde você está indo?

— Starbucks. Presunto e queijo?

— Sim por favor.

— Você vai ficar? — Ele coloca aquele tom de advertência em sua voz que deixa minha calcinha molhada.

Dou-lhe um empurrão em direção à porta. — Claro que vou ficar. Eu preciso do meu café. Traga um grande, *capiche* ?

Sua risada profunda envia arrepios de prazer pelo meu corpo.

Eu gosto de fazê-lo rir. Demais. Preciso proteger meu coração contra esse homem porque ele está se infiltrando muito rapidamente.

— Escute, não vou chamar um guarda-costas porque já volto, mas mantenha a porta trancada e não atenda para ninguém.

Um arrepio desliza através de mim, mas eu aceno.

Ele sai e eu subo as escadas para limpar e cuidar das feridas de Gio e verificar seus sinais vitais.

Quando a campainha toca, eu congelo.

Ok, eu não deveria atender. Devo ligar para o Júnior?

Toca de novo, várias vezes, rápido. Como se fosse alguém que conhecesse bem o Júnior. Definitivamente não é um vendedor de porta em porta.

— Júnior? — A voz de uma mulher chama.

Uma onda de frio toma conta de mim. Há uma mulher? Claro que há uma mulher. Ele é um homem podre de rico e poderoso. Ele provavelmente tem um punhado de mulheres ao seu redor o tempo todo.

Meu estômago vazio revira.

Ela toca de novo, várias vezes rápido.

Eca. Eu vou ficar seriamente doente. Eu estou no patamar, olhando para as escadas na porta da frente. Como se eu pudesse afastar a vagabunda com minha visão a laser.

Uma chave gira na fechadura. Oh meu Deus. Quem é? Ela tem uma chave?

Isso não é uma vadia. É uma namorada séria.

A porta se abre e uma mulher muito bonita e jovem entra. — Júnior?

— Ela olha para as escadas, seus olhos se arregalando quando ela me vê.

— Oh merda, — ela diz, e vem voando escada acima para mim.

Eu congelo, meu estômago apertado como um tambor. Ela é alguma namorada psicopata vindo me atacar? Mas ela passa por mim como se eu não existisse e entra no quarto de Gio.

— Gio! — ela grita, medo em sua voz. — Oh meu Deus, o que aconteceu? — Agora ela se vira para olhar para mim novamente. — Onde está o Júnior?

— Quem diabos é você? — Eu exijo, embora provavelmente eu tenha menos direito de fazer exigências. Não, foda-se isso. Ele dormiu comigo. Posso exigir tudo o que quiser.

O som da porta da frente se abrindo vem do andar de baixo. A mulher não espera que eu responda, mas corre para o patamar. — Júnior, que porra é essa?

Eu corro para o patamar também, e faço o meu melhor para matá-lo com um olhar. Ele solta uma torrente de italiano raivoso, coloca a bandeja de bebidas e a sacola da Starbucks em uma mesa de canto e sobe as escadas, parecendo sombrio.

Ex-namorada, então. Ela deve ser uma ex-namorada, porque ele não parece culpado, ele parece chateado. — Que porra você está fazendo aqui?

— O que diabos aconteceu com Gio? — ela contesta e acena com a mão para mim. — E quem é essa? Não acredito que você arrastou uma enfermeira aleatória para isso.

— Como é que entraste? — Ele olha além dela para mim. — Você a deixou entrar?

Ela definitivamente não é bem-vinda. A torção ciumenta abaixo das minhas costelas começa a diminuir. — Ela tinha uma chave. — Eu olho para

ela mais de perto, e então percebo com um golpe de alívio caloroso. — Alessia. — A irmãzinha do Júnior. Eu a vi em fotos quando cuidei de sua mãe, mas ela estava na faculdade. Ela se formou em dezembro, eu acho. Ou ela deveria.

Ela vira um olhar surpreso para mim.

— Desiree cuidou de Ma depois da cirurgia, — explica Junior, como se eu fosse a maior pergunta na sala.

Alessia aponta para Gio. — Quando você ia nos contar?

Os olhos de Júnior se estreitam. — Nunca. Por que diabos você está aqui?

— Stefano e Nico passaram por aqui ontem. E mamãe ficou preocupada porque você não apareceu e ela sabia que eles estavam aqui por algum motivo. Além disso, Paolo está agindo de forma estranha e Gio não atende o telefone. Ela acena com a mão para Gio. — *Obviamente.*

Junior passa a mão pelo cabelo, bagunçando-o. — Então mamãe mandou você?

— Bem, eu disse que iria descobrir. — Seus olhos se encheram abruptamente de lágrimas. — Jesus, Júnior, que porra é essa? Ele vai ficar bem?

— Sim, — Junior e eu respondemos ao mesmo tempo. Não sei por que sinto que preciso apoiar Junior com sua família. Ele é o chefe, afinal. Mas todos agem como se ele fosse o cara mau, e isso me incomoda demais.

Ela olha para mim inquisitivamente. Acho que faz sentido, sou eu quem está vestida de enfermeira. — A bala passou direto, — digo a ela. — Sem danos aparentes aos órgãos, sem muita perda de sangue. As feridas vão

cicatrizar sozinhas com o tempo e o descanso. Ele está tomando analgésicos, antibióticos e sedativos, então está confortável. Não há razão para acreditar que ele não terá uma recuperação completa.

Algumas lágrimas caem em seu rosto e ela concorda. — Eu não vou perguntar o que aconteceu, — ela murmurou.

— Ótimo, — diz Júnior. — E também não quero que você conte para a mamãe.

Ela joga as mãos para o ar. — Não vou mentir! Ela sabe que algo está acontecendo, Junior. É melhor você descobrir o que dizer a ela, mas não me peça para mentir para você.

— Veja, é por isso que você não deveria estar aqui, Lessa. E por que você tem a porra da chave da minha casa?

— Você me deixou cuidar da casa no ano passado, quando você foi para o Velho País, lembra?

— Oh sim.

Ela desliza um olhar para mim. — Por que está tudo bem ela estar aqui, mas não sua própria irmã?

Junior dá a ela um olhar fulminante. — Você é a porra de uma enfermeira?

— Você sabe o que eu quero dizer.

Júnior balança a cabeça. — Não me pergunte sobre negócios. Você sabe melhor.

Ela revira os olhos. — Você soa como Pops.

— E é exatamente por isso que eu não deveria ter que te contar essa merda. Ir para casa. Diga a mamãe que está tudo bem. Eu irei vê-la na próxima semana. Não volte aqui sem um convite.

Alessia balança a cabeça. — Você é um idiota, Júnior.

Eu mordo meus lábios para não dizer a ela o que penso.

Ela se vira e desce as escadas, e Junior e eu a seguimos. Na porta da frente, ela se vira e oferece as bochechas para Junior, que beija os dois, como se não estivessem apenas gritando um com o outro. Algo sobre isso aquece meu coração.

Esta família não é muito diferente da minha. De qualquer um. Eles têm suas brigas e problemas. Mas eles se amam e cuidam uns dos outros como todos nós.

Junior murmura algo em italiano. Não consigo entender a tradução, mas parece uma despedida normal.

— *Grazie* — , ela responde. — Prazer em conhecê-la, — ela diz para mim.

— Diga a sua mãe que mandei um oi, — eu digo, porque não estou me sentindo tão caloroso e confuso com ela quanto estou com a mãe dela. — Ou, eu acho que não. já que você não está contando a ela o que está acontecendo, — eu balbucio.

Ela acena quando Junior praticamente a empurra porta afora.

— Você não é o irmão popular esta semana, é? — Digo quando ela se for, para aliviar o clima.

— Eu sempre ganho o mais odiado, — diz ele severamente. Seu rosto está de volta à máscara fechada que ele costuma usar, e meio que parte meu

coração pensar que sua família o odeia. Ele puxa um dos copos de café do suporte e o entrega para mim.

— Bem, você ainda é a menina dos olhos da sua mãe, — eu digo, o que é verdade. A mulher praticamente se iluminava toda vez que ele vinha visitá-la. Não que ela não falasse com orgulho sobre todos os seus filhos. Tomo um gole e gemo de prazer.

Junior fica imóvel, o olhar fixo em meus lábios.

Eu gostei do show. Isso é o que ele disse na primeira noite sobre me ver tomando sorvete. Minhas partes íntimas começam a formigar. Saber que excito esse homem poderoso com um simples ato de tomar um café ou tomar um sorvete me dá um grande impulso de confiança.

Eu seguro seu olhar enquanto tomo outro gole. Desta vez, estou consciente do gemido de aprovação que dou. — Isso acerta o ponto, — murmuro. — Obrigada.

— Você provavelmente gostou de me ver levar minhas bolas para a princesinha, não é?

— Na verdade, eu queria expulsá-la, — respondo honestamente.

Seu rosto se aquece, as linhas ásperas relaxando em carinho. Ele balança a cabeça. — Você é outra coisa, boneca.

— Sim, exceto quando ela entrou aqui com a chave, eu não queria apenas que suas bolas fossem arrebetadas, eu queria que fossem cortadas.

Ele engasga com o café.

— Eu pensei que você tinha alguma namorada que você não tinha me contado. — Eu ergo um quadril. — Existem outras mulheres, Tacone?

Ele dá um sorriso arrogante. — Ah, agora é Tacone, hein? Nenhuma bebê. Sem namoradas. Então seu sorriso desaparece. — Acho que devo dizer que nunca me divorciei oficialmente da minha ex-esposa. No entanto, estamos separados há dez anos.

Eu pisco para ele. — Por que não?

Ele dá de ombros e eu observo seu rosto de perto. Ele me entrega a sacola da Starbucks. — Aqui está o seu sanduíche.

Eu o agarro, estreitando meu olhar. — Não, sério, Júnior. Por que você não se divorciou?

— Ela não queria mais ficar comigo, então eu a deixei ir. Mas ela sofre de depressão. Ela não pode trabalhar. Ela ainda é minha responsabilidade.

Um gosto amargo enche minha boca. Senhor, se eu senti ciúmes da namorada imaginada, não é nada comparado ao que sinto sabendo que ele ainda sustenta financeiramente a ex-mulher. Bem, ainda sua esposa, tecnicamente.

Sei que se relaciona com meus próprios problemas com dinheiro e homens. Abe sempre gastava nosso dinheiro. Nunca contribuiu para a casa. E claro, desde que ele se foi, desde que levou Jasper, tenho vivido com nada, com todo o meu dinheiro ainda pagando o advogado de divórcio que tive que contratar para ganhar a custódia e agora o investigador particular.

Então, a ideia de uma mulher desistir de Junior e fingir que está muito danificada para trabalhar para que ele continue a apoiá-la? Apenas torce como uma faca no meu peito. E então outro pensamento me ocorre.

Talvez essa fosse a situação que ele escolheu para poder dormir com quem quisesse, mas ela tinha que ficar ligada a ele para sempre. Parece uma

coisa meio *mafiosa ciumenta* de se fazer. Eu inclino minha cabeça para o lado.

— Então ela dorme com outros homens?

Desgosto cruza seu rosto. — Foda-se não. Eu duvido seriamente. É melhor ela não.

A faca torce mais fundo. — É melhor ela não? Você é realmente um idiota, Junior.

— Sim? — Ele parece um pouco chateado, um pouco confuso.

— Entendo. Você quer ter toda a bunda que quiser, toda a sua liberdade, mas mantê-la trancada como a Sra. Tacone pelo resto de sua vida. Realmente decente da sua parte.

Seus lábios se curvam. — Você não sabe do que diabos está falando. Não é desse jeito. De jeito nenhum.

Cruzo os braços sobre o peito. — Sério? Bem, então me explique.

Seus lábios se apertam. Seus olhos estão mortos. É definitivamente assustador Junior olhando para mim. Nós piscamos um para o outro por um minuto, e então ele aponta para a cozinha. — Vá tomar seu maldito café da manhã.

— Certo, — eu digo, minha mão apertando a comida. — Você acabou de me colocar no meu lugar, não foi? — Eu me viro e entro na cozinha, sem esperar pela reação dele.

Desta vez, tenho certeza absoluta de que ele não está excitado com meu desafio.

Não haverá nenhum sexo de punição para este.

Não que eu fosse gostar disso.

Não, eu apenas o chamei de merda, e ele não quis ouvir.

Mas é bom. Agora eu sei que tipo de homem ele é. Não que eu já não tivesse. Eu apenas fui levada a pensar que poderia haver mais nele, por baixo do exterior assustador.

Mas não há.

Esse é o tipo de homem que consome as pessoas. E se eu ficar presa em sua teia, também serei consumida. Se decidir que pertenço a ele, me manterá prisioneira para sempre.



Júnior

Eu bebo outro uísque e suspiro.

Tenho todo mundo na rua procurando por Vlad, mas os russos estão totalmente na clandestinidade. Ninguém sabe onde encontrar o cara. Eu deveria estar satisfeito por ele ter se escondido, mas não estou. Porque ele provavelmente está tramando vingança. O que significa que preciso encontrá-lo e matá-lo antes que ele me encontre.

No andar de cima, ouço a televisão desligar. Eu dei um amplo espaço para Desiree o dia todo, e ela era toda profissional comigo.

Não sei por que não pensei que meu estado civil seria um obstáculo para Desiree, mas não pensei. Porra, se eu tivesse alguma ideia de que a reação dela seria tão negativa, eu nunca teria contado a ela.

Não Isso não é verdade.

Teria sido pior se ela ouvisse de um dos meus irmãos, e *Madonna*, eu sei que um deles teria ficado feliz em jogar isso nela só para me ferrar.

Mas sua insinuação de que Marne é uma mulher mantida, como se eu não fosse me divorciar dela porque não quero deixá-la ir é muito sem base.

Eu adoraria que ela continuasse com sua vida. Conheça algum outro idiota para cuidar dela. Alivia-me da culpa e da maldita sombra que sempre paira sobre mim. O que poderíamos ter sido sem a nossa tragédia. A família nuclear feliz.

Ah, *merde*, Talvez isso não seja verdade. É possível que Desiree esteja certa. Eu sou um idiota possessivo e não queria que ela estivesse no mundo sem mim.

Não. Não. Não acho que isso seja verdade. Se ela tivesse sido respeitosa, se ela tivesse organizado sua vida, arrumado um emprego. Talvez algum bom aconselhamento. Se ela viesse até mim e dissesse que se apaixonou por outro cara, eu teria beijado seu rosto e dito que estava feliz por ela. Eu juro por Cristo.

Quero dizer, ela poderia ter pedido o divórcio. Eu nunca disse a ela que ela tinha que ficar casada comigo. Inferno, ela poderia ter se divorciado de mim e ficado com metade de tudo o que possuo. Não é como se ela tivesse que ficar amarrada a mim para manter a comida em sua mesa. Ela provavelmente estaria vivendo mais se ela se divorciasse de mim.

Mas talvez ela esteja com muito medo de mim.

Eu nunca a machuquei, nem mesmo dei um tapa na bunda dela, mas ela sempre foi um pouco arisca. Ela sabe o que eu sou. E ela também acha que eu a culpo por Mia.

Talvez eu saiba, não sei. A escuridão naquela casa consumiu nós dois após a morte de nossa filhinha.

Só sei que carrego o peso disso tudo bem no centro do peito. Culpa por não saber lidar com meu próprio luto. Não poder ajudar Marne com o dela.

Culpa por não querer mais estar com ela. Não querer morar naquela casa com todos os lembretes.

O que eu tive com Desiree... acabou agora, eu sei disso. Foi como um teto retrátil se abrindo na minha vida. A luz do sol caindo e me aquecendo, mesmo com todos os shows de merda de sempre, como a preocupação com Gio e a ira de meus irmãos pela maneira como lidei com isso.

Mas esse teto está fechado. Não há como me desvencilhar da dark web que é a minha vida. Aquela que meu pai criou para mim e eu teci ainda mais apertado em torno de mim. Nunca estarei livre de Marne, ou de minhas responsabilidades de administrar *La Famiglia*. Ou as feridas que causei a todos ao meu redor por sempre bancar o babaca.

Não adianta nem pensar no que pode ser diferente, no que pode ser possível se eu me divorciar de Marne, porque Desiree já é esperta.

Ela sabe que não deve dar qualquer parte de si mesma para mim.

Porque eu vou levar.

Consumi-la.

E Deus sabe, eu nunca, jamais a deixaria escapar.

É por isso que ela ficou tão ofendida por eu não ter me divorciado. Não é porque ela está chateada por eu brincar com ela quando não estou disponível, embora possa ter havido um pouco disso. Não, é porque ela reconheceu a verdade sombria do assunto. Ela poderia facilmente acabar na minha coleira. E não é nenhum lugar que ela queira estar.

CAPÍTULO 8

DESIREE

Eu sonho que Jasper está em sua cama chorando por mim. Tento confortá-lo, mas ele não sente meus braços, não ouve minhas palavras. Eu sou um fantasma para ele.

Acordo ao som do gemido de Gio. Lembro que é aniversário de Jasper antes mesmo de abrir os olhos. Faz quatro dias que Junior me sequestrou e me trouxe aqui para cuidar de Gio. Parece meses. E eu só quero estar em casa agora, onde eu poderia chorar no meu travesseiro o dia todo sem ver ninguém.

Claro, eu sabia que esse dia estava chegando. Eu sabia disso como uma contagem regressiva para um grande colapso para mim. O peso esmaga meu peito. Sinto-me com duzentos anos quando saio da cama.

Eu verifico os sinais vitais de Gio e coloco mais analgésico em seu IV antes de ir para o chuveiro.

As lágrimas começam enquanto estou lá e elas simplesmente não param. Não como soluços completos, mais como um gotejamento constante. Uma torneira pingando que não desliga.

Droga.

Saio do chuveiro, me seco e visto meu uniforme Dicky, vermelho hoje.

As lágrimas continuam a correr.

Eles pingam o tempo todo que eu limpo as feridas de Gio e coloco curativos novos.

— Ei. — Junior está parado na porta, segurando meu telefone. Ele avista as lágrimas antes que eu rapidamente as enxugue. — Você está bem?

— Sim, — eu digo com determinação. Como se eu fosse de alguma forma tornar isso verdade.

— O que aconteceu?

— Nada. Eu não quero falar sobre isso.

Pego meu telefone de sua mão, já que estou assumindo que ele está trazendo porque recebi uma mensagem. Ele ainda se recusa a me deixar ficar com ele ou usá-lo sem que ele observe cada movimento meu, mas pelo menos ele verifica minhas mensagens com frequência e me mostra assim que algo chega.

— Texto da sua mãe, — ele me diz.

Novas lágrimas começam porque já sinto sua simpatia, seu apoio, seu amor. Minha mãe está tão ligada a mim e às minhas emoções que às vezes é assustador.

Enviando a você energia e luz curativa neste dia difícil.

Eu bufo e sufoco um soluço. Vindo da minha mãe, é uma promessa real. Além de enfermeira no hospital, ela também é voluntária como curadora de energia, dando tratamentos de reiki a quem quiser. E ela é uma curandeira poderosa. Às vezes juro que é ela quem mais salva vidas naquele lugar.

— Por que hoje é difícil? — Júnior pergunta.

— Não é da sua conta, — eu retruco, empurrando o telefone de volta para ele depois de enviar à minha mãe um emoji de coração. — Vamos movê-lo. — A cada oito horas, rolamos Gio de lado, de costas, para o outro

lado. Mesmo que eu provavelmente pudesse fazer isso sozinha, pedi a ajuda de Junior, porque Gio é um cara tão grande.

Nós o rolamos e ele acorda e usa o penico, xingando em italiano o tempo todo. Junior responde em italiano, em tom calmo e tranquilizador, e Gio se acomoda e fecha os olhos mais uma vez.

— Devíamos tirar você de casa. — Junior está olhando para mim como se eu fosse explodir. — Você provavelmente está cansada de ficar presa aqui. Você definitivamente merece uma pausa. Vou chamar Paolo para ficar com Gio e levarei você a qualquer lugar que pareça bom.

Meus lábios tremem. Sério, não consigo aceitar Junior sendo legal agora.

Eu preferiria que ele fosse um idiota para que eu pudesse ficar irritada e me controlar.

— Ou Paolo pode levá-la para sair, se você precisar de uma pausa de mim. — Ele dá um passo para trás e enfia as mãos nos bolsos.

Meus lábios se curvam. — Não vou a lugar nenhum com Paolo.

Junior pega seu telefone e começa a mexer na tela. — Onde você quer ir?

Eu dou de ombros. — Eu realmente não estou no clima, Junior.

— Não me diga, boneca. Não estou te pedindo em namoro. Estou tentando descobrir o que seria... não sei, *nutritivo* para você. — Ele faz um grande gesto com as mãos enquanto fala.

— Nutritivo?

— Cuidar, qualquer que seja a porra da palavra. O que você faz para se sentir melhor? Ir ver um filme? Que tal fazer exercício? Vou levá-lo para

minha academia na rua. Você pode fazer ioga ou Zumba ou qualquer outra coisa.

Eu me animei um pouquinho com Zumba e ele entendeu. A aula de dança cardio latina é minha forma favorita de exercício.

— Você gosta dessa ideia? — Ele rola em seu telefone. — Tem Zumba às 11h — Não sei como ele sabia que eu queria Zumba e não ioga. O homem é um leitor de mentes.

É difícil imaginar que eu poderia reunir energia para fazer uma aula de cardio agora. — Eu não sei, — eu digo.

Ele aponta para mim, o rosto severo e assustador. — Você vai para Zumba. E o que mais? Você gosta de fazer compras? Um pouco de terapia de varejo?

Eu bufo. — Okay, certo. Com que dinheiro?

— Você pode gastar meu dinheiro. Isso vai ser divertido, não? Ele inclina a cabeça para chamar minha atenção.

Um sorriso relutante aparece em meus lábios. — Pode ser, — eu admito.

Maldito seja meu tesão com homens gastando dinheiro comigo.

Maldito Júnior por aparecer como um cavaleiro branco quando estou mais fraco.

— Venha, vou levá-la para o café da manhã.

Ah Merda. Agora parece um encontro. E ele está gastando dinheiro comigo. Cuidando de mim.

Me assusta o quanto eu quero ser cuidada. Especialmente por um homem rico e poderoso como Junior.

Mas é exatamente por isso que preciso manter as barreiras em volta do meu coração. Porque já temo não sair daqui com ele intacto.

— Devo me trocar? — Eu pergunto em dúvida, olhando para o meu uniforme.

Ele dá de ombros. — Não para mim. Vista o que fizer você se sentir bem, boneca.

Pego um par de jeans e uma camisa de manga comprida e os levo para o banheiro para me trocar.

Não que Junior já não tenha me visto por inteiro.

Mas Gio não, e eu não quero que ele dê uma olhada se ele voltar.

Junior ainda está no telefone quando volto, mas quando ele olha para cima, seus olhos se arregalam um pouco. A camisa verde esmeralda é sexy, eu a trouxe de propósito para torturar Junior. Ele abraça meus seios e abre em V para mostrar um pouco do decote. Os jeans também são lisonjeiros, eles são justos e abraçam minha bunda, mas o jeans tem um pouco de elasticidade, então eles são ultra confortáveis. Calço um par de botas e afofo meu cabelo ainda molhado.

— Droga — , diz Júnior.

— O que?

Ele apenas balança a cabeça e murmura: — E eu pensei que você fosse gostosa de jaleco.

Ok, eu posso estar começando a me sentir um pouco melhor, mesmo que o peso ainda empurre meu peito.

Eu arrumo algumas roupas de ginástica e descemos as escadas. — Quando Paolo vem? — Eu pergunto.

— Ele chegará a tempo para Zumba. Gio ficará bem por uma hora enquanto tomamos o café da manhã.

— Você está falando com toda a sua experiência médica? — Não posso deixar de incomodá-lo. É como se fosse um trabalho que eu nasci para fazer.

— Eu daria um tapa na sua bunda, mas tenho a sensação de que hoje seria o dia em que você me derrubaria por isso.

Estou cada vez mais perto de sorrir.



Júnior

Eu me forço a malhar na academia, porque *Dio*, se eu assistir Desiree balançando aqueles quadris em suas calças de ioga e top durante a Zumba, eu vou marchar lá, jogá-la sobre meu ombro e carregá-la para o vestiário. E deixe-me dizer-lhe, eu não estaria lavando o cabelo dela naquele chuveiro.

Mando uma mensagem para Earl para descobrir o significado do dia para Desiree.

Ele responde imediatamente, é o aniversário do menino.

Bem, foda-se.

Eu sei como essas datas são difíceis. Só que minha filha está morta. E o de Desiree não está, ele foi roubado dela. Eu disparo outra mensagem para Earl, colocando mais pressão sobre ele para encontrar seu filho. *Contrate todos os detetives da cidade. Coloque todos eles no caso*, eu digo a ele. *Quero que esse garoto seja encontrado ontem.*

Animar as pessoas não é meu forte, como evidenciado pelo estado mental de minha esposa após a morte de Mia.

Eu espero por ela fora de sua classe. Foda-se se ainda não está acontecendo e eu dou uma olhada naqueles quadris iluminando a sala em chamas. A aula acabou e eu não consigo me mexer porque não quero perder nem um segundo dela.

É pior saber do que ela gosta, porque começo a imaginar forçá-la a fazer sexo de mil maneiras sujas. Mas ela não quer isso.

Não mais.

E a fantasia só é quente se ela realmente gostar.

Os cinco minutos parecem cinquenta, mas finalmente a aula termina e ela sai, uma toalha em volta do pescoço. Não me atrevo a olhar para a maneira como os seios dela esticam aquela regata ou vou brotar uma gordurinha que todo mundo vai ver.

— Vou tomar um banho rápido, — ela me diz. — Te encontro do lado de fora do vestiário.

Concordo com a cabeça e observo sua bunda enquanto ela se afasta. Ela não está se pavoneando, ainda vejo a derrota em sua postura mas ela tem todo o lixo certo no porta-malas.

Desiree é o pacote completo. Inteligente, atrevida, quente como o inferno. Eu me pergunto o que deu errado com o casamento dela. O cara tem que ser um babaca para não fazer de tudo para ficar com ela.

Bem, obviamente ele é mais do que um idiota. Ele é um *testa di cazzo*. Ele roubou o filho dela.

Eu tomo banho e me troco e a encontro fora do vestiário. Seu cabelo ainda está molhado, como se ela tivesse corrido para sair e me encontrar. Está congelando lá fora.

— Volte lá e seque o cabelo, — digo a ela. — Você vai congelar, porra.

Ela revira os olhos. — Eu vou ficar bem.

Eu bloqueio o caminho dela. — Ei, — eu faço minha voz afiada, como se eu estivesse vindo para baixo em um dos meus soldados por desrespeito.

Ela estremece um pouco, então dá um tapa no meu peito. — Jesus, você é um idiota. Você realmente tem que me intimidar a cada segundo do dia?

Posso me sentir mal, considerando que ela está tendo um dia de merda, mas é bom ver a faísca de volta nela. Eu dou a ela um olhar duro até que ela revira os olhos e se vira com um bufo, marchando de volta para o vestiário.

Quando ela volta, seu cabelo é uma cortina escura e brilhante sobre os ombros, emoldurando seu rosto adorável. Ela sempre o usa em um rabo de cavalo, então fico momentaneamente impressionado com sua beleza digna de modelo.

Eu olho para o meu telefone. — Nenhuma mensagem de Paolo. Vou levar você para fazer compras.

Ela não quer gostar, mas posso dizer que ela gosta. Eu sei que ela está raspando. Uma mulher como ela merece ser mimada.

Não estamos perto de grandes shoppings, mas eu a levo para uma área do meu subúrbio com lojas chiques e encontro uma vaga para estacionar na rua. Eu provavelmente deveria chamar um dos caras para ficar como

guarda-costas, porque Vlad pode estar em qualquer lugar, mas não acho que fui seguido e não vejo nada suspeito.

— Você tem três mil dólares para gastar em cinquenta minutos. Você não consegue ficar com o dinheiro que não gasta, e tudo o que você compra tem que ser para você.

Ela para e vira os olhos redondos para mim, abrindo os lábios.

Eu quero beijar eles.

Porra.

O que há de errado comigo?

Uma coisa é querer foder uma garota. Mas beijar? Não beijo uma mulher desde Marne. Nenhuma.

Eu não sei, é muito íntimo. Ou muito emocional. Não é algo que eu queira fazer.

Mas sim, eu quero beijá-la. Porra agora.

— Você está falando sério? — ela resmunga.

Sério sobre reivindicar essa boca, sim.

Mostro um maço de dinheiro. — Vou te seguir como seu maldito sugar daddy. Vamos ver o quão rápido você pode gastar meu dinheiro.

Ela começa a andar, seu cabelo sedoso balançando atrás dela. Ela lança um olhar por cima do ombro para mim e estou emocionado ao ver uma luz brincalhona em seus olhos. *Missão cumprida.* — Existe um bônus envolvido se eu gastá-lo antes dos cinquenta minutos acabarem?

Eu dou de ombros, evasivo. — Pode haver outras estipulações.

Merde. Eu não queria começar a lançar insinuações sexuais, especialmente aquelas que a fazem parecer uma prostituta, mas ela parece

gostar disso, jogando o cabelo novamente com um sorriso malicioso enquanto desfila.

Ela vai direto para uma joalheria e eu sorrio. Garota esperta. Ela sabe que poderia gastar todo o valor em uma parada ali. Eu sou totalmente a favor, se é isso que ela quer, mas também acho que ela poderia usar alguma merda prática, como um novo par de botas ou uma jaqueta. Eu olho em volta para as lojas, para ver o que elas têm. Há uma loja de sapatos boutique e algumas lojas de roupas.

Caminho atrás dela até a joalheria, onde ela já está debruçada sobre as vitrines. Há luz em seu rosto novamente, o que alivia a tensão em meu peito. Ela lança um olhar furtivo por cima do ombro para mim, como se estivesse se certificando de que não a estou enganando ou tirando sarro.

Eu levanto meu queixo e levanto minhas sobrancelhas como se dissesse: — você vai fazer isso ou não?

Ela tem um sorriso quando ela se volta para o caso. Ela experimenta um monte de anéis. Observo um pouco para ver do que ela gosta, depois ando pela loja e olho para mim mesma. Há uma linda joia rosa, lapidação esmeralda, engastada em ouro 18K. Custa um pouco mais de dois mil. Peço à mulher atrás do balcão para levar para Desiree para ver se ela gosta.

Ela olha para mim surpresa quando chega, então o desliza em seu dedo e olha para ele. — O que é essa pedra preciosa? — ela pergunta ao atendente.

— Morganita. É prima da esmeralda e da água-marinha. Fica bem em você.

— Ele fica, — eu concordo. Não sei por que escolhi para ela, não é como se ela fosse o tipo de mulher rosa bebê. Talvez porque seja único e impressionante, como ela.

Desiree olha de seu dedo para mim, de volta para o atendente. — Eu vou levar. — Seus ombros estão jogados para trás, queixo alto.

Eu amo sua determinação. Pego meu maço de dinheiro e conto 23 notas de cem dólares. — Serve? Precisamos dimensioná-lo para você?

Ela o torce no dedo anelar direito. — Cabe perfeito.

Eu pisco para ela.

Cristo — eu já pisquei na minha vida? Eu duvido seriamente. Não sou do tipo que pisca. Esse seria Stefano, meu irmão mais novo de fala mansa.

O balconista me dá o troco, enfia uma caixa de anel vazia em uma sacola com o recibo e nos entrega. — Apreciem.

— Faltam setecentos, — murmuro para Desiree quando saímos. — Você gosta de sapatos?

— Eu amo sapatos. — Há cor em suas bochechas quando saímos, não um rubor, apenas um rubor de excitação. Desiree está definitivamente prosperando na terapia de varejo. Bom. Posso não ter muitas qualidades, boas maneiras, gentileza, mãos imaculadas de sangue, coração escurecido pela violência e pela dor, mas tenho dinheiro. Não sou estúpido o suficiente para pensar que posso comprá-la, mas pelo menos um dia posso dar algo a ela.



DESIREE

Eu deveria ter vergonha de mim mesmo.

Estou envergonhada de mim mesmo, Eu não deveria estar ficando excitada por um mafioso me comprando uma pedra gigante para o meu dedo.

É aniversário do meu filho, ele vai passar em algum lugar sem mim. Espero que ele esteja feliz, seguro e confortável com seu pai. Abe nunca foi um mau pai. Nunca mesquinho, ou abusivo ou mesmo muito negligente. Tenho certeza que Jasper está seguro, aquecido e alimentado. Imagino que ele esteja indo para o jardim de infância em algum lugar, espero que esteja na escola, de qualquer maneira.

Mas ele com certeza nunca me comprou nada. Ele era um tipo de cara dividido no meio desde o começo. E depois que nos casamos, eu sempre paguei nossas contas, mesmo quando estava trabalhando pra caramba para terminar a faculdade de enfermagem. Ele trabalhava na construção e gastava seu dinheiro com cerveja, maconha e comendo em restaurantes gordurosos com seus amigos.

Com vergonha ou não, é fato. Minha calcinha ficou molhada quando Junior tirou aquele rolo de dinheiro e gastou mais de dois mil neste anel. Parece pesado em meu dedo, capta a luz quando balanço os braços enquanto ando.

Estou me sentindo muito amada agora. Oh Deus, não *amada*, amada. Mas sim. Qualquer que seja. Posso rejeitar a palavra, mas o sentimento é o mesmo.

Entro na sapataria e dou uma olhada, totalmente consciente de que Junior está atrás de mim, observando cada movimento meu. Eles têm um monte de sapatos chiques que eu nunca usaria. Bem, eu poderia usá-los se

tivesse um motivo, mas como minha vida consiste em trabalho, Zumba e casa, não estou interessada em saltos da moda de 15 centímetros.

Como na joalheria, Junior circula pela loja em sua própria trajetória e aparece ao meu lado segurando uma bela bota de couro. Eu já tenho um par de botas, estou usando, então nem olhei para elas. Eu deixo meu olhar cair para minhas próprias botas. Gastas. Falso couro. O estilo que surgiu há três temporadas.

— Eu gostaria de experimentar isso em sete, — digo ao balconista.

Ela acena com a cabeça e vai para a sala dos fundos.

— E daí? Agora você é meu personal shopper? Eu realmente deveria agir mais agradecida. De alguma forma, é mais divertido revidar em Junior.

Como sempre, ele parece se divertir vagamente com minha atitude e apenas dá de ombros.

Eu experimento as botas. Eles se encaixam perfeitamente, totalmente confortáveis. Preço de trezentos e cinquenta dólares, não que isso importe. Júnior está comprando.

— Nós vamos levar? — Eu exijo.

— E agora você quer minha opinião? — O começo de um sorriso aparece em um canto de sua boca.

— Você é o comprador pessoal, não é?

Ele sorri abertamente. — Eu levaria você para fazer compras qualquer dia.

Eu não sei o que dizer sobre isso. Não é como se fosse doce de rosas e chocolate. Mas meio que é.

Quero dizer, os caras não odeiam fazer compras? Especialmente se isso significar que a mulher está gastando todo o dinheiro dele? E não é como se eu estivesse sendo grata ou legal ou algo assim. Não é como se ele estivesse ganhando alguma coisa com isso. Ou ele pensa que está? Eu atiro a ele um olhar suspeito e seu sorriso se alarga. Fica mais selvagem.

Bem merda. Isso deveria me preocupar, mas em vez disso provoca borboletas de excitação em minha barriga.

— Vou levar isso, — digo à vendedora. — Você tem na cor marrom também?

— Eu com certeza faço! — ela gorjeia e vai para a sala dos fundos. Ela deve trabalhar por comissão.

— Pronto, — digo a Junior, que está olhando uma prateleira de jaquetas de couro. — Tudo feito, com tempo de sobra.

Junior segura uma jaqueta de couro com gola e punhos de pele sintética preta. Eu nunca teria escolhido, mas eu experimento. É confortável e quente e dez vezes melhor do que minha jaqueta atual. Custa \$ 1029.

— Eu já usei meu orçamento, — eu o lembro.

— E este, para quando não estiver tão frio. — Junior me passa um casaco mais fino, de couro amanteigado, com um cinto. Também é muito confortável e elegante. E este cachorrinho custa quatrocentos dólares.

A vendedora aparece, feliz por eu ainda estar comprando. — Isso parece tão bom em você, — ela jorra.

Junior espera até que ela se afaste, levando minhas botas até o balcão para murmurar: — É mesmo. — Ele entra no meu espaço e ajusta a gola, olhando para mim com olhos negros. — Você gosta deles? São seus.

Eu lambo meus lábios. — Por que você está fazendo isso?

— Para animar você. Está funcionando?

Eu concordo. — Sim, na verdade. Isso é. Obrigada.

Ele inclina a cabeça para baixo e por um segundo eu acho que ele vai me beijar. e eu não tenho certeza se estou a fim, especialmente em uma butique, mas ele apenas inclina sua testa contra a minha. — Eu não gosto de ver você chorar, — ele murmura.

Prendo a respiração. Eu dou um empurrão no peito dele. Mais de uma cutucada realmente. — Eu não sabia que você era legal.

Ele se afasta e fico desapontado ao ver que sua máscara está de volta no lugar, como se eu tivesse acabado de lembrá-lo de ser um idiota. — Você tem razão. Eu não sou. — Nenhum sorriso quando ele se vira e caminha até o balcão, pegando seu dinheiro.

Droga. Por que eu tenho que ser uma vadia?



Júnior

Eu deveria ter dado a ela um limite de gastos maior. Não sabia que ela tentaria arrebentar tudo de uma só vez, mas não me importo de ver aquele anel brilhando em seu dedo e saber que o coloquei lá. Fingindo que a marquei com isso, reivindiquei-a como minha.

Ela se dirige para o carro, mas eu faço um som negativo na minha garganta. — O tempo não acabou.

— Sim, mas eu gastei o limite.

Eu inclino minha cabeça em direção a uma boutique de roupas. Sou um babaca, mas quero muito vê-la trocando de roupa. Vestindo-se. Modelando merda. É estúpido, mas totalmente excitante para mim. Eu amo a ideia de uma mulher se vestir para seu homem. Girando e perguntando se ela está bonita, sabendo muito bem que ela está.

Ela levanta as sobrancelhas, mas posso dizer que ela gosta. Muitas mulheres ficam excitadas ao ver dinheiro espalhado. Acho que em um nível biológico, isso mostra que o homem é um bom provedor ou algo assim. Tudo o que sei é que jogar dinheiro na frente de uma mulher é uma boa preliminar. Não que eu esteja tentando transar.

A boutique é toda de jeans de grife, prateleiras e mais prateleiras com algumas araras de camisetas de grife no meio da loja.

Uma jovem vendedora a único na pequena loja, se aproxima. — Posso ajudá-la a encontrar o par de jeans perfeito?

Desiree lança um olhar em minha direção.

— Sim, — eu respondo por ela.

— Ótimo, você se importa se eu medir você? — A vendedora, que parece ter dezenove anos e leva o jeans muito a sério, pega uma fita métrica.

— Claro. — Desiree tira a jaqueta e levanta os braços para medir.

A vendedora faz uma série de perguntas sobre suas preferências enquanto anda pela loja, tirando meia dúzia de jeans das prateleiras. — Vamos começar com estes. Deixe-me mostrar-lhe o camarim. Ela olha para mim. — Você quer voltar com ela?

Porra, sim, eu quero voltar com ela.

Eu dou um aceno solene e tiro uma nota de cem dólares do meu bolso. Ela nos leva de volta e abre uma cortina para um grande vestiário. Claramente somos os únicos na loja, o que me convém muito bem.

Quando ela sai, passo o dinheiro para ela e murmuro: — Cem dólares se você nos der um tempo a sós.

Ela enfia o dinheiro no bolso. — Você entendeu. Faça uma bagunça e você compra. Ela arqueia uma sobrancelha.

Bonitinha. Ela tem atitude suficiente para substituir Desiree.

Vou para o camarim, onde Desiree já está tirando as botas, toda profissional. Ela claramente não percebeu minha troca com a vendedora.

Eu me acomodo em um dos assentos para assistir ao show.

— Ela não me perguntou se eu queria que você voltasse aqui, — Desiree reclama, tirando a calça jeans.

— Você fez, — eu digo a ela. Eu sei que é verdade pela maneira confiante como ela se despe e se pavoneia para pegar um par de jeans para experimentar.

Minha boca fica seca, o pau fica duro como pedra enquanto a vejo experimentar um par de jeans que abraça sua bunda.

— O que você acha? — Ela se vira, olhando criticamente no espelho. Fingindo que ela não sabe que ela parece um milhão de dólares.

— Nós vamos levá-los, — eu digo, a voz áspera.

Seus mamilos ficam duros quando ela ouve o desejo em minha voz e me lança um olhar sedutor por baixo de seus cílios.

Linda mulher.

Ela experimenta outro par de jeans. Eles são igualmente magníficos. O terceiro par não se encaixa direito. Quando ela os tira, eu me levanto do meu assento, avançando com a qualidade de um predador.

Ela fica imóvel, me observando. Esperando por isso.

Eu agarro sua cintura. — Suba lá. — Eu a ajudo a subir para ficar de pé no banco contra a longa parede do camarim.

— O que você está fazendo? — Ela parece sem fôlego.

Eu empurro sua bunda para trás até que ela atinja a parede, em seguida, puxo o reforço de sua calcinha para o lado, abaixo minha cabeça e a provo.

Ela se contorce e grita. Estendo a mão e cubro sua boca com uma mão e puxo sua calcinha para baixo e a tiro com a outra. Ela empurra seus quadris, segurando meu braço para estabilidade. Seus lábios abertos pressionam contra a palma da minha mão, quentes e macios.

Eu abro seus lábios com o polegar e o indicador e traço o interior, lambendo seu clitóris, mexendo com a ponta da minha língua, sugando meus lábios sobre ele e chupando.

Ela morde minha mão, gemendo contra ela, seu hálito quente se tornando úmido e úmido enquanto ela se contorce sob minha língua.

Eu não paro de torturá-la. Eu lambo, bato e trabalho em seu clitóris inchado. Eu a penetro com minha língua endurecida. Ela me agarra pelo cabelo e me puxa contra ela, empurrando suas dobras encharcadas em minha boca. Eu enfio dois dedos dentro dela e ela grita contra a minha mão, que aperto em torno de sua mandíbula ainda mais forte. Estou sendo rude,

mas sei que ela gosta. Seu corpo responde a mim toda vez, como se fosse feito para mim.

E agora, vou garantir que ela venha mais rápido que um trem de carga. Porque ela precisa da libertação.

E caramba, se eu não quero ser o cara que dá a ela.

Todo.

Porra.

Tempo.

Enrolo meus dedos dentro dela, tentando encontrar seu ponto G.

Bingo!

Seus joelhos se dobram e ela grita contra a palma da minha mão, a pélvis se movendo incontrolavelmente. Eu bombeio meus dedos para dentro e para fora. Quando eu passo minha língua contra seu clitóris ao mesmo tempo, ela soluça e puxa meu cabelo com uma mão, a outra mão agarrando meu pulso para enfiar meus dedos mais fundo. Suas unhas cavam em minha pele.

Eu bombeio mais algumas vezes para mostrar a ela quem está no controle, então empurro fundo e dou a ela uma pausa longa o suficiente para ela gozar.

No momento em que paro de empurrar, ela estremece e libera, suas paredes internas apertando em torno de meus dedos. Ela fica na ponta dos pés, aperta a parte interna das coxas em volta do meu pulso. Eu continuo lambendo seu clitóris durante todo o seu clímax até que ela tropeça para frente, e eu tenho que segurar sua cintura para evitar que ela caia. Eu deslizo

meus dedos para fora e a ajudo a descer. Viro-me para sentar no banco e puxo-a para o meu colo, acariciando sua boceta ainda pulsante.

Ela geme e inclina a cabeça para trás no meu ombro. — Jesus, Júnior.

Eu acaricio suas dobras encharcadas como se estivesse acalmando sua boceta de volta ao normal. — Como você se sente agora, boneca?

— Melhor, — ela murmura. Seu corpo está pesado no meu, como se ela estivesse completamente relaxada. — Mas eu odiei ter que ficar quieta. — Sua risada é rouca e faz meu pau dolorido latejar ainda mais. — Estou no campo de se *eu não gritasse, não contava*.

Eu dou um tapa em sua boceta e suas duas coxas se contraem. — Não contou? — Eu rosno. Eu bato em suas dobras molhadas novamente. — Você precisa de mim para fazer valer a pena?

— Podemos voltar para sua casa? — Sua voz rouca com os gritos estrangulados. — Por favor?

Foda-se se eu pudesse negar qualquer coisa a ela agora. Especialmente considerando o estado do meu pau.

— Então você pode gritar a plenos pulmões, baby?

Ela dá outra daquelas risadas roucas. — Sim.

Eu a levanto do meu colo tão rápido que ela ri e dou um tapa em sua bunda. — Dez segundos para se vestir, — eu dou um latido.

Ela pega a calcinha e pula, colocando-a.

Pego os três pares de jeans que ela ainda não experimentou, além dos dois que sabemos que servem nela. — Eu vou pagar por isso. E ainda estou contando. Eu coloco uma pequena nota de advertência em minha voz para a última parte e ela sorri, enfiando o pé em seu jeans.

— Bem atrás de você, chefe.

Porra, estou tão perdido por essa garota.



DESIREE

Sair sem penetração completa parece trapaça. Não acho que seria feliz como lésbica porque realmente sinto que preciso de um pau grande. Claro, eles fazem vibradores incríveis para isso, então talvez eu fique bem.

Tudo o que sei é que não me cansei de Junior Tacone naquela loja de roupas e preciso me sentir completa.

Ele dirige rápido, pneus cantando rápido, e se livra de Paolo. E então ele me agarra do lado de fora do quarto de Gio assim que termino de reembalar suas feridas e atualizar o IV.

Ele me empurra contra a parede, prendendo meus pulsos ao lado da minha cabeça. Seus lábios descem nos meus, esmagando minha boca. Seus dentes raspam meus lábios, a língua invade. O tempo todo, ele esfrega sua impressionante ereção contra minha barriga.

Eu envolvo uma perna em volta de sua cintura para incliná-lo para o entalhe onde ele precisa estar.

Ele pragueja em italiano e puxa minha outra perna para cima, então me carrega para seu quarto.

Abro o botão da calça de seu terno de mil dólares e deslizo minha mão para baixo para agarrar seu pau. É longo e duro e dou empurrões na palma da minha mão. Eu caio de joelhos enquanto ele libera sua ereção de sua cueca boxer.

Estou molhada só de pensar em dar prazer a ele. Separo meus lábios e levanto meu olhar para ele para que eu possa observar seu rosto no momento em que o coloco em minha boca.

Seus olhos são escuros como a noite e um músculo se contrai em seu rosto enquanto eu engulo a cabeça, girando minha língua por baixo. Ele enfia os dedos no meu cabelo, agarra-o com força. Entrego-me à fantasia de ser forçado.

Devo dinheiro à máfia e o Junior está a obrigar-me a pagar desta forma.

Eu o tomo profundamente em minha garganta, então me afasto e balanço minha cabeça algumas vezes. Eu repito, segurando a base de seu pênis com força para fazê-lo alongar na parte de trás da minha garganta. Eu seguro e levanto suas bolas com firmeza, em seguida, acaricio-as para baixo algumas vezes enquanto chupo. Então eu massajeio a mancha, acariciando de trás para frente.

A respiração de Junior fica irregular, seu punho aperta meu cabelo. Pré-sêmen gira em minha boca, misturando-se com minha saliva para fazer um super lubrificante. Dou ao seu pau um momento para esfriar e bombeio minha mão sobre ele enquanto chupo suas bolas, lambo ao longo da linha da parte de trás de seus testículos até sua mancha.

— Você está me matando, porra, — Junior diz, seu aperto no meu cabelo muito forte. — Eu quero tanto gozar na sua boca.

— Então faça, — eu digo a ele, posicionando meus lábios sobre seu pau novamente, mas ele segura meu cabelo e puxa para trás.

— Não não não não. Eu preciso te foder, boneca. Eu preciso foder você com tanta força que você esqueça seu nome.

Sem argumentos aqui.

Ele solta meu cabelo e me puxa para ficar de pé ao lado do meu cotovelo. — Curve-se sobre a cama. — Ele dá um tapa na minha bunda quando me viro para obedecer. Ele chega debaixo de mim para trabalhar no botão da minha calça jeans e eu o ajudo a empurrá-lo para baixo em meus quadris. Eu ouço o rasgo de uma embalagem de preservativo e então ele empurra para dentro de mim sem preâmbulos.

Eu grito de prazer.

Isto.

Sim.

Exatamente o que eu preciso.

— Sim, — estou balbuciando imediatamente. — Por favor, Júnior, tudo bem.

Ele agarra minha nuca e entra com força, batendo contra minha bunda, suas bolas balançando contra meu clitóris.

Abro mais as pernas, arqueio as costas para recebê-lo. Isso é tão bom. Prazer e satisfação disparam através de mim, embora eu não tenha atingido o orgasmo ainda. Meu corpo canta, celebrando esta nova posição, este momento. Este homem.

Eu grito e gemo e imploro enquanto ele me leva rápido e forte.

— Você continua com esse barulho, eu não vou durar muito mais tempo.

— Não pare, — eu grito. — Quero dizer, venha! Por favor, me dê. Dê-me mais duro. Agora.

Pareço a personagem pornô mais vadia e realmente não me importo. Tudo o que sei é que estou recebendo exatamente o que preciso neste momento.

E é incrível.

— *Fanculo, fanculo, fanculo*, porra! — Junior ruge e bate fundo em mim. Juro que sinto o calor do seu esperma, mesmo pela camisinha.

Eu gozo também, ondas de prazer rolando pelo meu corpo enquanto ordenho seu pau com tudo que vale a pena.

— Sim, Júnior, sim. — Eu ainda estou tagarelando.

Junior relaxa e eu flutuo para longe, para o espaço abençoado de nenhum pensamento.

Volto à realidade quando ele me limpa com uma toalha e esfrega minha bunda.

— Você está bem, bebê? — O don severo se foi, substituído pelo lado muito humano e gentil de Junior. É um lado que duvido que ele mostre muito, e me sinto honrada por ele ter mostrado isso para mim tantas vezes hoje.

Eu rolo para o meu lado e me sento. Meu rosto está quente. Afasto o cabelo dos olhos. Junior me entrega uma garrafa de água. — Você é a porra da mulher mais gostosa do planeta, sabia?

Eu ruborizo, bebendo da garrafa de água. — Obrigada.

Ele sorri e coloca um dedo sob meu queixo para levantar meu olhar. — Você está me agradecendo pelo melhor sexo que tive em anos? Ok, eu vou levar.

— Não para isso. Bem, sim por isso, mas apenas obrigada. Encontro coragem para olhá-lo nos olhos. — Para hoje. Por me ajudar a esquecer.

— Esquecer o quê, querida? — ele pergunta suavemente.

Meus olhos ficam úmidos, mas tudo bem. Não me sinto mais triste. Apenas torcido. — Hoje é o aniversário do meu garotinho, — eu digo, minha garganta apertando. — E ele está com o pai em algum lugar. E não sei onde. — Minha voz vacila e quebra na última palavra.

— Oh bebê. — Ele me puxa para cima da cama e em seus braços, puxando minha calcinha e jeans enquanto ele me segura. É um gesto simples, mas nunca me senti tão bem cuidada na minha vida. Pelo menos não por um homem. Com Abe, eu tinha que ser sua mãe, não que ele aceitasse qualquer coisa que eu tivesse a oferecer. Mas ele certamente nunca deu. Nunca cuidou de mim, mesmo depois que dei à luz seu filho. Nunca me fez nenhum favor.

Eu enterro meu rosto no peito de Junior e ele esfrega minhas costas, segura minha nuca, beija meu cabelo.

— Sinto muito, boneca. Eu realmente sinto.

— Então é para lá que vai meu dinheiro. Contratei um investigador particular para encontrá-los, mas é muito caro. E até agora, meu ex se manteve fora do radar.

— Você vai encontrá-los. — A voz de Junior tem um tom de convicção e eu quero muito acreditar nele. — Você vai, — diz ele com firmeza, como se soubesse que não tenho certeza. — E quando o fizer, ficarei feliz em cuidar do seu ex para você.

Meu estômago dá um nó e eu o afasto. — Júnior, não.

Ele mantém as palmas das mãos para cima. — Bem, se você precisar que eu cuide dele ou de *qualquer* outra pessoa, você sabe que eu faria isso em um piscar de olhos.

Eu balanço minha cabeça, novas lágrimas molhando meus olhos, mas desta vez elas não são para mim. Pelo menos eu não acho que eles são. São para ele. Para mim, porque não posso ter um homem como ele. Não é normal sugerir a violência como solução para todos os problemas. E acho que ele nem quer mais ser aquele homem. Não acho que seja o verdadeiro ele. — Júnior...

— Sim?

— Não. — Eu tento manter a condenação fora da minha voz, mas não consigo. Quando o vejo recuar, corro. — Eu aprecio a oferta, eu realmente faço. É incrível saber que tenho alguém como você ao meu lado. — Estendo a mão para tocar seu braço. — Mas não estou de acordo com a violência. E honestamente? Eu não acho que é realmente você. Não acredito que seja quem você quer ser. Quero dizer, você me disse que quer sair.

Ele esfrega a mão no rosto, de repente parecendo dez anos mais velho. — Sim. Nós iremos. É quem eu sou, Desiree. Posso odiá-lo, mas não posso mudar o que é. E se vou usar violência para alguma coisa, com certeza será para ajudar a mulher de quem gosto.

Não acho que ele quis ser tão revelador, porque ele lança um olhar semi-alarmado para mim, como se não pudesse acreditar que disse isso.

A mulher de quem gosto.

As palavras me atingiram direto no peito. A flecha perfura, mas espalha calor pelo meu peito. Também me assusta pra caralho.

Não estamos nos preocupando com isso aqui. Estávamos fazendo sexo violento. Não me *importo* com Junior Tacone. Eu, pelo menos, não quero. Não há futuro a longo prazo para mim com um mafioso.

Deve ler isso na minha cara, porque ele se levanta, me dando as costas.

A flecha alojada em meu peito fica pesada.

Mas então um baque terrível soa no quarto de Gio e Junior e eu saímos correndo do quarto.

CAPÍTULO 9

Junior

— Gio! — Meu irmão está no chão, gemendo.

— Ai. Porra. — Gio geme.

Corro para o lado dele e agarro seu braço para ajudá-lo a se levantar.

— Ei, *fratellino*. Vá com calma.

Desiree se posiciona do outro lado dele para ajudar.

— Estou bem. — Está tudo bem, — Gio diz, mas ele está ofegante e estremecendo e não consegue se levantar.

— *Fanculo*, — eu juro.

— No três, — Desiree diz, totalmente no comando da situação, como de costume. — Um dois três. — Puxo o mais forte que posso, porque com certeza sei que Desiree não é forte o suficiente para levantar meu irmão, e nós o levantamos.

Seu grito de dor vai direto para o centro dos meus ossos. Meu irmão não é nenhum amor-perfeito. Se ele está fazendo sons como esse, está com muita dor e não consegue controlar suas próprias respostas a isso.

— Do lado esquerdo, — Desiree direciona e nós o rolamos. Ela tira o curativo dele pelas costas, seus lábios formando uma linha apertada.

— Está tudo bem?

Ela usa sua voz eficiente de enfermeira. — Ele rasgou o local do soro e os pontos, mas vai ficar bem. Vou suturá-lo e reembalá-lo.

Gio olha para seu ferimento na frente. — Quanto tempo desde que levei um tiro?

— Quatro dias, — digo a ele.

Ele estica a cabeça para olhar para Desiree. — Estou deitado aqui com dois buracos na barriga enquanto você transa com minha enfermeira? — ele me pergunta em italiano.

— Cale a boca, — eu digo, mas não tem a força por trás disso que eu costumo usar. Fico aliviado ao ouvir Gio falar novamente.

— Bem, ela é gostosa, eu vou te dar isso. Eu transaria com ela...

— Eu falei cala a boca.

Estamos falando italiano, mas Desiree nos lança um olhar desconfiado.

— Você está falando de mim?

— Ele disse que você é linda.

Gio me lança um olhar assustado, como se não pudesse acreditar que acabei de ser legal com outro ser humano.

— São as drogas falando, — ela diz facilmente, e me ocorre que não é a primeira vez que um paciente diz isso a ela. Eu tenho que engolir um bocado de espinhos de ciúmes. Do tipo que me faz querer marcar meu território com tanta firmeza que nenhum cara nunca mais olha para ela.

Eu pego Gio me estudando e tento deixar meu rosto em branco. Ou com raiva. Foda-se, como era meu rosto antes de Desiree? Não me sinto o mesmo homem de uma semana atrás.

— Então, quem veio da Itália? — Desiree pergunta em tom de conversa enquanto suas mãos voam sobre a ferida, limpando, enfaixando.

— Seu pai?

— Nosso avô mudou a família quando nosso pai tinha dez anos.

— E vocês ainda falam italiano fluentemente?

— Ele voltou para a Sicília para se casar com nossa mãe, foi uma espécie de coisa arranjada, então somos americanos de primeira geração em ambos os lados. — Eu explico e franzo a testa quando pego Gio me observando novamente.

— Onde está Paolo?

— Ele está por perto. Quer vê-lo?

— Nah, apenas certificando-se de que ele está bem.

— Sim, ele está bem. Você foi a única baixa do nosso lado.

Ele olha para Desiree. — E no deles? — ele me pergunta em italiano.

— Ela fala espanhol, — aviso, também em italiano. O que significa que ela provavelmente pode nos entender. Mas eu digo a ele, de qualquer maneira. — Todos mortos.

Desiree endurece.

Foda-se.

Gio acena com a cabeça e observa enquanto Desiree prepara seu outro braço para o IV. Ela insere a agulha e faz o gotejamento correr. Gio fecha os olhos quando o analgésico o atinge, as linhas tensas de seu rosto relaxam.

— Você quer a TV ligada ou algo assim? — Eu pergunto, mas ele nem abre os olhos, apenas balança a cabeça, mergulhando no descanso novamente.

Eu olho para Desiree. As coisas estão ficando muito intensas entre nós. A cada minuto que estou com ela, eu me apaixono mais e não consigo. Por mais que eu queira reivindicar Desiree para sempre, ela quer, precisa, de um homem diferente. E se vou deixar isso acontecer, deixá-la ir embora quando tudo isso acabar, preciso parar de agir como se estivéssemos

namorando ou um casal. Precisamos de uma chance para recuperar o fôlego. Sem vinho e macarrão e uma foda forte na bancada hoje à noite. Mas as opções do que fazer são bastante limitadas, considerando o quanto estamos confinados em casa. — Que tal pizza e um jogo de gin rummy? — Sugiro enquanto saímos do quarto de Gio.

Ela me lança um olhar engraçado. — Um sim. Ok. — Sua voz soa surpresa, mas disposta.

— O Coringa é selvagem, — digo a ela.

Sua risada suave é doce e dócil. — O Coringa é selvagem.

CAPÍTULO 10

DESIREE

Acordo do lado errado da cama na manhã seguinte. Eu não sei, talvez seja demais para eu processar, lamentar meu garotinho, sendo mantida em quase prisão por Junior. Ter sentimentos pelo referido captor e não desejá-los.

Estou confusa, confusa e irritada.

Faço minhas rondas habituais com Gio, depois tomo banho e me visto. Em vez de procurar o café da manhã, coloco minha nova jaqueta de couro e saio pela porta da frente. Preciso de uma pausa em casa e estou me sentindo irritada por ainda ser uma prisioneira, embora Junior tenha me tratado como uma princesa ontem.

Não estou surpresa ao ouvir a porta se abrir atrás de mim. – *Ei.* – É um latido agudo e autoritário.

Não sou burra o suficiente para continuar andando. Eu paro, mas não me viro.

– Onde você está indo? – Junior caminha decididamente em minha direção. Ele já tomou banho e se vestiu, impecável como sempre em um terno de corte fino.

– Afaste-se, chefe. – Eu devolvo a ele. – Eu vou caminhar.

Não são preliminares fofas desta vez. Não estou me sentindo atrevida, sou francamente mal-intencionada e ele não está achando graça. – Não fale comigo desse jeito. – É um comando baixo. O tipo que é certo de ser obedecido.

Eu me pego corando, porque ele realmente não merece minha maldade. Não hoje, de qualquer maneira. Ainda assim, não recuo. — Ouça, — digo a ele, com as mãos nos quadris. — Estou fazendo meu trabalho. Estou totalmente empenhada em cuidar de Gio. Estou confiando em você para cumprir sua parte no trato e me pagar e me deixar ir quando ele estiver acordado e por perto. Mas a confiança vai nos dois sentidos. Você mostra um pouco também. Preciso de um pouco de ar fresco, então vou tomar. Estarei de volta em vinte minutos, ok?

Sua boca se firma em uma linha fina e ele me encara por um longo momento. Ele parece tão cansado hoje quanto eu me sinto. Depois de um momento, ele inclina a cabeça na direção em que eu estava caminhando, como se dissesse — então vá.

Eu me viro e me afasto, caminhando com passadas longas e raivosas, do tipo feito para queimar a frustração. Não olho para trás até estar na metade do quarteirão e, quando o faço, encontro Junior seis metros atrás de mim.

Não. Nenhuma confiança da parte dele.

Ele provavelmente está congelando sem casaco também.

Não vou me sentir mal por isso. Foi ele quem decidiu que eu precisava ser supervisionada em minha caminhada pelo quarteirão.

Ou três. Dou uma longa volta e, quando chego em casa, estou me sentindo mais eu mesma. Mais acordada. Viva. Um pouco atrevido. Um pouco arrependida.

Eu paro na calçada que leva até sua casa de um milhão de dólares e olho para o meu rabo. É ridículo o que a visão dele faz comigo. As

palpitações em meu peito em seu corpo grande e em forma, vibram em minha barriga por causa de sua carranca.

Porque ainda acho que estou certa e não quero pedir desculpas, mas também quero ser legal, espero por ele. Quando ele chega, meu corpo se move em direção a ele por conta própria e, de repente, estou encostando minha testa em seu peito. Não é bem uma rendição – mais como bater minha cabeça contra a parede.

E essa parede é ele.

Demora duas batidas antes que seus braços se levantem e me circulem.
— Você está bem? — Sua voz áspera carrega uma preocupação genuína.

Eu aceno contra seu peito. — Um pouco fora do comum.

Ele esfrega a parte de trás do meu pescoço. — Eu também. — Ele me puxa para longe de seu peito e agarra minha mandíbula, inclinando meu rosto para cima. E então seus lábios descem sobre os meus, seu beijo é um castigo, forte e exigente.

Eu me rendo a isso, abro meus lábios para deixar sua língua entrar.

Ele começa duro, mas quando termina, seus lábios e língua estão em exploração, me provando, me provocando. Quando ele quebra, eu esqueci porque eu estava em apuros. Ele olha para mim. Sua expressão é inescrutável, mas seu polegar acaricia minha bochecha levemente.

— Qual é o seu nome verdadeiro? — Eu pergunto, um pouco sem fôlego. É como se eu precisasse de algo dele, alguma concessão, algo pessoal.

Algo endurece em seu rosto. — Santo. — Ele não gosta de dizer o nome. Talvez isso o lembre de seu pai, e as memórias não são boas.

Eu sei que ele se sente preso pelo pai, senti isso em cada palavra que ele falou sobre sua situação. É por isso que o encorajei a deixar tudo.

Não tinha nada a ver comigo tentando transformá-lo em alguém com quem eu pudesse estar a longo prazo.

Nada mesmo.

Eu tremo e ele me vira em direção à casa. — Vamos tomar café da manhã. — Entramos na casa e depois direto para a garagem.

— Meu carro!

Está ali ao lado de seu lindo Maserati. Eu tinha me preocupado com isso sentado no estacionamento do hospital, mas nunca imaginei que estivesse aqui o tempo todo. Isso meio que torna os planos de fuga mais simples, não que eu ainda esteja planejando esse tipo de coisa.

— Sim. Eu o queria em um lugar seguro, — diz Junior. — Não tenha nenhuma ideia, — ele adverte, arruinando qualquer apreciação que eu possa ter sentido por sua consideração.

Ele abre a porta do Maserati e passa por cima de mim para colocar as chaves na ignição. — Ligue se você ficar com frio. Eu volto já.

Nós iremos. Isso é um pedaço de confiança, não é? Ele me deixou com as chaves na ignição. Eu poderia totalmente pegar o carro e ir embora.

Claro, ele me mataria.

Literalmente.

Então ele provavelmente sabe que não vou mais do que dar uma volta no quarteirão sem a permissão dele. E é por isso que eu realmente preciso parar de derreter toda vez que ele me toca.



Júnior

Pego vinte mil em dinheiro e entro no carro com Desiree, que tem sua música pop tocando no rádio.

Não sei por que acho isso tão adorável.

Sua farpa esta manhã sobre não confiar nela ficou presa em minhas costelas. Ela está certa. Eu não confio. Não posso. Foi assim que fui criado. O treinamento perfurado em mim por Santo Tacone.

Mas eu trouxe um ramo de oliveira para ela. Eu deixo cair o telefone em seu colo.

Ela olha para mim com surpresa, mas eu não reconheço isso. Porra, meus instintos suspeitos já me fazem querer pegá-lo de volta, mantê-la longe de qualquer contato externo.

Mas eu tenho que confiar nela em algum momento. Se vou deixá-la sair de casa quando tudo acabar, confiando nela para não contar a ninguém, então devo estender a mesma fé agora.

Ainda assim, quando ela imediatamente começa a enviar mensagens de texto para alguém, fico tenso. Ela é uma puta de uma santa, porque ela me diz com uma voz exasperada: — Estou mandando uma mensagem para Lucy, minha melhor amiga do trabalho. Só para dizer a ela que sinto falta dela. Ela levanta a tela para provar isso.

— Obrigado, — murmuro.

Dirijo até a cidade, até o Caffè Milano. Matar dois coelhos com uma cajadada só.

Eu circulo o quarteirão, procurando por algo estranho. Policiais podem estar vigiando o local após o tiroteio. Ou a equipe de Vlad. Mais uma vez, eu provavelmente deveria ter chamado um dos caras para cuidar de mim. Eu teria insistido que Gio ou Paolo trouxessem reforços se eles viessem. No entanto, vai contra minhas tendências alfa admitir qualquer fraqueza. Não vejo nada nem ninguém que pareça deslocado, então paro e desligo a ignição.

— Você realmente vai deixar seu Maserati estacionado em uma rua deste bairro? — Desiree pergunta incrédula.

Eu dou de ombros. — Costumava ser todo mundo neste bairro que sabia que não devia mexer no meu carro. Não tenho certeza se ainda é o caso, mas espero que sim.

— Posso dirigir? — ela pergunta enquanto fecha a porta.

— O que? — Estou surpreso, principalmente porque ninguém em sã consciência jamais me pediu para dirigir, exceto meus irmãos *stronzo*, e eu disse a todos para se foderem vinte vezes antes de finalmente ceder.

Ela irradia um sorriso de mil watts para mim enquanto eu vou para o lado dela, protegendo-a do tráfego de forma protetora. — Por favor, Júnior? Vamos lá, o que ele faz, zero a cem em quatro segundos?

Eu rio, surpresa com seu interesse e conhecimento. — Sim.

— Deixe-me dirigir. Por favor? Vou te dar a melhor chupada da história do universo.

Meu pau fica duro com a proposta dela. Eu tenho que me abaixar e ajustar minhas calças. — Bem, foda-se. Essa é uma oferta difícil de recusar. Eu agarro seu rosto e a beijo novamente, como fiz na frente da minha casa

esta manhã. Não sei qual é o meu fascínio por beijá-la tanto, mas não consigo parar. Ela tem gosto de pasta de dente de menta e protetor labial de frutas silvestres. Seus lábios são macios e cheios, e deliciosos pra caralho. Sério, eu quero comê-la.

E sim, eu sou o grande lobo mau.

Eu não deveria. Não somos um casal. Isso não é namoro. Temos um acordo, mas sei que ela não está interessada em continuar além do prazo.

— Isso é um sim? — ela pergunta quando eu quebro o beijo. Eu amo sua coragem.

— Sim. — Eu não posso desviar o olhar. Ela está com os olhos brilhantes e corada, tão cheia de vida. Tal contraste comigo. Estou meio morto há anos. Com certeza desde a morte de Mia, mas provavelmente por mais tempo. Inferno, eu não consigo me lembrar quando minha vida já pareceu digna de ser vivida. Como se fosse minha.

Aposto que Nico não se sente assim. Aquele *testa di cazzo* vive sua própria vida desde o dia em que se formou no ensino médio e elaborou seu plano para Las Vegas.

Eu me forço a quebrar o contato visual, a varrer as ruas em busca de qualquer coisa perigosa. Quaisquer observadores. Eu não vejo nada fora. Mesmo assim, começo a suar quando caminhamos até o Caffè Milano, o eco dos tiros ecoando em meus ouvidos. O som que Gio fazia ao ser atingido. O olhar em seu rosto pisca diante dos meus olhos. E então a imagem da carnificina que deixei para trás.

Eu não sou inocente. Eu já tive sangue em minhas mãos antes. Mas aquela cena foi muito foda. Eu nem sabia que tinha em mim ser um

Exterminador de um homem só. Acho que é isso que acontece quando alguém atira no meu irmão.

O local tem alguns clientes pedindo seu café da manhã no bar. Alguns jovens sentam-se em mesas com os computadores desligados. Um velho lê um jornal.

— Então você vai me dizer o que está acontecendo? — Desiree pergunta em voz baixa.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto sem parar minha varredura constante da área. Eu respiro lentamente, mas meu coração ainda está batendo muito forte.

— Estamos aqui a negócios? Porque você com certeza não parece com fome.

Cazzo. Eu não deveria tê-la trazido. O que diabos eu estava pensando? Ela já é um acessório. Agora estou apenas enterrando-a ainda mais.

— Querida, não faça perguntas.

— Você está brincando comigo? — Ela mantém a voz baixa, mas o tom é de todos os níveis de raiva. — Júnior, não quero fazer parte dessa merda.

Esfrego a mão no rosto. — Eu sei. Eu fodi tudo. Eu não deveria ter trazido você. Não sei o que estava pensando.

Na verdade, eu sei o que eu estava pensando. Que tê-la junto aliviaria a tensão. Talvez até me ajude a acertar as coisas com a família Milano, porque ela é do tipo que consegue enganar quem quer.

Eu mesmo incluído.

A garota Milano está atrás do balcão e fica pálida quando me vê, mas, fora isso, se mantém calma.

Desiree e eu vamos até o balcão e pedimos café e bolos, depois nos sentamos em uma das mesas. Agora que estou dentro, verifico o novo vidro. É decente. Espesso, painel duplo. Melhor do que o que eles tinham aqui antes.

Isso é bom.

Pego um jornal em uma das mesas e finjo ler as manchetes. Estou pensando em colocar o dinheiro no jornal e entregá-lo à neta antes de sairmos.

— Júnior, estou com medo.

Eu olho para cima, surpresa. Desiree não me parece do tipo que admite seus sentimentos, especialmente o medo.

— O que você está fazendo aqui? O que vai acontecer?

Estendo o braço por cima da mesa e pego a mão dela. Está gelado. — Querida, você não precisa ter medo. — Não sei o que me compele, nunca contei um segredo na minha vida, mas não suporto a ideia dela nervosa por minha causa.

Ela provavelmente percebeu que meu PTSD estava aqui e agora ela acha que algo terrível está acontecendo.

— Este é o lugar onde Gio foi baleado, — digo a ela em voz baixa. — Vim para fazer as pazes com os donos, só isso.

Agora o rosto de Desiree está pálido. Ela lança os olhos ao redor sem mover a cabeça, como se fosse uma espiã ou algo assim. — Ok, — ela

balança a cabeça algumas vezes, como se estivesse tentando ser corajosa. —
O que nós temos que fazer?

Suas palavras me atingiram bem no peito. Choque-me.

O que temos que fazer.

Mesmo que eu subconscientemente a tenha trazido para ser minha cara-metade, para fazer parte da minha equipe, foi a coisa errada a fazer. E, no entanto, aqui está ela, apavorada, fora de seu elemento, desaprovando a coisa toda, mas ainda disposta a bancar minha companheira.

Eu aperto seus dedos frios. — Você não precisa fazer nada. Eu só queria mostrar minha cara e deixar algum dinheiro para cobrir os danos. Vou colocá-lo neste jornal e entregá-lo à nossa garçonete quando ela vier.

Mais uma vez, o excesso de participação me choca.

Meu próprio pai atiraria na minha cabeça por ser tão estúpido.

Talvez seja isso que o amor faz com você.

Porra.

Eu amo Desiree?

Eu com certeza não me lembro de me sentir assim por Marne. Eu me importava com ela, ainda me importo, mas de uma forma mais abstrata. O que sinto por Desiree é visceral. Real. Como se eu preferisse me esfaquear no olho do que vê-la machucada. Ou com medo. E ela exigiu minha confiança, então estou dando a ela.

Também a estou colocando em todo tipo de perigo.

É por isso que isso não vai funcionar. Eu preciso ficar longe de Desiree ou vou arrastá-la para as profundezas do inferno comigo.

— Você deveria desistir desse negócio, Junior. Você não gosta disso,
— ela diz, como se ela lesse minha mente.

A verdade de suas palavras me atingiu com força.

Passei a maior parte da minha vida me sentindo mal por quem eu sou. O que eu faço. Eu sou um monstro. Atirei em seis russos neste café, pelo amor de Deus. Sim, eles pretendiam nos matar primeiro, mas isso é jeito de viver?

E talvez quando eu disse que meu pai não teria uma identidade sem ele, eu estava falando de mim mesmo.

Claro, eu adoraria fechar a loja. Mudar minha mãe para a Flórida e passar o resto dos meus dias observando garotas de biquíni. Mas o vazio dessa ideia me deixa indiferente. O que diabos eu faria comigo mesmo? Para que eu viveria?

Se minha filha Mia ainda estivesse viva, talvez eu me sentisse diferente.

Talvez eu ainda tivesse um casamento decente, tendo algo além de um negócio moribundo para cuidar.

— Você poderia se tornar legítimo como Nico fez. Abra uma série de restaurantes italianos nos bairros antigos para que você possa cuidar das coisas.

— Não? — Ela me observa de perto, como se estivesse tentando sintonizar meus pensamentos. Não estou acostumado com pessoas tentando me ler. Para qualquer um que dê a mínima para o que eu penso, a menos que isso os afete.

Eu ajusto nossa mesa para corrigir a oscilação nela. — Eu não sei, boneca. A pressão que sinto do meu pai é real pra caralho. Mas sim, eu gostaria de sair de *La Nostra*. Eu realmente gostaria.

— Então você deveria.

Eu a encaro, sentindo como se estivesse sendo empurrado para trás, para longe dela e de qualquer possibilidade de uma vida normal e legítima. Uma família normal. Uma mulher que ilumina o quarto. É como se eu estivesse em um filme, quando a câmera de repente dá um zoom bem, bem longe. Ela fica pequenina. Tão longe. Completamente fora de alcance.

E eu estou aqui, preso sendo o homem que todo mundo odeia. Meus próprios irmãos incluídos.

A garota Milano se aproxima. — Aqui está, Sr. Taccone — , ela murmura enquanto coloca meu café na minha frente.

— Você está bem? — Eu pergunto.

Ela respira fundo e solta o ar. — Sim. — Um movimento de sua cabeça. — Estou bem.

— Amor, aqui é a dona do Milano, dona do lugar. — Eu propositalmente não uso o nome de Desiree. E, claro, não tenho certeza do primeiro nome da garota Milano. Debaixo da mesa, coloco o envelope com o dinheiro no jornal.

— Marissa.

Ah. Esse foi um dos meus palpites.

Ela desliza nossos pratos de massa para baixo. — Meu avô ainda é o dono. Eu apenas dirijo para ele.

— Como está Luigi?

— Bem Bem. Nós estamos bem. Ele está ficando velho. Ele está um pouco chateado com você agora também. Diz que você está deixando a vizinhança ir para o inferno. Ela olha nervosamente ao redor e dá uma risadinha forçada.

O baque familiar de culpa me atinge como uma bola de demolição, bem no peito. — Sim, estou trabalhando nisso, — digo a ela.

— Júnior não vai ficar por aqui para sempre, — Desiree interrompe, com os olhos brilhando. — Há uma estação para tudo, sabe? E a temporada dele pode estar acabando.

Eu encaro Desiree, chocado com seu instinto de me defender.

Marissa cora.

Eu empurrei o jornal dobrado para ela. — Aqui, você pode pegar isso, — eu seguro seu olho para que ela saiba que estou comunicando algo mais do que uma corrida de lixo. — Eu terminei com isso.

Ela acena com a cabeça e se vira para ir embora, movendo-se rapidamente em direção à sala dos fundos.

Eu esvazio meu café. — boneca, não estou acostumado com ninguém sendo louco o suficiente para falar por mim. — Minha voz sai áspera, mas não é uma reclamação. Só não estou acostumada a me sentir em dívida com as pessoas.

— Bem, isso é besteira, — ela retruca e eu não posso deixar de sorrir.

— Você ainda está sonhando que eu posso desistir.

— Você quer. Admite.

Eu me pego respirando de repente com a audácia de me permitir *pensar*, muito menos *falar* essa verdade.

Eu enrolo meu guardanapo e o jogo sobre a mesa. — Não posso. Fim da história. — Eu me levanto.

Marissa sai da sala dos fundos e me dá um aceno de cabeça atrás do balcão. Acho que isso significa que trouxe o suficiente. Eu me aproximo e entrego a ela um cartão. — Diga ao Luigi para me ligar se precisar de alguma coisa, sim?

Ela pega o cartão e balança a cabeça.

— Ou você pode ligar. Caffè Milano é um negócio que sempre apoiarei.

Quero dizer *proteger*, mas não quero dizer isso em voz alta na frente dos clientes.

— Eu aprecio isso, Sr. Tacone, eu realmente aprecio.

Desiree se aproxima de mim e eu coloco a mão em suas costas.

— Tenha um bom dia, — eu digo, conduzindo Desiree em direção à porta.

— Você também. Obrigado, — a garota Milano canta nas minhas costas enquanto saímos.

— Então, qual é a história dela? — Desiree pergunta bruscamente quando saímos.

Eu dou de ombros. — Não sei. Lembro-me dela correndo por aqui quando criança. Agora ela está administrando o lugar.

— O dinheiro a deixou louca. — Há uma amargura na voz de Desiree que não é familiar para mim.

Eu a paro na frente do meu carro e inclino a cabeça, olhando para o rosto dela. — O que você quer dizer?

Ela franze os lábios. — Como se ela estivesse pronta para chupar você depois de ver o quanto você deu a ela.

Um latido de riso surpreso sai de mim. — *Cavalo*, boneca. Você não precisa ficar com ciúmes. Vou te dar o dobro disso. Eu sorrio. — E você nem vai ter que me chupar. — Exceto que todo o sangue corre para o meu pau ao saber que Desiree está com ciúmes, então sinto muito por essas palavras.

Ela cora e me dá um empurrão, como se estivesse envergonhada por ter sido chamada. — Eu não estou com ciúmes, — ela resmunga.

Eu a coloco contra o meu carro, prendendo-a entre meus braços. — Querida, eu te daria dinheiro só por esse seu lindo sorriso. — Eu me aperto contra ela, observando suas pupilas dilatarem, o pulso em seu pescoço ficar selvagem e frenético.

Ela agarra as lapelas da minha jaqueta em seus pequenos punhos e me puxa ainda mais contra ela, balançando seus quadris para encontrar os meus. — Sim?

— Sim. Eu até disse que deixaria você dirigir meu carro, e você deve saber que não deixo *ninguém* dirigir meu carro.

Ela sorri para mim. — Então me dê as chaves, figurão.

Eu enfio meu pau dolorido no espaço entre suas pernas mais uma vez, então enfio a mão no bolso para pegar as chaves. — Por favor, não me faça sentir muito, — eu imploro. — Este carro é meu bebê.

Seu sorriso é travesso como o inferno, e ela é a mulher que me deixa louco, a beleza atrevida e confiante que joga o cabelo e balança os quadris enquanto caminha, desafiando todos os homens ao redor a observá-la sem ficar duro.

Eu gemo e abro a porta do passageiro, deslizando para dentro.



DESIREE

Junior está nervoso quando saio para a rua. Uma mão agarra a maçaneta da porta do carro, a outra está fechada em punho no colo. Eu disparo, para testar a velocidade com que decola e navegamos no trânsito.

Eu dirijo como se estivesse em uma corrida de carros, porque quando mais poderei dirigir um carro como este?

Demora alguns minutos, mas Junior começa a relaxar. Seu punho se abre e ele para de olhar para a estrada como se algo terrível estivesse prestes a acontecer.

— Boa direção, boneca. — Ele parece surpreso. Impressionado, mesmo.

Eu sorrio para ele. — O que? Você não achou que uma mulher poderia dirigir um carro como este?

Seus lábios se curvam. — Você não pode dirigir meu carro *e* estourar minhas bolas, doçura.

Eu amo quando ele fica mandão comigo. Faz algo quente e formigante em todo o meu corpo.

— Eu disse a você que não deixo ninguém dirigir este carro. Nunca. Considere-se privilegiada.

Essa notícia não deveria me deixar tão feliz. Não é como se ele tivesse jurado amor eterno por mim, mas é bom saber que sou especial. Gosto de pensar que ele faz concessões especiais só para mim.

Eu faço uma curva muito rápido, deixando os pneus cantarem. Meus mamilos estão duros, a velocidade e o perigo me excitando.

— Eu vou te dar o melhor boquete, Junior, — eu prometo.

Ele geme e se inclina para trás em seu assento, reorganizando seu lixo.

— Onde você quer isso?

— Com licença?

— Onde você quer o boquete? Neste carro? Ou é muito precioso para você fazer sexo.

Junior rosna, enfiando o pau nas calças com o que parece ser uma força brutal. — Oh, você vai me chupar neste carro. Mas eu vou estar no banco do motorista.

Eu ri. — Claro que você estará.

— O que eu disse sobre estourar minhas bolas?

— Eu não sei, eu meio que considero isso meu trabalho. Não tenho certeza se você consegue bater bolas o suficiente em sua vida.

O olhar de pálpebras pesadas de Junior repousa em meu rosto e juro que não detecto nada além de carinho nele. Carinho e calor.

O que funciona para mim, porque dirigir o carro de Junior é uma preliminar total para mim. Estou tão excitada quando entro em sua garagem que estou pronta para tirar minhas roupas e me jogar nele. Mas prometi um boquete e pretendo cumprir.

Desligo o motor e subo no console central para o colo de Junior.

Suas mãos agarram meus quadris. — O que você está fazendo, boneca?

Eu coloquei meus seios em seu rosto. — Mudando de lugar, — eu digo com falsa inocência. — Você não queria estar no banco do motorista?

Seu pênis se alonga sob meu colo.

— Não tenho certeza se posso andar no momento, — ele admite, levantando meus quadris e me apertando sobre sua ereção.

Minha calcinha está molhada, mamilos mais duros que diamantes. Pego a maçaneta e abro a porta. Eu saio e me inclino sobre ele, com as mãos em suas coxas. — Talvez seja melhor você ficar onde está, então.

Junior inclina o banco para trás e muda os joelhos para mim. — Talvez seja melhor. — Sua voz é rouca e baixa.

Eu desabotoo sua calça e libero sua ereção. Junior agarra a base dele, estendendo todo o corpo para mim.

Pego a lata de balas no console central e coloco uma na boca. — Diga-me se você gosta do formigamento. — Abro meus lábios para absorvê-lo.

Seu pau estremece e fica ainda mais gordo enquanto deslizo meus lábios sobre ele. — Oh merda. — Junior levanta os quadris para enfiar mais fundo em minha garganta. — Eu realmente gosto do formigamento.

Eu murmuro baixinho enquanto movo minha boca para cima e para baixo em seu comprimento, relaxando minha garganta e levando-o cada vez mais fundo.

— Oh meu Deus. Você está me matando, — ele rosna quando eu chego mais rápido.

Eu saio e presto atenção em suas bolas, lambendo e chupando enquanto deixo seu pau esfriar no ar. Quando eu coloco minha boca de volta sobre ele e o tomo profundamente, ele grita.

— Isso mesmo. *Cristo*. Continue mexendo nessa boquinha gostosa, boneca. Vai me fazer gozar com tanta força.

Eu chupo o mais forte que posso, ignorando a dor em minha mandíbula enquanto dou tudo que tenho. Eu quero fazer isso bom para o Junior. Excita-me testemunhar o efeito que tenho sobre ele. Eu seguro suas bolas, massageando atrás delas sobre sua próstata enquanto balanço minha cabeça cada vez mais rápido.

— Não pare. Oh Deus, não pare, — ele geme. Seu pênis dá uma guinada, as bolas se contraem. — Eu vou vir.

Fluxos quentes de sua essência salgada atingem o fundo da minha garganta e eu engulo, como prometi. Eu o lambo até limpá-lo e então sorrio largamente, satisfeita comigo mesma.

— Desiree, boneca, você pode dirigir meu carro a qualquer hora, — ele diz e nós dois rimos.

CAPÍTULO ONZE

DESIREE

No sexto dia de recuperação de Gio, ele teve febre. Eu verifico sua temperatura com o termômetro do meu kit médico, então sua pressão sanguínea.

Temperatura de cento e três e pressão arterial elevada.

Porcaria.

Não sei se foi a queda da cama, ou o rompimento dos pontos, ou sei lá o quê, mas não gosto disso. Na verdade, isso me preocupa demais.

Eu não sou um médico. Não faço ideia do que aquela bala atingiu dentro de Gio. E se algo estiver infectado, todo o progresso que ele fez esta semana será perdido. Ele ainda poderia facilmente morrer.

— Júnior, — eu chamo do quarto de Gio.

Ele deve ouvir o medo na minha voz porque ele aparece imediatamente. — O que é isso?

— Gio teve febre. Vou precisar de um novo antibiótico... veja se consegue Keflex. Ou clindamicina, mas isso vai deixá-lo chateado. E sopa salgada.

Ele estuda meu rosto e deve ler o quão sério isso é porque ele é todo profissional. — Eu irei agora. Algo mais?

Balanço a cabeça, indo ao banheiro pegar roupas quentes para tentar refrescar Gio.

Júnior sai. Ocorre-me que é a primeira vez que ele me deixa sozinha, mas isso é tão irrelevante agora. Ou ele confia em mim ou acha que é uma

emergência e não tem outra escolha. Não importa, tenho coisas maiores com que me preocupar.

Dou a Gio um banho de esponja com água morna e sento ao lado dele. Já perdi pacientes antes. Há momentos em que parte meu coração, não importa o quanto você tente se afastar disso.

Mas perder Gio não é uma opção.

Não há nenhuma maneira que eu poderia assistir isso acontecer. De jeito nenhum eu poderia testemunhar a dor de Junior.

Faço Gio engolir um pouco de Tylenol e penso nas possibilidades. O fato de seu corpo estar se curando e ter piorado me preocupa. Levará pelo menos vinte e quatro horas antes que eu saiba se um novo antibiótico funciona. Nesse tempo, ele poderia ficar séptico.

Merda.

Talvez eu devesse convencer Junior a levá-lo a um hospital. Embora eles provavelmente fariam a mesma coisa que estou fazendo aqui.

Eu pego meu telefone. Há uma pessoa a quem peço ajuda nos casos em que parece que os pacientes precisam de algo além do remédio.

Minha mãe.

E ela não vai trabalhar até esta tarde.

Eu ligo para ela e falo com ela em espanhol. — Mamãe, preciso de ajuda. Meu paciente teve uma queda ontem que reverteu sua recuperação. Você acha que poderia vir e fazer um pouco de sua magia de Reiki nele?

— Claro, *mija*. — Essa é a coisa incrível sobre a minha mãe. Se alguém pede seus serviços, ela nunca recusa. Ela acredita que é um presente de Deus que ela é obrigada a compartilhar onde for necessário.

— Estou em uma casa em Oak Park. Você pode vir esta manhã antes do seu turno?

— Sim, — minha mãe diz lentamente. — Sim, posso ir. Qual é o endereço?

— Vou mandar uma mensagem para você. Você pode vir agora?

— Sim, eu irei agora, — minha mãe diz, surpresa, como se ela não soubesse por que eu estou perguntando de novo.

— Ok, eu te amo, mãe. Te vejo daqui a pouco.

— *Hasta luego*, tchau. — Minha mãe diz em seu espanhol habitual.

Alívio derrama através de mim. Já vi minha mãe fazer milagres antes. Quietos. Do tipo que as pessoas nem percebem porque não está em seu quadro de referência atribuir uma reviravolta repentina a uma cura energética com as mãos. E minha mãe não se importa se eles reconhecem ou não. Ela não se apega a resultados. Ela apenas dá e diz que ganha algo com o ato de dar. Ela recebe ao mesmo tempo, e isso basta.

Eu ando pela casa, meu estômago em nós. Junior deixou um de seus capangas aqui, um dos caras que me pegou no estacionamento, mas acho que posso lidar com ele. Junior disse que estava aqui para me proteger, não para me manter prisioneira. Só espero que minha mãe entre e saia antes que Junior apareça, porque sei que ele vai enlouquecer.

Eu considero enviar uma mensagem de texto para ele, mas eu meio que me acovardo.

A situação é séria e tive que tomar uma decisão difícil. Minha mãe não presta atenção em como Gio se feriu ou por que estou tratando dele em casa. Ela pode juntar as coisas, mas isso não importará para ela.

Ela simplesmente não é assim. Ela meio que opera em uma bolha de bondade, minha mãe.

Ela aparece quarenta minutos depois e desço correndo as escadas para deixá-la entrar.

— Está tudo bem, é minha mãe. Ela está aqui para ajudar — digo ao guarda-costas, que sacou uma pistola.

Ele me dá um olhar duvidoso. — Júnior sabe sobre isso?

— Claro que ele sabe, — eu retruco, usando minha arrogância habitual para fazer o cara recuar. Felizmente, ele faz. Ele abre um pouco a porta e quando vê que é minha mãe, guarda a arma.

Ela me envolve em um abraço caloroso, beijando minhas duas bochechas.

— Aqui está ele. — Eu a conduzo escada acima, torcendo as mãos. — Ele vai tomar um novo antibiótico hoje, mas não gosto do jeito que ele está queimando.

Minha mãe puxa uma cadeira ao lado da cama e coloca uma mão no ombro de Gio, a outra na mão dele. — Sim, ele é gostoso, não é? Veremos o que podemos fazer. — Ela fecha os olhos. Observo por um momento.

Juro que sinto minhas próprias preocupações se esvaírem enquanto minha mãe trabalha. Como se a energia estivesse me curando ao mesmo tempo.

Quando eu estava no ensino médio e chegava em casa chateado com alguma coisa, ela me mandava sentar, colocava as mãos nos meus ombros e, em quinze minutos, toda a minha angústia se esvaía.

Tenho certeza de que algum dia eles descobrirão a ciência em torno da cura energética, até li um ótimo livro sobre um cara que poderia curar ratos de câncer de forma consistente e repetida, mas ainda estou contente em acreditar que ela é mágica.

Depois de vinte minutos, estou completamente aliviada. A energia na sala pulsa com uma vibração fina e pura. Minha mãe mexe a mão para cobrir levemente o ferimento de Gio, embora o cobertor esteja levantado e eu não tenha contado a ela onde estava. Ela apenas vê para onde ir.

Ela levanta a mão acima da área, sacudindo os dedos como se estivesse afastando o calor. Ela circula a mão sobre ele. Eleva e abaixa. Isso continua por um tempo, mas eu não saio. A energia parece muito agradável para não ficar e testemunhar a cura.

Depois de mais dez minutos, ela se levanta e passa as mãos por todo o corpo dele, como se estivesse construindo um casulo de energia ao redor dele. Finalmente, ela recua, em direção a mim e à porta.

Ela se vira para mim e acena com um sorriso sereno.

Eu a abraço. — *Gracias, mamáe* . Eu te amo muito.

— E você? — ela pergunta, se afastando e olhando para o meu rosto.
— Tudo certo?

Concordo com a cabeça, esperando não corar. Tenho certeza de que mudei desde que cheguei aqui. Eu fiz mais sexo do que em anos. Minhas emoções foram testadas em todas as direções. Posso estar me apaixonando contra minha própria vontade.

Minha mãe balança a cabeça como se estivesse satisfeita com o que vê em meu rosto. — Ok, eu estou indo. Tenho que almoçar antes do meu turno. Eu te amo. — Ela me dá mais dois beijos no rosto.

Eu a levo para baixo e abro a porta da frente, parabenizando-me por fazê-la entrar e sair daqui antes que Junior volte.

E é então que vejo o carro de Junior entrar na garagem.



Junior

Levo quatro paradas para encontrar uma conexão que me dê a receita que Desiree pediu. Devo dizer que estou morrendo de medo, porque Desiree parecia estar em alerta máximo, do jeito que estava quando chegou à minha casa e ajudou a estabilizar Gio.

Eu admiro como ela é clara e profissional, mesmo quando preocupada. Acho que isso vem com o trabalho dela.

Há um carro estranho estacionado na frente da minha casa, o que me deixa ainda mais alerta. Enviei Luca para proteger Gio e Desiree enquanto eu estava fora, porque ainda não encontramos Vlad, mas aquele não é o carro dele. O dele está na frente. Eu estaciono na entrada e tiro minha Beretta enquanto saio do carro.

A porta da frente se move, como se tivesse acabado de ser aberta e alguém a tivesse fechado.

Putá merda.

Tudo o que posso pensar é que Vlad apareceu para sua vingança. Quem mais poderia ser? Corro para a porta da frente, a arma na palma da minha perna. Agarro a maçaneta e a giro lentamente.

Ele se abre abruptamente. — Oi, Junior, — Desiree gorjeia com uma voz falsamente alegre.

Eu levantei a arma, mas a abaixei, porque ela é o único corpo na minha frente. Entro na casa, espiando por trás dela...

Uma mulher mais velha.

Uma mulher hispânica baixa com cabelos grisalhos e olhos de Desiree.

Eu coloco a trava de segurança na minha arma e a enfio no bolso.

— Eu liguei para minha mãe, — Desiree diz sem fôlego e a sala de repente gira ao meu redor.

Que porra?

Sangramentos negros ao redor da minha visão.

Isso era algum plano de fuga elaborado dela? Ela inventou a condição de Gio? Eu *confiei* nela.

Eu dou uma sacudida na minha cabeça, puxando uma respiração áspera.

Não, ele realmente estava com febre. Eu mesmo o senti.

— Minha mãe faz trabalho de energia e eu queria que ela trabalhasse em Gio. Às vezes, seus tratamentos fazem toda a diferença na cura de uma pessoa.

Espere o que? Eu estreito meus olhos, tentando entender o que diabos Desiree está falando. Ela está falando em frases apressadas que são difíceis demais para eu entender. Ou talvez seja meu cérebro muito lento agora.

— Mamãe, este é meu empregador, Sr. hum, Jones. Sr. Jones, minha mãe, Flor de Liz Lopez.

Sr Jones. Ok, ela está tentando me cobrir. Mas a mulher está na minha casa. E acabou de ver meu irmão ferido. Ela é uma testemunha.

Luca surge da sala, totalmente relaxado. Porra idiota. — Você precisa que eu fique por aqui, chefe?

Eu apenas balanço a cabeça, porque se eu falar, vou ser um grande idiota.

Luca passa pela porta e Desiree a segura e a mantém aberta. — Minha mãe tem que correr para o turno dela no hospital. Tchau mãe! — Ela arrasta sua mãe por mim e praticamente a empurra para fora, fechando a porta atrás dela.

Dois segundos se passam enquanto tento decidir se preciso ir atrás dela ou não.

Mas Desiree está parada na minha frente, torcendo as mãos. — Apenas relaxe, Junior, — ela diz, mas suas palavras são suplicantes. — Ela não sabe de nada. Ela não viu a ferida, não fez nenhuma pergunta. Ela simplesmente aparece, faz suas coisas e vai embora. Nada para se preocupar.

Dou um passo em direção a Desiree. Suponho que deve soar ameaçador, porque ela dá dois passos para trás, as pupilas estreitadas de alarme. Não posso tranquilizá-la, porque ainda estou à beira da dúvida.

E a ideia de Desiree não ser confiável, porra, me irrita.

Eu nem sei o que faria.

Eu não poderia machucá-la. Eu nem acho que posso ameaçá-la com algo terrível.

— O que você estava pensando? — eu rosno. — Você acabou de fazer de sua mãe uma testemunha.

— Júnior, você não está ouvindo. *Ela não viu nada*. E mesmo que ela soubesse de tudo, você está seguro. *Ela é minha mãe*. A confiança dela está com a minha. Sempre. Estou do seu lado, sou Team Tacone, então isso significa que ela também está. Sem dúvida, sem sombra de dúvida. Somos uma família. Ela inclina a cabeça. — Certamente você entende sobre isso?

A névoa ao redor da minha visão começa a clarear e eu respiro fundo algumas vezes.

Eu sou a Equipe Tacone.

Estou no seu lado.

Suas palavras fazem algo terrível e bonito para mim. Rasgue-me ao meio e transforme-me em algo novo.

E de repente eu estou sobre ela, beijando-a pra caralho, segurando a parte de trás de sua cabeça cativa enquanto minha língua varre em sua boca. Mordi seus lábios, suguei-os. Machucá-los com a intensidade do meu desejo.

Eu a carrego para cima, com as pernas em volta da minha cintura, nunca quebrando o beijo frenético. No meu quarto, eu a abaixo para ficar de pé e arranco seu uniforme enquanto ela trabalha em minhas roupas. Eu mordo seu pescoço, a levanto e a jogo de costas na minha cama.

Eu quero recompensá-la por horas, mas há muita pressão acumulada, como toda a minha vida, toda a minha essência de não ser reprimido e quero derramar sobre ela. Não há como parar. Eu arranco sua calcinha e empurro um joelho para cima para festejar entre suas pernas. Não são preliminares com nuances, não sou capaz de precisão. É mais como se eu a devorasse.

Chupar e morder e mergulhar minha língua em sua entrada. E então eu não posso esperar mais. Tiro minha cueca boxer e coloco uma camisinha em tempo recorde e então a supero.

Espetando-a com a minha ereção.

Reivindicando-a com cada grama do meu ser.

Eu bato com força. Ela grita, mas seus olhos estão fechados, sua cabeça inclinada para trás com prazer.

Porra, eu preciso dela. Eu planto minhas mãos acima de seus ombros para que ela não possa deslizar e fodê-la com toda a força dentro de mim. É difícil.

Raivoso.

É muito mais animal do que homem.

Eu não sabia que tinha tanta paixão em mim, mas aqui está. Derramando-se, misturando-se com os dela, tornando-me um novo homem. Inteira novamente.

Ela está fazendo seus ruídos, gritos e gemidos e súplicas incoerentes.

— Desiree, — eu engasgo. Porque eu preciso falar o nome dela. O nome da mulher que fez isso comigo. Quem me virou do avesso. Reformulou-me.

Seus olhos se abrem e ela estende a mão para mim. Crava as unhas nas minhas costas enquanto eu bato em seu corpo flexível. Ela envolve as pernas em volta da minha cintura e engancha os tornozelos nas minhas costas, usando as pernas para me encorajar ainda mais fundo, com mais força. Para me mostrar que ela quer isso. Quer mais.

E eu não me seguro. A cama bate contra a parede, o colchão salta e balança enquanto eu pego minha mulher, dou a ela cada grama de tudo que tenho.

Um fluxo de italiano sai da minha boca. Estou balbuciando mais do que ela. Minhas coxas se contraem, raios atingem a base da minha coluna. Eu rujo como a porra de um leão, bato dentro e fora dela com tanta força que tenho medo de quebrá-la. E então eu vou fundo.

— Foda-se, Desiree, venha, baby. — Estou implorando para que ela goze porque não consigo segurar meu orgasmo e não tenho coordenação ou células cerebrais para garantir que ela goze.

Ela faz. Seus músculos apertam e apertam meu pau no minuto em que eu digo a ela, uma pulsação rápida que a faz engasgar com um grito, cabeça jogada para trás, olhos revirados em sua cabeça.

Eu encho o preservativo. Porra, eu gozo tanto que temo que não vá aguentar tudo. E então estou em cima dela, ofegando em seu pescoço, ouvindo seus gritos lentos.

— Você pegou o antibiótico? — ela pergunta depois de um momento e eu xingo e saio. — Sim. É, eu entendi. — Descarto a camisinha e pesco o antibiótico no bolso do casaco.

Desiree veste sua calça sem calcinha e minha camiseta.

Eu sorrio, satisfação ao vê-la em minhas roupas surgindo. Entrego a ela o antibiótico e visto minhas próprias roupas, depois a sigo até o quarto de Gio.

Ela já injetou no IV. — Olha, — diz ela suavemente, levantando o queixo em direção a Gio. — Ele já parece melhor. Não sou tão religiosa

assim, mas juro que minha mãe tem uma linha direta com Deus. Ou fonte de energia, como você quiser chamar.

Eu vou ainda. Eu nem tinha entendido o que ela tinha me dito antes. Sobre por que ela chamou sua mãe aqui. Mas ela está certa. Não há nada da habitual inquietação dolorosa em torno de Gio. As linhas de seu rosto suavizaram e ele parece em paz. Sua respiração é estável. Eu toco sua cabeça. Ainda quente, mas não tão quente como esta manhã.

Eu puxo Desiree para mim e beijo o topo de sua cabeça. E então, porque ela está sem sutiã e seus mamilos estão aparecendo na minha camisa fina, eu tenho que bater em seu seio. Tenho que esfregar meu polegar sobre a ponta de seixos.

E então eu estou apertando a bunda dela.

— Meu castigo acabou? — ela pergunta, seus lábios se curvando naquele sorriso provocador que eu tanto amo.

Trabalho meu dedo entre as bochechas de sua bunda, o que é fácil, já que ela está vestindo apenas um avental, sem calcinha. — Baby, isso não foi punição, — murmuro. — Essa foi a sua recompensa. A punição vem depois. — Eu enrolo meu dedo para tocar seu ânus, mostrando a ela exatamente como vou repreendê-la.



Ela se move inquieta, e coloco minha outra mão em torno de seu montes para estimular seus dois lugares. Sua respiração vem em calças curtas. Eu a solto, era apenas uma provocação para mantê-la no limite. Eu ainda estou voando com a revelação dela. Ainda embebido em gratidão, querendo recompensá-la de todas as formas possíveis.

DESIREE

Uau .

Eu seriamente nem sei o que acabou de acontecer.

Em um minuto estou enlouquecendo, tentando fazer Junior entender que minha mãe não é uma ameaça, no minuto seguinte ele está batendo em mim como se o mundo fosse acabar, e é nossa última chance de fazer sexo. Sempre.

O tempo todo eu não conseguia descobrir se era punição ou recompensa.

Não, acho que sabia que não era punição. Pode ter sido o sexo mais violento que já tive, mas o que saiu dele foi pura paixão. Só não tenho ideia do que o desencadeou.

Volto para o quarto dele e me visto adequadamente. Ele está no closet, em frente ao que deve ser um cofre aberto.

Quando ele sai, ele joga três grandes pilhas de dinheiro na cama. — Isso é para você.

— Espere... o que é isso?

— Não sei por que, mas o dinheiro é um choque, e não agradável. — Você está se livrando de mim? — O que diabos está acontecendo? Isso foi sexo de adeus?

— Não não não. — Ele se aproxima de mim e toca meu ombro para me virar em sua direção. — Eu só queria te dar uma coisa. É só... uma demonstração de boa fé. Seu pagamento antecipado. Você jurou lealdade a mim. Eu queria retribuir.

O que eu fiz? Eu ainda estou muito confusa. Eu sei que geralmente amo dinheiro e sempre pensei que ter um cara me banhando com ele seria o máximo de te excitar, mas neste caso, estou totalmente ofendido.

Minha lealdade? Eu não estava sendo leal pelo dinheiro. Sou leal porque me preocupo com esta família. Esses dois homens. E o dinheiro deveria ser meu para fazer o trabalho, independentemente de minha lealdade.

Mas entendo que minha declaração de lealdade significa algo para ele. Algo grande. E ele está se sentindo grato. O que explica o sexo incrível.

— Tudo bem, dinheiro era a coisa errada. — Ele literalmente passa a mão sobre a cama e joga as pilhas de dinheiro no chão como se não fossem nada. — Que tal agora? — Ele envolve seus braços em volta de mim por trás, puxando minhas costas contra sua frente. — Eu tenho cada PI no estado procurando por seu garotinho. Eu os coloquei assim que descobri. Eu prometo que vou trazê-lo de volta para você são e salvo.

Meus joelhos se dobram, a sala desmorona. — O-o quê? — minha voz treme. Eu me viro em seus braços para ver seu rosto. Ele acena com a cabeça, solenemente.

Tudo o que posso fazer é jogar meus braços em volta do pescoço dele, estrangulá-lo com a intensidade da minha gratidão. E então eu estou chorando, minhas lágrimas molhando seu pescoço, meu rímel manchando todo o seu colarinho branco.

— Obrigado, — eu sussurro.

Ele passa as mãos para cima e para baixo nas minhas costas e me sinto tão segura. Tão cuidada. Estimada, mesmo. É uma sensação incrível, uma que nunca tive com um homem antes.

Ele embala um lado do meu rosto e segura minhas lágrimas.

— Eu ainda recebo o dinheiro, certo? — Tento fazer uma piada para aliviar o clima.

Seu sorriso é devastadoramente caloroso e eu me deleito com seu brilho. — Claro que você recebe.

— Você é muito doce para um chefe da máfia, — digo a ele.

Algo em seu rosto se fecha, a parte de auto-aversão, eu teria que adivinhar. — Você é a única pessoa em todo o universo que pensa isso.

E eu me lembro de como ele é nervoso com seus irmãos e irmãs. Como todos eles agem como se ele fosse um jacaré prestes a mordê-los.

Eu mudei ele.

É um pensamento estúpido e perigoso, mas adoro a sensação que o acompanha.

Ele é um homem diferente comigo.

Acho que deve ser verdade. Ou isso, ou ninguém nunca lhe deu crédito por sua suavidade oculta. Ninguém se preocupou em olhar para ele e ver.

De qualquer forma, isso me torna ainda mais leal. Pronta para defendê-lo. Do lado dele.

Apaixonada.

Porcaria. Não posso estar apaixonada por um chefe da máfia.

Não posso.

Mas eu estou



Júnior

Gio continuou a melhorar durante a tarde. Enquanto Desiree o alimenta com um pouco da sopa salgada, peço comida para nós dois.

Quando chega, comemos na minha sala enquanto assistimos ao *Ultimato Bourne* na TV. É tão normal, tão confortável, que tenho que ficar me lembrando de não me acostumar com isso.

Mais tarde, pego Desiree depois que ela termina de checar Gio. Eu me esgueiro por trás dela e coloco uma mão em volta de sua boca, a outra em volta de sua cintura.

Ela grita na palma da minha mão.

— Hora do seu castigo, boneca, — eu rosno em seu ouvido enquanto a arrasto para trás, para fora da sala.

Seus pés lutam para acompanhar minha liderança e eu encho minhas narinas com seu cheiro. Seu cabelo sedoso cheira a fresco e limpo como maçãs, o rabo de cavalo desliza pelo meu pescoço enquanto nos movemos.

Uma vez que estamos no meu quarto eu paro e desamarro o cordão de suas calças, deixando-as cair no chão. A parte de cima sai em seguida e então eu a giro para me encarar. Ela está usando um conjunto de sutiã e calcinha cor de vinho e renda hoje. Eu rosno minha aprovação, estendendo a mão para agarrar sua bunda e apertar.

— Você sempre combina com seu sutiã e calcinha?

— Bem, eu arrumei o meu melhor, — ela admite.

Satisfação inebriante dispara através de mim com isso. — Para mim?
— eu ronco.

— Eu acho. Sim. — Ela estende a mão para os botões da minha camisa, mas eu pego suas mãos em uma das minhas.

— Uh uh. Eu estou no comando. — Eu pego sua calcinha na parte de trás e puxo para cima, passando fio dental entre sua bunda. Ela sobe na ponta dos pés, caindo em mim. Com minha mão livre, dou um tapa em uma de suas nádegas. — Você quebrou as regras de novo, baby. — Eu gentilmente puxo e solto a calcinha, esfregando o tecido esticado contra seu ânus e sobre seu clitóris. — Você sabe o que isso significa?

— O que? — Sua voz ofegante vai direto para o meu pau.

— Significa que você vai ter sua linda bunda fodida.

Suas coxas se juntam, as nádegas apertam com força ao mesmo tempo em que sua respiração falha.

Eu mordo sua orelha enquanto agarro sua bunda com as duas mãos, massageando os músculos tensos. — É melhor você praticar relaxar tudo isso, baby. Quanto mais você resistir a mim, mais difícil será para você.

Suas bochechas relaxam, primeiro uma, depois a outra.

— Isso é bom, — murmuro enquanto solto a parte de trás de seu sutiã.
— Faça o que eu disser e eu posso deixar você gozar quando eu terminar.

Sua cabeça se levanta, os olhos brilhando com seu desafio habitual. Eu sorrio e toco seu nariz. — Vou começar pintando sua bunda de vermelho.

Suas pupilas já estão dilatadas, com falta de ar. Sento-me na cama e puxo-a para o meu colo.

— E eu pensei em fazer isso à moda antiga. — Eu bato na bunda dela. Ela dá um gritinho surpreso.

Esfrego o local onde bati, em seguida, puxo sua calcinha para baixo e para fora de suas pernas. — Sua bunda parece tão boa com minhas marcas de mão, baby.

Desiree faz um som ininteligível. Bom, ela já está começando com seus barulhinhos sensuais. Pretendo tornar esta noite boa para ela, mesmo que isso ultrapasse seus limites. Já joguei um tubo de lubrificante na cama e pretendo usar bastante. Posso chamar isso de punição, mas quero que seja da melhor forma possível.

Eu dou uma surra nela. É mais satisfatório do que eu poderia ter imaginado tê-la dobrada sobre o meu joelho assim é uma punição real e não apenas um jogo sexual ardente. Talvez haja um fio de disciplina real aí. Pagando-a por me fazer suar esta manhã, por acreditar que ela traiu minha confiança antes de virar meu mundo ao jurar lealdade.

Eu amo essa mulher.

Porra, é loucura admitir, mas como meus irmãos mais novos, de repente sou um homem mudado.

Por causa de uma mulher.

E sua rendição a mim, a maneira como ela se contorce no meu colo enquanto eu coloco sua bunda rosa, é um nível de intimidade que nunca tive com ninguém, incluindo minha... esposa. Porra, eu tenho que amarrar essa ponta solta. Não posso ter uma esposa quando me sinto assim por Desiree. Mesmo que eu não toque em Marne há anos.

Eu paro de bater e círculo minha palma sobre a pele quente de Desiree. Ela geme baixinho. Mais como um zumbido ou um ronronar. É isso, ela está ronronando. Eu deslizo meus dedos entre suas pernas, e não fico surpreso

quando vejo que ela está encharcada. Sua carne está lisa e inchada, receptiva ao meu toque. Dois dedos deslizam facilmente dentro dela, deslizando para dentro e para fora. Pego o frasco de lubrificante com a outra mão e o abro com o polegar.

— Você está pronto para sua porra de bunda, baby? — Afasto suas bochechas com os dedos de uma mão e esguicho um pouco de lubrificante em seu cu.

— Não, — diz ela, com um tom adolescente mal-humorado em sua voz. É tão fodidamente fofo que eu quero beijá-la sem sentido, mas em vez disso eu estouro sua bunda.

— Resposta errada, boneca. — Eu entro imediatamente, massageando seu ânus, aplicando pressão suave até que ela relaxe e deixe meu dedo entrar. Suas vocalizações ficam selvagens no minuto em que penetro sua bunda, aumentando o tom, nunca parando. Eu uso meu dedo para esticá-la, acostumá-la com a sensação de ter algo em sua bunda. — É isso, querida. Esta é a porra que você está implorando desde o minuto que chegou aqui.

Sua boceta pinga umidade, os gemidos ficam mais altos.

Eu puxo meu dedo e dou um tapa na bunda dela. — Curve-se sobre a cama, baby. — Eu a deslizo do meu colo e a arrumo para que sua bunda esteja para fora e pronta para mim. — Se você pegar meu pau como uma boa menina, eu vou deixar você se tocar enquanto eu te castigo.

Ela não espera por permissão. Com a sugestão, ela imediatamente desliza a mão entre as pernas e começa a trabalhar suas dobras lisas, o que torna meu pau dolorido ainda mais.

Abro o zíper da calça e libero minha ereção, depois a lubrifico bem. Afastando suas bochechas, alinho a cabeça com seu ânus. — Pegue, — digo a ela, empurrando sem qualquer força.

Ela inspira, depois solta o ar, e os músculos tensos se abrem para me deixar entrar. Eu me inspiro devagar, esticando-a bem, enchendo-a.

Eu sinto seus dedos trabalhando freneticamente entre suas pernas, dando a seu clitóris a estimulação que ela precisa para fazer este prazer e não desconforto.

— É assim que você pensou que seria, boneca? Nessas suas fantasias?

— Sim, — ela geme. — Júnior, por favor.

Estou tremendo de tanto me conter. Cristo, eu quero bater nela até que ela grite, mas eu sei melhor. Eu vou muito devagar, direto para dentro, de volta, tomando cuidado para não esticá-la demais. — O que você precisa, amor? Você quer mais difícil?

— Não! — ela grita. — Sim. Espere, eu não sei.

Eu rio. — Não se preocupe, boneca. Eu vou cuidar de você. Eu sei exatamente como você precisa ser fodida esta noite, e eu vou dar a você direito. Você gosta de ter sua bunda fodida por mim?

Ela choraminga.

— Hum?

— Sim, eu não sei. *Por favor.*

— Por favor, deixe você vir? Não até que eu faça. Você conhece as regras. Esta bunda pertence a mim esta noite, e vou fodê-la bem antes de deixar você gozar. *Capiche ?*

— *Capito, capito, capito.* Júnior. Oh meu Deus. Júnior. O que você está fazendo comigo? Jesus, isso é bom. Isto é tão bom. Muito louco. Oh, espere, é demais. É muito. Espere, por favor. Mais. Oh Deus. *Júnior.*

Eu deixei a onda de desejo rolar sobre mim, outro golpe de prazer para os meus sentidos. O som da minha mulher prestes a entrar em combustão.

Eu seguro seus quadris e aumento meu ritmo, ainda com cuidado para não ficar áspero ou errático com minhas estocadas. — Você está arrependida agora, baby? Bom e desculpe?

— Oh meu deus, Junior, eu sinto muito. Por favor, por favor, por favor, deixe-me ir. Eu tenho que vir. Eu preciso vir agora. Oh, por favor, Júnior, por favor, termine. Eu preciso de mais. Eu preciso que isso acabe. Eu preciso tanto disso.

Se eu tivesse menos escrúpulos, gravaria sua tagarelice sexual para ouvir novamente quando quisesse. É como a porra do canto de uma sereia, me deixando louco de desejo.

Meus dedos cavam em seus quadris e eu bato contra sua bunda no meu caminho. Eu fico perto e bum-bum-bum dentro e fora enquanto ela uiva com a necessidade.

Porra, eu vou gozar. Antes mesmo de saber, estou lá. Eu empurro e fico, gozando em sua bunda enquanto corro minhas mãos para cima e para baixo em suas costas na liberação repentina de prazer.

Não tenho certeza se ela gozou, enfiei minha mão sob seus quadris para ajudá-la, penetrando em sua boceta e esfregando a palma da minha mão sobre seu clitóris. — Venha, amor.

— É demais, — ela lamenta, mas ela goza, seu ânus apertando com sua boceta, tirando um tremor secundário de liberação de mim.

— É isso aí, baby — , eu sussurro. Continuo movendo meus dedos dentro dela até que ela relaxe, uma boneca mole embaixo de mim. Então trabalho para separar meu corpo do dela. — Venha aqui, anjo. — Eu puxo seus quadris para puxá-la de pé.

Ela se move como se estivesse drogada, toda solta e flácida.

— Vou te limpar no chuveiro, — murmuro, e a pego em um berço, levando-a para o meu banheiro.



DESIREE

Mal consigo manter a cabeça erguida. Junior está sob o borrifo de água quente comigo, suas mãos percorrendo cada centímetro do meu corpo, ensaboando, lavando e voltando a ensaboar. Estou encostada na parede, sorrindo para ele através das gotas.

Nunca vi essa cara nele. Seu olhar é puro calor, então ao contrário de seu rosto endurecido usual, eu mal o reconheço. E o calor é tão completo que eu poderia me aquecer como o sol. Sinto-me amada e apreciada, até querida.

Junior passa xampu e condiciona meu cabelo e quando ele faz de tudo, menos raspar minhas pernas, ele me prende entre seus braços musculosos e olha para mim, roçando nossos narizes. — Você está bem? — Ele desliza uma mão para baixo e bate na minha bunda. — Não está muito dolorida?

Eu balanço minha cabeça. Eu ainda estou cem por cento feliz.

Ele afasta alguns fios de cabelo molhado do meu rosto e segura minha bochecha. — Você achou bom?

Eu concordo. Acho que usei todas as minhas palavras durante o sexo. Senhor, eu sou como uma boneca sexual que fala sem parar, me dê corda e eu vou gemer e narrar toda a maldita coisa.

— O que posso fazer para você? — Junior pergunta, como se ele não apenas carregasse minha bunda pesada aqui e me tratasse como uma princesa. Como se ele já não tivesse feito a coisa mais importante, usar seu poder para me ajudar a trazer Jasper de volta. Ou as pequenas coisas como manter meu sorvete favorito estocado em seu freezer.

Eu balanço minha cabeça. — Nada. Você conseguiu.

Ele continua me estudando, como se eu pudesse revelar alguma necessidade oculta. Quando a água começa a esfriar, ele a fecha e pega uma toalha primeiro para mim, depois para ele.

— Você vai dormir na minha cama, — diz ele.

— Isso é uma ordem? — Eu provoco, porque no típico estilo Júnior, ele deixou de fora a parte sobre me convidar. Ou dizendo por favor.

Seus lábios se torcem em um meio sorriso. — Você quer que eu diga por favor? Precisa que eu implore? Então ele balança a cabeça. — Foda-se isso. Você está dormindo na minha cama e ponto final.

Eu rio porque é totalmente ridículo e totalmente Júnior. — Você é o chefe, — eu digo baixinho e ele sorri.

— Com certeza, eu sou. E é melhor não esquecer. Ele me ajuda a sair do chuveiro e me leva pela mão até a cama, onde puxa a toalha de cima de mim e me observa subir nua em sua cama.

Então ele deixa cair a toalha e me segue.

CAPÍTULO 12

DESIREE

Acordo nos braços de Junior. É uma sensação incrível. O roçar dos pelos macios de seu peito contra minha bochecha, o leve aroma de sua colônia desaparecendo junto com o cheiro viciante de sua pele.

Eu meio que não posso acreditar que ele é do tipo que segura uma mulher a noite toda, mas aqui estamos nós. Minha perna jogou sobre seus quadris, seu pau alinhado pronto para ir entre as minhas pernas. No momento em que me mexo, seu pau balança, ereção matinal ativada e pronta para ir.

Eu alcanço entre nós e agarro seu pênis para um aperto. Ele incha contra a minha perna, cutucando minha entrada.

— *Cristo*, amor. É melhor você estar pronta para o monstro que está despertando.

Eu rio e saio da cama para correr para o banheiro.

— É melhor você voltar para a cama, — ele grita atrás de mim.

— Ou o que? — Eu ligo de volta. Eu uso o banheiro e enxáguo minha boca com o enxaguante bucal em seu balcão. Ele passa por mim na saída. — Volte para a cama, ou haverá um inferno para pagar.

— Hmm, esta é uma decisão difícil, — digo enquanto caminho em direção à cama. Eu quero voltar para a cama, mas também gosto quando há um inferno para pagar.

Junior ri do banheiro. Quando ele sai, ele tem um punhado de preservativos na mão.

Levanto o dedo e o polegar como se estivesse medindo alguma coisa.

— Um pouco de inferno?

— Vou te dar o inferno, *bambina*.

Bebê. Que bonitinho. Foi daí que tiraram o nome de Bambi?

Junior puxa minhas pernas pelos tornozelos e bate na minha bunda uma dúzia de vezes. *Muito* duro. Eu grito e uivo e me contorço.

— Mac e queijo! Manteiga de amendoim. Qual era a minha palavra segura? Eu rio.

Junior solta meus tornozelos, o riso dançando em seu olhar afetuosamente.

— Isso foi inferno o suficiente? — ele ronca, baixo e sedutor.

Concordo com a cabeça, os olhos focados em seu rosto, bebendo-o. Meu moreno e bonito amante. Perigoso, maravilhoso.

Perfeito.

Ele sobe em cima de mim e abre minhas coxas com os joelhos, então rola uma camisinha sobre seu pau totalmente ereto. — Você está dolorida hoje? — Ele esfrega o polegar sobre a minha fenda.

Eu já estou ensopada. Juro que meu desejo sexual se multiplicou por doze desde que cheguei a esta casa. Sei que dizem que o desejo sexual de uma mulher aumenta com a idade, e estou com trinta e poucos anos agora, mas até esta semana, era mínimo.

Agora? Estou pronta toda vez que ouço o estrondo profundo de Junior. Ou veja as linhas fortes de seu rosto.

Eu concordo. — Dolorida de uma maneira boa, — eu digo a ele. Estou dolorida entre as pernas e bem no fundo, porque ele é tão comprido que esbarrou no meu colo do útero.

Ele se inclina e planta um beijo no ápice dos meus lábios, sobre o meu clitóris. É casto e doce e não o suficiente. Mas então ele segue com um movimento de sua língua. Uma merda. Um beliscão. Então meus lábios estão abertos por seus polegares e ele está indo para a cidade em mim.

Eu grito e empurro, minha boceta apertando e soltando, minhas coxas tremendo.

— P-por favor, Júnior. — Eu já estou implorando.

— Oh, você não precisa implorar, anjo. Eu definitivamente vou dar a você.

— N-agora? — Eu gemo. Sim. Estou tão desesperada por seu pau. A necessidade de ser preenchida por ele está sempre presente. Cunnilingus é incrível, mas não o suficiente.

Ele chupa meu clitóris com força, então levanta a cabeça, seus lábios brilhantes com meus sucos. — Paciência também não é meu forte, boneca.

— Ele bate levemente na minha boceta e sobe em cima de mim, seu pau embainhado batendo na minha entrada, indo para onde ele pertence.

— F-foda-me. — Eu pareço tão devasso.

O sorriso de Junior é presunçoso. Ele se aproxima gentilmente, pelo que sou grata. Acho que ainda estou muito dolorida, embora também seja incrível. Ele está observando meu rosto de perto, como se estivesse procurando por sinais de angústia. — Você está bem?

Concordo com a cabeça, incapaz de desviar o olhar de seu olhar caloroso. Estou me deliciando com isso. Afogando-me nele. A conexão entre nós é inacreditável. Eu definitivamente nunca tive isso com ninguém antes.

Ele balança dentro de mim, me preenchendo, acariciando minhas entranhas, satisfazendo minha necessidade de ser possuída por ele. Nós nunca quebramos o contato visual. Eu balanço meus quadris para cima para encontrar os dele em uma dança que nós dois conhecemos. Um ritmo que compartilhamos. É mais sensual do que sexual. Não é a necessidade quente e frenética de ontem. Mas algo mais profundo. Mais doce. Mais significativo.

— Desiree, eu faria qualquer coisa por você, baby.

Estendo a mão para ele, acaricio os músculos salientes de seus braços, ombros, peito. Eu passo minhas unhas sobre seus mamilos tensos. — Eu sei, — eu sussurro.

Porque eu sei. Tenho certeza que esse homem mataria por mim. Quebraria a lei por mim. Protegeria-me com a vida dele. Eu tento não ouvir a voz na minha cabeça que me diz que um homem como ele é perigoso demais para amar.

— Sinto muito por ter te envolvido nisso tudo.

Meu peito se expande e torce. As desculpas que ele me deve. Afinal. Claro que vem quando eu não preciso mais. Já o perdooi. Inferno, eu o perdooi naquela primeira noite quando ele me viu tomar sorvete como se eu fosse a coisa mais linda da Terra. Mas tenho a sensação de que pedir desculpas é uma ocorrência incomum para ele. O mesmo que usar por favor e obrigado. Então eu recebo o momento, valorizo-o como outro presente que ele me deu.

— Desculpas aceitas, — murmuro, alcançando seu rosto, querendo puxá-lo para um beijo.

Ele se move para descansar seu peso em sua mão atrás do meu ombro, mas não me dá o beijo. Em vez disso, ele embala meu rosto, seu toque infinitamente gentil, mesmo quando suas estocadas ficam mais fortes. — Exceto se eu tivesse que fazer de novo, eu faria a mesma coisa. Eu não gostaria de perder isso.

Meu peito se abre e explode porque meu coração inchou demais para isso. Eu pisco para conter as lágrimas. — Nem eu, — admito.

É a verdade. Posso não gostar de ter me apaixonado por um mafioso, mas me apaixonei. E eu faria de novo.

Junior fecha os olhos, como se o que havia entre nós fosse demais para ele também. Quando seus olhos se abrem, ele ganha velocidade com suas estocadas, o tempo todo mantendo seus dedos em meu rosto, em uma exploração gentil de minha bochecha, meus lábios, a lateral do meu pescoço.

— Eu não quero que acabe, — ele diz asperamente.

Eu não posso dizer se ele quer dizer o sexo ou nós.

Também não quero que acabem.

Mas claro, tudo deve acabar. É uma daquelas verdades da vida contra as quais você não pode lutar. Nunca pode derrotar.

Ele vem.

Eu venho.

Acaba.

E provavelmente terminaremos também.

Precisamos acabar também.

Mas, por enquanto, podemos apenas fingir que o final não está chegando.



— Cazzo. — Júnior sai.

— O que? — Inclino-me sobre os cotovelos para ver o que ele está xingando.

— A camisinha saiu. Merda, baby, eu sinto muito.

— Jesus, quais são as chances? Esse foi o sexo mais calmo que tivemos.

Ele franze o rosto em um sorriso irônico, é doce e inocente e por um segundo eu acho que tenho um vislumbre de como ele deve ter sido quando jovem. — Deixe-me pescar. Talvez ainda tenha pegado a maior parte do meu esperma?

No momento menos sexy do nosso relacionamento, Junior desliza os dedos em mim para localizar a camisinha perdida.

Ele xinga novamente em italiano enquanto o puxa para fora.

Há um peso em seus ombros enquanto ele caminha até o lixo e o joga fora. Quando ele volta, seu rosto está velho novamente. — Vamos conseguir a pílula do dia seguinte. Lamento que isso tenha acontecido.

Outro pedido de desculpas. Eu poderia me acostumar com o lado doce de Junior.

Ainda estou extasiada com o orgasmo, não, com mais do que o orgasmo, com a intimidade e o compartilhamento que acabamos de ter, então levo alguns momentos para processar o que ele disse.

— Sem pílula do dia seguinte, — eu digo, rolando para fora da cama.

— Desiree... — Meu nome soa tão pesado em seus lábios. Como se estivesse exausto de anos de luta.

— SÉRIO, JÚNIOR. — Não estou disposta a bloquear uma gravidez. Não quando meu coração sangra pelo meu bebê. Não quando considero quanta alegria aquele garotinho me trouxe. — Se é para ser, é para ser, — eu digo a ele, embora a lógica diga que eu deveria pensar sobre isso. Ter o filho de Junior Tacone nos uniria para o resto da vida. E se isso trouxesse meu filho para a vida que ele odeia? Eu não podia permitir isso.

Mas ainda assim... eu não tinha acabado de ter filhos. Eu só sabia que era melhor não ter outro com Abe.

Junior se vira para mim e passa os dedos pelo cabelo, fazendo-o espetar em todas as direções. — Baby... — Mais uma vez, ele parece tão cansado. — Não posso. Eu realmente não posso.

Eu me afasto dele e pego minhas roupas do chão. — Não é sua decisão. Meu corpo. Minha escolha. Fim de discussão.

— Desiree. — Ele estende a mão para mim, mas parece mudar de ideia e, em vez disso, avança para bloquear minha saída para o banheiro.

Eu me preparo, queixo erguido, narinas dilatadas.

Ele levanta as palmas das mãos em sinal de rendição, mas vejo igual determinação no conjunto de sua mandíbula, a linha firme de seus lábios. — Eu não posso, Desiree. Estou falando sério.

— Por que não? — Eu exijo. Estou ficando louco agora. — Porque você ainda é casado?

— Não, porra, não. Isso não. — Sua garganta balança como se ele estivesse tentando engolir. Turbulência queima atrás de seus olhos. — Eu... eu tive um filho. — Sua voz soa estrangulada. De repente, sinto sua dor como um maremoto derrubando nós dois.

Minha respiração deixa meu peito, a boca cai aberta. — V-você fez? —
Minha voz sai um mero sussurro.

Ele balança a cabeça, piscando rapidamente. — O nome dela era Mia.
Era.

Oh Deus. Ele perdeu um filho. É a pior coisa que posso imaginar.

Estou chorando antes mesmo que ele possa dizer a próxima palavra.

— Ela se afogou na piscina do nosso quintal. Minha esposa foi atender
ao telefone e ela caiu e... — Suas palavras sufocam.

Eu me atiro para ele, envolvo meus braços em volta de sua cintura. —
Eu sinto muito, — eu soluço. — Isso é tão horrível. Eu sinto muito.

Ele puxa uma respiração irregular. — Ela tinha três anos. A garotinha
mais doce da Terra. Cachos loiros e uma vozinha feliz que nunca parava de
tagarelar. Sua voz falha. Reinicia. Engasga.

Eu esfrego suas costas como ele esfregou as minhas ontem à noite.
Pressione minha bochecha contra seu peito, com força. Como se eu pudesse
de alguma forma afundar em seu peito e tirar a dor de seu coração.

Seus braços estão tão apertados em volta de mim que não consigo
respirar e não me importo. É exatamente o que eu quero.

— É por isso que sua esposa está deprimida, — percebo em voz alta.

— Sim.

— É por isso que você não vai se divorciar dela.

— Sim.

Meu coração sangra por essas duas pessoas arruinadas, quebradas
pela morte de seu filho. Não consigo imaginar nada mais horrível.

E agora sei por que Junior aguentou minha dor. Por que ele não estava com medo das minhas lágrimas ou do meu luto pelo aniversário de Jasper. Ele já passou por algo muito pior. E ele ainda não saiu do outro lado disso.

E justamente quando acho que não poderia ficar mais chocada, sentir qualquer emoção mais profunda, Junior diz ríspidamente: — Eu te amo, Desiree.

— Júnior, — eu choro. — Eu não queria me apaixonar por você. Mas você está tornando isso tão difícil.

Ele me afasta e levanta meu queixo, com um sorriso triste no rosto. — Está bem. Eu não estou pedindo isso. Eu só queria que você entendesse. Por que eu não podia... eu não posso.

Concordo com a cabeça, mas se alguma coisa, minha determinação é mais forte. Acredito no livre arbítrio, mas também acredito em um poder superior. Acredito que poderia escolher contra uma gravidez se não quisesse. Sem danos causados. Essa alma encontraria outro lugar para pousar. Mas também acredito que às vezes as coisas são para acontecer. Bebês podem ser presentes. Tanto para a mãe quanto para o pai. E se os acontecimentos de hoje resultassem em um milagre que mudasse todas as nossas vidas para melhor?

É possível.

E estou disposto a permitir que as cartas caiam onde puderem.

Agarro os lados do rosto de Junior e fico na ponta dos pés para beijar seus lábios.

E como não sei mais o que dizer, apenas o beijo de novo. E então eu me viro e entro no chuveiro.



Júnior

Não acredito que contei a ela sobre Mia.

Não acredito que disse que a amo.

Mas é a verdade. E nenhuma outra palavra expressava como eu me sentia no momento.

Desiree chorando lágrimas de verdade pela minha dor. Eu a amo tanto que dói.

E ainda assim ela tira minha dor também. Porque apenas contar a ela sobre Mia, compartilhar aquela ferida, torna tudo um pouco mais fácil.

Sim, abriu de novo, com certeza.

Mas também aliviou um pouco da pressão.

Eu ouço o som do chuveiro ligado e só penso em Desiree lá dentro. A mulher mais incrível e de grande coração do planeta.

Eu não a mereço.

É por isso que não vou pegar a garota neste cenário.

Ela pode estar se apaixonando por mim, mas não quer. Eu preciso ouvir o que ela disse.

Mas nada vai me impedir de cuidar dela. Certificando-se de que ela encontre seu filho e tenha seu felizes para sempre, mesmo que seja sem mim.

Coloco uma cueca boxer e uma camiseta e verifico Gio. Estou aliviado ao descobrir que a febre dele sumiu. Ele pisca os olhos abertos e olha para mim. — Ei, *fratello*.

— Como você está se sentindo, Gio?

— Bom. Melhor. Onde está sua pequena enfermeira?

— No banho.

Gio assente. — Você vai ficar com ela depois de tudo isso, certo?

O peso que eu tenho tentado resistir desce. — Não vai acontecer. E cuide da porra da sua própria vida.

— Sêrio, Júnior? Ela é *ótima*. — Ele enfatiza *ótimo*, como se eu pudesse ter perdido o quão foddidamente incrível ela é.

— Sim, ela é. E ela não quer fazer parte de *La nostra*. Então eu tenho que deixá-la ir.

Gio me encara. — *Fanculo*. Você realmente ama essa garota, não é?

— Cala a boca, Gio, — eu digo, mas não há veneno por trás das palavras. Eu só me sinto cansado.

Cansado e derrotado. Porque a mulher que amo vai sair de casa em alguns dias.

E talvez nunca mais a veja.

CAPÍTULO 13

DESIREE

— Há um homem envolvido. Sei que há um homem envolvido. Minha colega de trabalho e amiga Lucy bate no meu quadril com o dela. Estou de volta ao trabalho há dois dias, ainda passando a noite na casa de Junior para ver como está Gio. E fazer sexo quente.

Peguei o IV de Gio e ele está apenas em repouso e modo de recuperação, sentado, assistindo televisão, comendo e bebendo normalmente. Sua recuperação parece boa.

É estranho estar de volta ao hospital, como se eu tivesse sumido por um mês em vez de apenas uma semana. A Lucy tem feito um milhão de perguntas sobre o meu trabalho misterioso.

Porque, sim. Não estou pronta para que esse encontro termine.

— Como você sabe? — Eu ri.

— Eu posso apenas dizer. Você tem aquele visual recém-descansado. Como se você estivesse recebendo alguns. E mais do que apenas uma vez.

Eu sorrio.

— Sério, você pode dizer quando uma mulher começa a fazer muito sexo. Sua pele fica mais brilhante, seu humor é mais leve. É a liberação de óxido nítrico.

— Oh sério? — Eu dou a ela um olhar duvidoso.

— Procure. É verdade.

— Ok, sim, há um homem envolvido. Mas é uma aventura. Nada permanente ou sério, — eu digo com firmeza, como se eu estivesse querendo acreditar nisso.

— Vamos ver, — Lucy canta quando a campainha de um paciente toca e ela sai correndo.

Eu sorrio para ela, sentindo-me toda quente e brilhante quando eu realmente não deveria. Mas tem sido divertido vir para o trabalho e depois ir para "casa", para o Junior.

Submetendo-se às suas exigências sexuais desenfreadas e recebendo tudo em troca. Ele insiste em me deixar e me buscar no trabalho.

Eu deveria ver isso como controlador, mas em vez disso me sinto amada.

Como se ele não suportasse ficar longe nem mesmo pelos trinta minutos extras que eu levaria para dirigir. Ou como se ele fosse tão protetor que não quer que eu ande sozinha no estacionamento. Na verdade, ele expressou o último para mim, embora eu tenha dito a ele que os únicos idiotas esperando no estacionamento pertencem a ele.

— Desiree. — Sua voz profunda corta meus pensamentos como se ele estivesse realmente aqui.

Oh merda, ele está realmente aqui! E ainda tenho quatro horas restantes no meu turno.

— Júnior, o que você está fazendo aqui? — Eu olho em volta, esperando que meu chefe não esteja por perto. Não preciso ser presa por isso, especialmente depois de ficar "doente" por uma semana inteira.

Ele parece muito sério. É o look que ele sempre usava, mas eu tinha esquecido nos últimos dias. — Desiree, pegue sua merda, precisamos ir.

Eu franzir a testa. — Júnior, não posso. Estou trabalhando. O que é isso? É Gio? O irmão dele está tão bem que ficaria chocado em saber que ele teve outra recaída.

Ele balança a cabeça. — É Jasper. Eu sei onde ele está. Venha, vamos buscá-lo.

Meu coração muda para a marcha mais alta. — Oh meu Deus, você está falando sério? Onde?

— Indiana. Vamos, podemos chegar às cinco se sairmos agora.

— Eu já volto, — eu digo, já correndo para encontrar meu chefe. Sei que ela vai pirar com minha ausência, mas isso não pode esperar. Pelo menos ela já sabe dos meus problemas pessoais. Eu comecei a chorar contando a ela e ela me abraçou. — Vai. Emergência pessoal. Vou encontrar alguém para entrar. Ela me enxota. — Traga esse bebê de volta para casa.

— Eu vou, — eu prometo, ainda chorando. Corro pelo corredor até onde Junior está esperando por mim e pego sua mão.

E então meu cérebro meio que desliga. Porque mal posso esperar as cinco horas até chegarmos lá. E não consigo pensar em mais nada.

Felizmente, Junior parece entender. É totalmente capaz nesta situação. Ele dirige o Maserati como se estivéssemos no Daytona 500 e nos tira de Illinois.



Júnior

O ex de Desiree conseguiu um emprego na construção civil em Indianápolis com o número do seguro social de outro cara. Não sei como os PIs o encontraram, mas encontraram. Jasper parece estar bem, matriculado no jardim de infância. Sem sinais de maus-tratos.

Obrigado porra.

E ainda vou matar o pai *figlio di puttana* .

Não, não matar. Desiree não quer isso. Mas tenho certeza que vou ensinar uma maldita lição a ele. Ninguém mexe com alguém de quem gosto sem consequências graves.

Meu plano é chegar à escola antes de Jasper ser pego, mas ficamos presos no trânsito na saída da cidade, então não acho que chegaremos lá antes das cinco.

No caminho, meu telefone toca. É Nico.

— Ei, irmãozinho.

— Não é pouco, — afirma.

— Não é isso que sua esposa diz.

Se ele estivesse conversando com um de nossos outros irmãos, ele me diria onde me foder, mas como mais velho, sempre exigi dos meus irmãos o mesmo respeito que eles dão aos nossos pops, então ele apenas resmunga.

— Você está no viva-voz e Desiree está no carro, — eu aviso, caso ele vá falar de negócios. De qualquer forma, tomamos cuidado com o que dizemos ao telefone, mas vale a pena contar a ele.

— Oi, Desirée.

— Oi. — Ela se vira para mim e sussurra: — Qual é o irmão?

— É Nico, — eu digo a ela.

— Sim, Nico. Desculpe. Acabei de falar com Gio. Ele soa bem.

— Sim, parece que ele vai fazer um...

— Não pelo telefone, — eu a interrompi.

Ela fecha os lábios. — Certo.

— E aí? — Eu lato para Nico. Não é típico dele ligar para um bate-papo.

— Ouça, eu uh, tenho algumas novidades.

— Que novidades? — Eu já estou rabugento. Eu não gosto de notícias.

Nunca é bom. E Nico parece nervoso para me contar.

— Sondra e eu estamos, uh... bem, ela está grávida.

Meu estômago se contrai sob minhas costelas em um nó apertado. Eu não posso respirar. Esta é uma boa notícia. Isso deve ser uma boa notícia que ele está me contando.

Por que parece que acabei de levar um soco?

— Oh sim? — Eu me forço a falar. — Parabéns. A que distância?

— Cerca de doze semanas.

— Doze semanas. Uau, você esperou para contar às pessoas, uh?

— Sim. Bem, Stefano sabia, mas agora estamos contando para o resto da família. Não sei se é difícil para você...

— Cale a boca, Nico. — Eu o interrompi, irritada com sua sugestão, mesmo que fosse certa. Talvez porque esteja no local. — Vá dar um beijo meu na sua esposa. Na bochecha, claro. Dê os parabéns a ela e mal posso esperar para conhecer minha nova sobrinha ou sobrinho, uh?

— Ok, eu farei isso. — Nico parece aliviado. O filho da puta estava preocupado em me ligar. Não sei por que isso também me irrita. Como se as

peçoas esperassem que eu implodisse por causa de um novo bebê na família.

Só porque perdi o único que esta família tinha. Você pensaria que de cinco irmãos, minha mãe teria netos, mas para sua tristeza, esse não foi o caso.

— *Parabéns*, Nico. Ma vai ficar nas nuvens.

— Sim, eu sei. Quer contar para o papai?

— Não, diga a ele você mesmo.

— Ele ainda está com raiva de mim?

— Se ele estivesse chateado, você saberia. Você não falou com ele desde que se casou? No ano passado, Nico desafiou a ordem de nosso pai de se casar com uma garota da família Pachino em um contrato que visava unir as famílias e os negócios. Era meu trabalho ensinar-lhe uma lição por sua desobediência.

O que me manteve solidamente na posição de irmão mais odiado.

— Não.

— Ligue para ele. Tudo é perdoado. Você pagou o preço e está resolvido. Lamento que você não saiba disso.

— Sim, bem, às vezes as coisas se perdem na tradução entre vocês dois.

— Sim, e você está abusando da sorte, *stronzo*. Você já conseguiu um pedido de desculpas de mim. Marque no calendário para que possamos lembrar deste dia na história.

Uma risada surpresa sai de Nico. Eu quase sorrio para mim. É inédito, eu, tirando sarro de mim mesmo.

Desiree lança um olhar em minha direção e seus lábios se curvam também. Seu olhar é suave e caloroso, como se ela soubesse tudo o que a conversa significa para mim e me enviasse seu apoio. Esta mulher é outra coisa.

Enquanto Nico desliga, estendo a mão e aperto seu joelho em um agradecimento silencioso.



DESIREE

Meu estômago revira em nós durante toda a viagem, as mãos geladas. Primeiro, eu não conseguia pensar em nada, mas quando entramos em Indianápolis, um milhão de pensamentos giram em minha cabeça. A principal ansiedade subjacente segue as linhas de, e se ele não estiver lá? E se nós realmente não o encontramos? Ou não pudermos levá-lo quando chegarmos lá?

— Eu esperava que chegássemos aqui antes que Jasper fosse pego no programa depois da escola às cinco, — diz Junior.

Eu inclino minha cabeça, repassando suas palavras em minha mente, porque meu cérebro não está funcionando direito.

Ele deve perceber que eu não entendo, porque explica: — Não sei, pensei que seria mais fácil para ele se você o pegasse em vez do pai. E então simplesmente partimos. Mas a escola pode não tê-lo liberado. Júnior balança a cabeça. — Provavelmente vai ser uma bagunça, não importa o quê.

Meus olhos ardem com lágrimas de gratidão. Eu não posso acreditar o quanto ele pensou nisso, sua consideração por Jasper. Junior pode parecer um cara durão, mas ele é muito mais. Ele é matizado. Sofisticado.

Lembro-me de como ele deu o dinheiro à garota no café. Isso me deixou com ciúmes, o que foi estúpido, mas parte do meu ciúme foi sobre o pensamento e o esforço que ele colocou no gesto.

Ele pára em frente a uma casa de tijolos. — É isso. Essa é a caminhonete de Abe. Ele aponta para um velho Ford F150 estacionado na nossa frente. — Abe aluga o porão.

Ele estaciona o carro e tira uma arma de um coldre ao lado de seu assento.

Meu cérebro finalmente entra em ação. — Ei, ei, ei. O que você está fazendo?

Ele faz uma pausa, mas ergue as sobrancelhas como se não entendesse a pergunta.

— Você não vai trazer uma arma para lá. — Aponto para a casa. — Meu filho de seis anos está lá. E Abe é o pai dele.

Júnior suspira.

— Não. Armas, — eu digo com firmeza.

Um novo conjunto de medos de repente vem ao meu redor. Júnior e Abe. Isso não vai correr bem. É por isso que ele pensou que pegar Jasper na escola seria melhor. Junior é cem por cento macho alfa, o que significa que ele vai ter que mijar em cima de Abe.

Não que Abe não mereça, mas as coisas podem ficar complicadas aqui, muito rápido. E eu não preciso de bagunça. Só quero pegar meu filho e sair daqui.

Quero começar a chorar ou vomitar enquanto subimos a calçada e depois descemos os degraus até a porta do porão. A expressão de Junior é

dura, olhos mortos. Um arrepio percorre minha espinha. — Talvez você devesse esperar no carro, — digo a ele quando chegamos à porta.

Ele fica imóvel, me estudando, depois recua meio passo e encosta as costas na parede de tijolos. — Eu estarei bem aqui, — diz ele, cruzando os braços sobre o peito.

Sua posição como guarda-costas me tranquiliza. Respiro fundo e bato na porta.

Abe é estúpido o suficiente para escancarar a porta sem olhar primeiro pelo olho mágico. Quando ele supera a surpresa ao me ver, ele tenta fechá-la novamente, mas eu me lanço pela porta. Ele bate a porta e me dá um soco na cabeça e no ombro.

Minha visão sangra de preto quando a dor explode nos pontos de impacto.

Junior surge em movimento como um anjo vingador das trevas. Ainda estou vendo estrelas quando ele chuta a porta aberta como se estivéssemos em um filme, simultaneamente me empurrando para o apartamento do porão.

— Mamãe! — Jasper grita e então eu realmente não consigo ver, porque minha visão fica embaçada com as lágrimas.

Jasper e eu choramos, nos estrangulando com abraços. Levo um minuto para perceber o quão ruim a situação ficou. A poucos metros de nós, Junior está brigando com Abe.

Não, faça isso de dar uma surra no Abe. O estalo de osso contra osso divide o ar e o corpo de Abe passa voando por nós, batendo na mesa de centro com um baque doentio.

Jasper grita.

Abe geme, mas tenta se levantar.

Junior se aproxima, pega-o pela camisa e dá um soco em seu rosto ensanguentado.

— *Júnior.*

Junior me ignora, socando Abe de novo e de novo.

— Júnior! — Eu grito.

Eu não quero que Jasper veja isso. Qualquer um deles.

Também não quero derrubá-lo ou perdê-lo de vista, nem por um segundo. Nunca mais. Mas preciso parar Junior antes que ele mate Abe.

Eu grito seu nome novamente, então checo seu corpo com meu ombro, meu filho ainda envolto em meus braços.

Quando ele olha para mim, sua expressão me gela até os ossos. Não há nada aqui. Nada de vida. Ele está frio. Mortal. Perigoso.

Ele deve ver o medo em meu rosto, porque a máscara horrível se desintegra, e então ele é o Junior que eu conheço. Suas sobrancelhas caem, a testa enrugada de preocupação.

Percebo que ainda estou chorando. — Júnior, não, — eu imploro. — Pare com isso. Agora mesmo.

Ele olha para Abe, que mal consegue se mover no chão, então de volta para mim e sua expressão nublada, como se ele percebesse o que fez. — *Fanculo,* — ele murmura, esfregando a mão no rosto. Seus dedos estão inchados e sangrando.

Abe não consegue se levantar. Jesus, Junior fez alguns estragos. E se ele tivesse trazido a arma?

O gelo corre em minhas veias.

Eu sei o que teria acontecido.

O pai do meu filho estaria morto agora.

Quão longe da realidade eu me afastei para pensar que trazer um mafioso violento comigo para a tarefa mais importante da minha vida terminaria bem? E agora, como se Jasper não tivesse sido traumatizado o suficiente por seu sequestro, ele ficará marcado para sempre ao ver seu pai ser brutalmente agredido pelo namorado de sua mãe.

Não está bem.

Não em qualquer reino ou realidade.

Eu pesco meu telefone fora da minha bolsa. Eu preciso tomar conta desta situação e fazer o que é certo. — Estou chamando uma ambulância, — murmuro.

— Não, — adverte Junior.

— Você não pode tomar essa decisão, — eu rosno para ele.

A cor desaparece de seu rosto. Ele dá um passo para trás e seus olhos ficam mortos novamente.

Carrego Jasper para seu quarto enquanto faço a ligação para o 911, depois desligo e coloco-o no chão. — Você está voltando para casa com a mamãe agora. Senti tanto a sua falta, Jasper. Eu caio de joelhos e lhe dou outro abraço de urso.

— Também senti sua falta, mamãe. — Sua vizinha me mata. Tão doce. Tão precioso para os meus ouvidos.

— O que você quer para levar? Algum brinquedo especial ou bicho de pelúcia? Ele tem um travesseiro favorito ao qual era terrivelmente apegado

em casa. Chorei nele pelo menos uma dúzia de vezes, imaginando como ele estava dormindo sem ele.

— Vou trazer o Sr. Dragão. — Ele pega um dragão de pelúcia da cor do arco-íris.

— Algo mais?

Ele balança a cabeça. — Eu só quero ir para casa.

Eca. Eu me mudei depois que seu pai o tirou de mim porque eu precisava rebaixar para pagar o PI. Mas não vou contar isso a Jasper agora.

Eu o pego novamente e o carrego para a sala enquanto as sirenes se aproximam da casa.

Junior está parado na porta aberta, esperando o enxame de policiais e paramédicos que invadem o pequeno apartamento.

Quando a segunda tempestade de merda da noite se aproxima, percebo que provavelmente cometi um grande erro.



Júnior

Os policiais me jogam de bruços e me algemam assim que chegam, embora eu não ofereça resistência. Eu esperava esse tipo de tratamento, no entanto. Eu só não queria que Desiree ou seu filho tivessem que ver isso.

Cristo, eu estraguei tudo.

Grande momento.

Eu já queria estrangular o ex *stronzo dela* pelo que ele a fez passar levando o menino, mas quando o vi bater a porta na cara dela, adorei matá-lo.

Mas não na frente dela. Não na frente do menino. Eu deveria ter recuado. Ou tê-lo puxado para fora do apartamento. Não sei. Eu deveria ter feito algo diferente.

Porque agora tenho certeza que perdi Desiree. O horror e a condenação em seu rosto deixam isso claro.

— Bem, olhe aqui, — um dos dois policiais de ronda que apareceram com fala arrastada. — A carteira de motorista diz que aqui é Santo Tacone, de Chicago. Não seria parente do Don Tacone sentado em uma prisão federal agora, não é?

Eu não respondo.

Isso me rende um chute rápido nas costelas. Ok. Os policiais locais querem ser heróis e me dar uma surra, eles são bem-vindos. Eu provavelmente mereço pelo que estou fazendo Desiree passar.

Depois de mais alguns chutes contundentes, o outro policial, que estava entrevistando Desiree, dispara: — Que porra você está fazendo?

— Ele estava resistindo à prisão, — diz o primeiro policial.

— Você tem uma sala cheia de testemunhas, idiota, — diz ele, o que é verdade. O minúsculo apartamento também tem três paramédicos, assim como Desiree e Jasper. — E sério, eu não acho que você queira foder com esse cara. — Ele engancha um braço sob o meu e me puxa, ajudando-me a sair do chão e a ficar de pé.

— Você está de brincadeira? Temos Santo Tacone, Jr. em algo sólido. Assalto e bateria. De jeito nenhum não estamos levando isso o mais longe que pudermos.

— Deixe-o ir, — Desiree insiste. — Ele estava apenas me protegendo.
— Estou mais do que aliviado por ela estar me defendendo, embora não seja estúpido o suficiente para pensar que isso muda as coisas. Claramente ela não viu isso chegando. Ela não esteve do lado errado da lei a vida inteira, como eu.

O primeiro policial parece confuso.

— Foi legítima defesa. — O segundo policial destrava minhas algemas.

Eu tenho que esconder meu choque. Mas esta poderia ser a clássica peça.

— Você está brincando comigo? Ele colocou aquele cara no hospital,
— diz Bad Cop.

— Então ele ficou um pouco agressivo. Eu também ficaria excitado se alguém batesse na minha namorada e sequestrasse o filho dela.

Eu mantenho minha boca fechada. Eu sei que é melhor do que nunca dizer uma palavra na frente da aplicação da lei.

Os paramédicos levam Abe para fora em uma maca. Good Cop fala em seu rádio.

O policial mau estreita os olhos. — Você está com medo desse cara. Espere, você é de Chicago, não é?

— Eu cresci no território de Tacone, sim. O que mais me lembro é que eles mantinham as ruas seguras. Então não. Não tenho tesão por afastar um cara que estava agindo como um herói para sua namorada.

Eu dou ao cara toda a minha atenção agora, estudando-o, verificando o nome em seu distintivo; John Badger.

— Badger Hardware, — eu digo, quando o nome me ocorre. Uma loja de ferragens de propriedade local em Cicero, antes que a Home Depot e a Lowes acabassem com os pequenos. Na verdade, aquela loja ainda está lá, uma volta aos tempos antigos.

O rosto de Good Cop se abre em um sorriso. — Sim. Essa é a casa do meu tio. Ainda está por aí.

— Com certeza está, — eu digo.

O telefone do Good Cop toca e ele atende, saindo.

O policial mau olha furioso para mim.

Eu fico quieto.

Desiree está andando pelo minúsculo apartamento, ainda segurando Jasper em seus braços, pegando suas roupas e brinquedos e jogando-os em um saco plástico. De vez em quando eu a ouço cheirar, o que me deixa completamente estridente.

O garoto também parece traumatizado. Ele tem um aperto mortal no pescoço de sua mãe, o rosto encolhido como se não quisesse ver nada do que está acontecendo.

Good Cop volta e se dirige a Desiree. — Tudo bem, tenho a confirmação de sua história. Os registros da polícia no Condado de Cook mostram que você tem a custódia total de Jasper e o pai o sequestrou de você. Você é livre para levá-lo para casa.

— Obrigada. — Desiree olha na minha direção sem olhar para mim.
— E ele?

— Ele está livre para ir também.

— Você é louco? — O policial mau rosna.

Good Cop estende a mão para mim e eu a aperto, aliviado porque, pela primeira vez, minha família e meu nome ganharam um favor em vez de perdê-lo para mim.

Meu pai fez algumas coisas certas.

Ele operava por um código de ética, apenas fora da lei. Ele fez sua própria lei.

Mas isso não é uma vitória, de forma alguma. Desiree se vira e sai pela porta sem nunca me olhar nos olhos e eu sei, sem sombra de dúvida, que terminamos.

CAPÍTULO 14

DESIREE

Eu durmo na parte de trás do carro de Junior, Jasper enrolado no meu colo. Não é um sono tranquilo, é do tipo que escolho quando não consigo lidar com meus pensamentos e só preciso fugir deles. Eu deveria estar muito feliz por ter Jasper de volta.

Estou muito feliz.

Ou tenho certeza que estarei amanhã. Mas agora, é muita emoção misturada.

Acordo quando entramos na cidade, como se meu corpo estivesse acordado e soubesse onde eu estava o tempo todo. É tarde, quase duas da manhã. O doce rosto de Jasper descansa contra o meu peito, sua respiração fácil e suave.

— Júnior, preciso que você me leve para minha casa, — digo a ele.

Jasper se mexe e eu esfrego a parte de trás de sua cabeça como fazia quando ele era um bebê.

— Sim. — Isso é tudo o que ele diz. A distância entre nós é um oceano. Não nos falamos durante todo o caminho para casa.

Ele me leva para o meu apartamento e abre a porta, estendendo a mão para Jasper e puxando-o para fora e em seus braços enquanto eu saio.

Minha vontade de pegar meu bebê de volta é forte, embora eu saiba que Junior não quer fazer mal a ele. Talvez seja mais porque ele parece bom demais nisso. Paternal demais. Muito familiar.

Como se soubesse, ele o entrega para mim no segundo que saio e pega o saco plástico com as coisas de Jasper que peguei na casa de Abe.

— Júnior. — Minha voz soa estrangulada e antinatural. — Eu realmente aprecio o que você fez por mim, trazendo Jasper de volta. Significa tudo pra mim. — Engulo o nó na garganta. Lágrimas ardem em meus olhos. — Mas eu só preciso estar em casa com ele agora. Então isso é um adeus.

O rosto de Junior é a mesma máscara de pedra que ele usa desde Indianápolis. Isso não muda. Ele apenas acena com a cabeça e me leva até o prédio. Pega minhas chaves e abre a porta, depois sobe as escadas até minha casa e abre a porta também. Ele coloca as coisas de Jasper dentro da porta, mas não cruza a soleira.

E então ele fecha a porta.

Nenhum toque ou palavra. Sem adeus.

Nada.

É só... acabou.

Não sei o que queria, mas de repente estou soluçando, com o coração partido pela escolha que fiz.

Mas era o certo.

O único que eu poderia fazer.

Meu mundo, criando meu lindo garotinho, não pode se misturar com o mundo de Junior. Nunca mais.

Jasper provavelmente ficará marcado para sempre pelo que viu lá atrás. Ele nunca vai esquecer a noite em que fui buscá-lo e meu "namorado" quase matou seu pai.

Se eu quiser criar meu filho direito, tenho que me afastar do poderoso fascínio de Junior Tacone. Mesmo que ele seja meu herói pessoal.

Eu carrego Jasper para o meu quarto e o deito na minha cama.

Meu bebê está de volta. Isso deve ser o suficiente.

Isso definitivamente deve ser o suficiente.

Tenho certeza de que esse vazio, esse pânico nauseante que borbulha dentro de mim acabará por desaparecer.



Júnior

Deixar Desiree ir é como levar meu rosto a um ralador. Todo o meu corpo se revolta. Cada quilômetro que eu dirijo para longe dela me deixa em um pânico mais profundo.

Mas não posso voltar. Não vou tentar convencê-la a ficar comigo.

Está errado.

Por mais que eu queira voltar para lá, carregar ela e o menino e dizer a eles que vão morar comigo, fim da história, não posso.

Ela precisa de mim fora de sua vida.

Depois da maneira como me comportei na frente de seu filho, não posso culpá-la. Eu nunca permitiria que meu próprio filho visse tal coisa.

E assim, a dor de perder Mia é tão fresca novamente, que vem à tona, se mistura com a dor de deixar Desiree. Desirée e Jasper.

Porque, sim, eu também me importo com aquele garoto. Ele é parte de Desiree. Ele é o mundo dela. Eu faria qualquer coisa por ele, assim como ela.

Dirijo para casa e me afogo em uma garrafa de uísque.

Deixe ela ir.

Eu tenho que deixá-la ir.

Mesmo que isso me mate.



— Você já saiu deste escritório? — Gio enfia a cabeça no meu escritório, onde estou sentado há setenta e duas horas.

Eu não consigo me mover.

Ou falar.

Ou faça qualquer coisa.

Paolo ligou, ele está perseguindo uma pista sobre Vlad, e ele me perguntou o que fazer se o encontrasse. Acontece que o cara estava na Rússia quando o encontro em Milano aconteceu, então não sei se Ivan estava operando por conta própria ou não. Vlad acabou de voltar à cidade para encontrar toda a sua operação encerrada por mim.

A ordem deveria ser, — mate-o.

Parece bastante simples, certo? Vlad enviou seus homens para me matar, então agora que matei seus homens, devo caçá-lo e matá-lo.

Só que não consigo dar a ordem.

Desiree não iria gostar.

Inferno, eu nem gosto disso. Não tenho provas de que Vlad deu a ordem. E não tenho nenhuma evidência de que Vlad está vindo atrás de mim, embora a lógica diga que ele viria. Eu deveria estar preparado para um ataque. Eu deveria partir para a ofensiva e eliminá-lo.

Mas eu não quero.

Na verdade, não quero fazer nada.

— Você comeu? Ou dormiu? Gio pergunta. Ele saiu de casa no dia em que fui para Indianápolis, sua recuperação está quase completa. Agora ele parou sem um convite. E sem bater.

Ou talvez ele tenha batido e eu simplesmente ignorei.

— Você com certeza não tomou banho. — Gio franze o nariz.

Eu quero puxar um velho Junior e ser um idiota para que ele vá embora, mas é difícil para mim ser um idiota com ele. Continuo me lembrando de como era pensar que ele poderia morrer. Ou talvez eu simplesmente não queira mais ser aquele cara.

— Você já pensou em sair do negócio? — pergunto Gio.

— O que? — Ele entra no meu escritório e se senta em uma cadeira em frente à mesa.

— Como Nico e Stefano. Já quis sair? Ou espera que eles precisem de você lá?

Gio fica quieto por tempo suficiente para eu saber a resposta.

— Por que você fica?

Gio dá de ombros. — Eu não vou deixar você aqui para cuidar dessa merda por conta própria. Isso não é justo.

Estou chocado.

Um dos meus irmãos está preocupado em ser justo *comigo* ? O maior pau da família? Tudo o que fiz foi jogar meu peso e exigir sua absoluta lealdade e obediência. Há uma hierarquia aqui, e eu me certifico de que eles a sigam.

Minha garganta fecha.

— E alguém tem que estar aqui para cuidar da merda. — Eu digo categoricamente, embora seja realmente uma pergunta. Existe alguma chance de fecharmos a loja?

Pendurar nossos chapéus e nos aposentar? Ou mudar para algo melhor, seja lá o que for?

Gio me considera por outro longo momento. — Isso é verdade?

— Papai acha que sim.

— Sim. — Gio brinca com seu Rolex. — Mas para quê? Ele vai querer chutar na praia com a mãe quando ele sair. Ele não vai querer esse negócio de volta.

— É o legado dele.

— O Bellissimo é a porra do seu legado. O dinheiro dele, o negócio dele, o *nosso* maldito negócio, começou isso. Sim, Nico era inteligente. Nico aproveitou bem. Bata bem. Mas todos nós podemos pendurar nossos nomes nesse projeto. Porque somos nós que arriscamos nossas malditas vidas desde que tínhamos idade suficiente para fechar os dedos em punho para ganhar esse dinheiro. Nós desistimos de nossas malditas almas por esse dinheiro. Há amargura na voz de Gio.

A mesma amargura que sinto. O tipo que se mistura com intensa lealdade, então se volta para dentro em vergonha e escuridão esmagadora.

Eu desejaria meu destino para meus próprios irmãos? Mantê-los neste negócio apenas para que eu não esteja sozinho?

De jeito nenhum.

Quase perdi Gio por causa dessa estúpida *Cosa Nostra*.

— Vamos acabar com isso. — Minha garganta fica seca assim que eu digo isso. A vergonha toma conta de mim. Mas maior que a vergonha, o medo de estar traindo meu pai, vem o alívio.

Tanto alívio.

— Sim? — Gio parece tão chocado quanto eu.

— Sim. A menos que Paolo discorde. Tornamos isso unânime.

Gio abre um sorriso. — Achei que isso não era uma maldita democracia. — Ele joga o refrão que eu costumava usar de volta para mim.

Não consigo sorrir de volta, mas tento. — É agora.

— E depois? — Gio pergunta enquanto se levanta.

Eu dou de ombros, peso descendo de volta em meus ombros. — Eu não tenho a porra da ideia.

— Não. Então você vai buscar a garota. — É disso que se trata, certo?

Meu peito se contrai dolorosamente. Nem um segundo se passou desde que me afastei de Desiree sem pensar nela. Gostaria de saber como ela está. Como é reencontrar seu filhinho. Se ela está carregando meu filho agora.

Eu balanço minha cabeça lentamente.

— Júnior. Não estrague isso. Ou se você já fez, então é melhor desfazer. Aquela garota te fez feliz. É melhor você fazer o que for preciso para descobrir isso.

Eu encaro Gio, sem ousar ouvir seus conselhos. — Mas e se minha felicidade vier às custas da dela?

Gio estremece um pouco enquanto se levanta, sua mão cobrindo a ferida. — Certifique-se de que não. — Ele me deixa com aquela pepita e uma onda.

Certifique-se de que não. Eu posso?

O que seria necessário para garantir a felicidade de Desiree? Desistir do negócio, estou fazendo isso.

Divorciar-se de Marne... isso já devia ter acontecido há muito tempo. Pego o telefone e ligo para o meu advogado para preparar os papéis. Vou dar a ela metade de tudo. Ela estará melhor do que jamais esteve casada ou separada de mim.



DESIREE

Junior Taconé está me perseguindo.

Já se passaram três semanas desde que ele me deixou no meu apartamento. Três semanas conhecendo meu filho novamente, amando-o, brincando com ele, absorvendo cada segundo com ele. E trabalhando meus três turnos de doze horas que terminam às 19h

E todas as noites, quando saio para o meu carro, o Maserati preto de Junior está estacionado em algum lugar nas proximidades. Na primeira noite, fingi que não o vi. Eu esperava que ele saísse e me encurralasse contra o meu carro, mas ele não o fez. Nada aconteceu. Entrei no meu carro e parti, olhando pelo espelho retrovisor para ver se ele me seguia.

Ele não seguiu.

Na segunda noite, marchei até o carro dele. — O que você está fazendo aqui? — Eu exigi quando ele abaixou a janela.

— Apenas certificando-me de você chegar ao seu carro com segurança. Não gosto de você andando por aqui sozinha à noite.

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. — Sim, eu tive problemas neste lote uma vez. — Observei sua mandíbula apertar, a expressão se tornar um mau presságio. — Oh, espere, eles eram seus caras, não eram?

Ele se recostou no assento. — Bem, seu ex pode aparecer a qualquer momento. Não estou aqui para interferir na sua vida. Só estou me certificando de que você tenha backup, se precisar.

Olhei para ele, atordoada. Bem, se ele quisesse bancar o guarda-costas, eu deixaria. Achei que ele se cansaria disso logo. Ou ele renegaria sua promessa de não interferir.

Mas nenhuma dessas coisas aconteceu ainda.

E agora tenho certeza de que estou carregando o bebê dele. Fiz um exame de sangue hoje no hospital.

Quando Junior descobrir, ele vai reclamar de mim, assim como fez com a esposa. Não tenho ilusões de que ele permanecerá distante.

E, como sua esposa, não tenho certeza se tenho recursos ou coragem para afastá-lo.

Eu o ignoro enquanto passo, como faço todas as noites em que ele está aqui. E como naquelas noites, ele não faz nenhuma tentativa de falar comigo ou chamar minha atenção.

Entro no meu carro e vou embora, lutando contra o desejo de me virar para voltar. Conte a ele sobre o bebê.

Seu bebê.

Nosso bebê.

Se ele continuar me perseguindo assim, logo descobrirá. E duvido que seja forte o suficiente para mantê-lo longe quando isso acontecer.

E esse pensamento deveria ser assustador, não reconfortante.

CAPÍTULO 15

DESIREE

Outra onda de náusea me atinge e jogo meu café da manhã no banheiro.

Treze semanas.

Espero que até o final da próxima semana eu tenha passado da fase do enjôo matinal.

— Mamãe, você está bem? — Meu doce Jasper pergunta da porta.

— Sim, — eu digo brilhantemente, jogando água no meu rosto e enxaguando minha boca.

— Você precisa de alguém aqui para cuidar de você.

Eu me viro, surpresa com essa observação. — Você está aqui, não está?

— Quero dizer um homem. Onde está seu namorado?

Eu vou ainda. — Que namorado?

— O homem que veio com você quando você me trouxe da casa do papai. — É a primeira vez que Jasper menciona Junior. Tenho certeza de que errei como mãe, mas nunca falei sobre o que aconteceu naquela noite. Eu me senti muito emocionada por terminar com Junior e acho que não sabia o que dizer a Jasper para tirar o trauma do que ele viu.

— Ele cuidaria de você, mamãe. Ele nos manteria seguros.

Meu coração começa a bater forte. — Seguro de quê? — Minha voz falha.

— Do papai. Ou coisas ruins. Acho que ele quer nos ajudar.

— Jasper... como você sabe? O que te faz dizer isso?

Jasper dá de ombros. — Eu só sei. Ele seria um bom pai para mim.

Lágrimas vazam dos meus olhos antes mesmo que eu perceba que estou chorando. Não tenho ideia do que levou Jasper a dizer essas coisas.

Jasper envolve seus braços em volta da minha cintura e me abraça. — Está tudo bem, mamãe. Você não precisa mais ficar triste.

— Você não tem medo do Junior? Depois do que ele fez com seu pai?

Jasper balança a cabeça. — Não.

Apenas *não*. Nenhuma outra explicação para sua opinião sobre a situação. Eu ainda não descobri muito sobre a permanência de Jasper com seu pai. Eu não acho que ele foi maltratado, mas ele definitivamente parece aliviado por estar comigo novamente. Nas primeiras semanas, ele ficava me perguntando se o pai viria buscá-lo novamente. Prometi a ele que não faria isso, embora não tenha certeza de como vou cumprir essa promessa. No momento ele está na prisão e pode pegar até um ano de prisão por levar Jasper. Depois disso? Quem sabe o que vai acontecer.

Eu respiro fundo. — Então você acha que eu deveria deixar Junior ser meu namorado de novo? — Minha voz oscila nas palavras. Eu não percebi o quanto eu queria isso até que eu disse em voz alta.

— Definitivamente, — diz Jasper.

Definitivamente. Uau. OK.



Júnior

Espero Desiree virar a esquina no estacionamento. Ela está estacionada em seu lugar de sempre, e eu estou no meu, uma vaga em frente ao carro dela.

Há algo diferente nela hoje. Vulnerabilidade brilha em seu rosto. Ela me encontra com o olhar, como sempre faz, mas desta vez ela continua olhando. Continua andando, direto para o meu carro. Abro a janela, mas ela passa sem dizer nada. Em seguida, abre a porta do lado do passageiro e entra.

Meu corpo inteiro ganha vida por estar perto dela novamente. Quero alcançá-la, tocar sua pele, provar seus lábios, mas utilizo a contenção que venho praticando nos últimos meses. Ganhar Desiree de volta vai levar tempo. Eu tinha que colocar minha vida em ordem, provar que posso ser o homem que ela precisa que eu seja.

E estou chegando lá.

— Ei — , diz ela suavemente. Ela ainda está usando o anel que comprei para ela. Ela nunca tirou. Eu tento não ler muito sobre isso.

Foda-se, não aguento mais. Pego a mão dela e a pego. — Ei, — eu digo de volta.

— Júnior... estou grávida.

Eu aperto a mão dela, levando-a aos meus lábios para beijá-la. — Eu sei, Baby.

Seus olhos castanhos se arregalam. — Você sabia?

— Sim, boneca. E acredite em mim, precisei de toda a minha força de vontade para não apenas entrar na sua casa, arrumar todas as suas coisas e levar você e Jasper comigo no segundo que eu descobri.

Lágrimas brilham em seus olhos e eu fico rígido, sem saber para que servem. — Por que não? — ela resmunga.

Eu seguro o lado de seu rosto. — Você queria que eu fizesse?

Ela balança a cabeça e uma lágrima cai em sua bochecha. — Não, na verdade não.

Eu tento decifrar essa resposta. — Ouça, boneca. Tenho algumas coisas para lhe dizer.

— Sim? — ela levanta os cílios molhados para olhar para o meu rosto.

— Meus irmãos e eu conversamos e estamos fechando os negócios da família — nos aposentando. Não há mais perigo. Chega de atividades ilegais. E eu me divorciei. Foi no final esta semana.

Ela engole. — E-isso foi para mim?

— Para você. Apenas para você. Totalmente para você. Desiree, eu senti tanto a sua falta. Eu quero você na minha vida. Quero descobrir como podemos fazer isso funcionar. Porque, querida, você me mudou. Sou um homem diferente do que era antes de você entrar em minha casa.

— No meu coração. É como se eu estivesse vivendo a vida em preto e branco antes de te conhecer. E então você me mostrou technicolor. E desde que você se foi, não estou vivendo a vida.

— Eu só tenho trabalhado para me tornar digno de você.

— Eu quero que você saiba que se você me deixar entrar em sua vida, eu nunca vou mostrar meu lado violento para você ou Jasper nunca mais. Eu nunca vou deixá-lo ver uma arma. Ou ensiná-lo a lutar, a menos que você queira. Eu cuidarei de vocês dois, e do novo, é claro. Eu tenho muito dinheiro. Você não precisa trabalhar. Você pode ficar em casa com as crianças, se quiser. Ou fico em casa com as crianças. Porque ainda não descobri o que vou fazer comigo mesmo.

Desiree solta uma risada aquosa.

— Isso é um sim?

— Isso depende, para o que estou dizendo sim?

Eu dou de ombros, com medo de dizer a coisa errada. Eu quero pedir tudo, morar juntos. Casar. Todo o pacote. — Casar?

Ela sorri em meio às lágrimas. — Sim.

Por uma batida sólida, não posso acreditar em meus ouvidos. — Sim, você quer ficar comigo?

Ela balança a cabeça feliz. — Sim, Júnior. Jasper também. Ele me disse esta manhã.

Eu caio para trás contra o assento, humilhado. Sobrecarregado.

— Nós iremos? — Desirée exige.

Eu levanto minhas sobrancelhas, não tenho certeza do que ela quer.

— Você não vai me beijar?

Tonto de alívio, enlouquecido pela luxúria, atravesso o carro e pego seu rosto entre minhas mãos, puxando-o para o meu. Meus lábios descem sobre os dela, movendo-se, moldando, beliscando. Minha língua varre entre seus lábios e então nós dois estamos frenéticos, devorando um ao outro com nossos beijos.

— Eu te amo, Junior, — Desiree sussurra quando nos separamos.

— Eu te amo mais, boneca.

EPÍLOGO

Desiree

Uma gargalhada estridente sai do quarto de Jasper. Eu sorrio e reprimo minha advertência de que a hora de dormir não é hora de fazer cócegas. Junior está com meu filho, nosso filho, lendo para ele *How Do Dinosaurs Say Goodnight*, que deve ter se transformado em um festival de cócegas.

Meu bebê chuta e eu esfrego minha barriga enquanto enfio minha colher na caixa de Ben & Jerry's que Junior sempre mantém estocada para mim. Faltam apenas algumas semanas para que possamos conhecer nosso bebê; outro menino.

Acho que Junior ficou aliviado por não ter uma menina, sem comparar esta com seu anjinho perdido. Embora eu tenha certeza de que ele também teria amado uma garota de todo o coração. Ele tem sido incrível com Jasper, que já parece tão apaixonado por ele quanto eu.

— Tudo bem, ele está pronto para receber seus beijos de boa noite, — Junior diz, aparecendo na porta. Seu rosto está aberto e vivo, tão diferente de como parecia quando o conheci. A sensação subjacente de violência se foi, assim como sua cautela. Ele me interrompe quando passo para um beijo e levanto minha mão até seu pescoço, derretendo-me nele.

— Vejo você no quarto, — ronca Junior. — Você tem outro castigo vindo.

Minha boceta apertada. Como se os hormônios da gravidez não me deixassem com tesão o suficiente, Junior faz de quase todas as noites uma nova aventura no quarto. Eu mal consigo olhar para ele sem me molhar

ultimamente. Embora eu tenha que dizer, com minha forma atual, está ficando cada vez mais difícil encontrar novas posições.

Eu dou a Jasper seu beijo noturno na cama, — como ele chama, e subo as escadas. Junior ainda não fez as pazes, então entro no chuveiro. Eu tento resistir, eu realmente tento, mas só de pensar em todas as coisas sujas que Junior vai fazer e dizer para mim quando ele chegar me deixa a três golpes de um orgasmo. Eu deixo a água mais fria e inclino minha testa contra o azulejo frio, explorando entre minhas pernas com uma mão. Minhas dobras estão suculentas, como sempre hoje em dia. Eu esfrego meu clitóris e gemo.

— Aham. — Junior pigarreia do outro lado da porta do chuveiro e eu grito. Ele ri enquanto abre a porta de vidro e entra nu. — Eu disse que você pode se masturbar?

Eu choramingo, porque de jeito nenhum vou arrancar minha mão agora, é muito bom e estou prestes a atingir o clímax.

— Garota má. — Ele envolve um punho no meu cabelo molhado e puxa meu cabelo para trás, plantando um beijo no lugar onde o ombro encontra o pescoço. Sua outra mão se curva sobre a minha, os dedos me penetrando, empurrando os meus com os dele.

Isso é tudo que preciso. Eu resisto quando um orgasmo rasga através de mim, então minha visão fica preta e estrelada porque eu quase desmaio. O aumento do volume sanguíneo da gravidez tem suas desvantagens, com certeza.

Não importa, porque Junior nunca me deixaria cair. Ele acaricia amorosamente meu corpo com as palmas das mãos, explorando cada centímetro, dando tanto para mim com apenas uma simples carícia. Sei que

essa apreciação sensorial também faz parte da gravidez. Cada terminação nervosa é preparada e sensível. Eu não aguento muita surra ou qualquer coisa áspera, Junior tem que fazer isso muito mais fingido do que real para o nosso jogo forçado.

Meu castigo esta noite acabou, por não gastar dinheiro suficiente. Mantive meu emprego no hospital, disse a ele que queria trabalhar pelo menos até o bebê nascer. Ele me deu um cartão de crédito quando me mudei, mas nunca o uso. Não sei, não gosto de gastar o dinheiro dele, isso me faz sentir culpada e um desperdício. Prefiro que ele gaste comigo. Então ele inventa jogos, como fez no primeiro dia em que me levou às compras. Eu tenho um certo tempo em que tenho que gastar uma certa quantia ou serei punida.

Está tão quente. Estou fora do gancho por ser um desperdício. Na verdade, sou obrigada a ser. E eu me sinto muito mimada no final. Além disso, muitas vezes não concluo o desafio, então há a diversão no quarto depois.

Hoje consegui gastar \$ 2.500, principalmente em presentes para Jasper e minha mãe, mas deveria gastar \$ 3.000.

Junior desliga a água. — Eu vou fazer você pagar por esse orgasmo, baby.

— Oh sim? — Eu ainda estou tonto de luxúria e meu orgasmo. — Quanto?

— Você vai gozar a noite toda, anjo. Não há descanso para os ímpios. Vou te foder até você chorar.

Eu rio, porque provavelmente vou chorar, não leva muito tempo hoje em dia e ele já fez isso antes. E isso soa maravilhoso para mim. Perfeito, na verdade.

Deixo que ele me enxugue e segure minha mão enquanto saio do chuveiro. Ele me trata como se eu fosse o objeto mais precioso da Terra, e alguns dias eu mal acredito que seja real. Ele me leva até o quarto. — Curve-se para sua surra.

Eu choro antecipadamente, porque não é preciso quase nada hoje em dia para me fazer gritar. Eu descanso meus antebraços no colchão para abrir espaço para minha barriga e apresento meu traseiro.

Em vez disso, ele acaricia minha bunda, sua grande palma viajando em círculos ao redor de minhas bochechas. — Você não quer uma surra hoje à noite, não é, anjo?

Eu balanço minha cabeça.

Ele arrasta um dedo pela minha fenda, sobre meu ânus. — Eu vou ter que puni-la de uma maneira diferente, então. — Ele se afasta de mim para abrir a gaveta da cômoda onde guarda nossos brinquedos sexuais. Quando ele volta, ele coloca um vibrador, plug anal e lubrificante ao meu lado na cama. Deixei escapar um gemido devasso só de pensar nele usando-os em mim.

Ele dá um tapa gentil na minha bunda, depois esfrega entre minhas pernas. Mesmo que eu tenha acabado de ter um orgasmo no chuveiro, estou pronta para mais, parece ser meu estado perpétuo. Junior abre minhas bochechas e joga um pouco de lubrificante no meu traseiro. Quando ele traz a ponta do plug anal contra o anel apertado de músculos, eu gemo de prazer.

Foi-se meu medo de sexo na porta dos fundos. Junior me iniciou em um mundo inteiro de coisas de bunda, e eu sou uma convertida total agora. Ele me provoca com o plug, empurrando-o alguns centímetros, depois puxando-o de volta. Minha boceta treme de antecipação, de prazer.

— Júnior, — eu gemo.

— Comece a implorar, querida. Deixe-me ouvir.

Eu contorço minha mão sob meus quadris, precisando de estimulação na boceta. Junior dá um tapa na minha bunda. — Eu disse que você pode se tocar?

— Por favor, Júnior. Estou morrendo. Eu realmente preciso disso.

Ele não me faz sofrer. Ouço o vibrador ganhar vida e então ele o desliza entre as minhas pernas. — Foda-se com isso, boneca. E torne-o bom. Eu quero essa boceta toda molhada para mim.

Pego o vibrador e o trabalho entre minhas pernas, meu próprio zumbido de satisfação combinando com seu ronronar. Junior estica minha bunda com o plug, bombeia para dentro e para fora uma dúzia de vezes antes de finalmente deixá-lo assentar completamente.

Quando estou prestes a atingir o pico novamente, ele arranca o vibrador de mim. Eu grito em protesto, mas então ele desliza para dentro de mim e meu corpo comemora.

Claro que sim.

Isso é exatamente o que eu preciso. Estremeço de prazer, sons loucos saindo da minha garganta. Estou duplamente cheia — o plugue anal estendendo-se em meu ânus enquanto Junior enche e esvazia minha boceta. É tudo tão glorioso, tão avassalador. Eu imploro e imploro — pelo quê, não

sei. Misericórdia. Clímax. Quem sabe. Eu não consigo nem entender minhas próprias palavras. Estou balbuciando, delirando de prazer, embora ele mal tenha começado.

— Júnior, Júnior, por favor. Isso é tão bom. Eu preciso de você. Oh, por favor. Mais. Mais. Ah, por favor, me dê. Por favor, me dê agora.

É constrangedor as coisas que saem da minha boca. Felizmente, Junior acha que está quente. Ele agarra meus quadris e bate em mim. Toda vez que sua virilha atinge minha bunda, ele empurra o plug mais fundo. É muito e não é o suficiente. Eu não posso levá-lo fundo o suficiente, ter o suficiente dele. As sensações passam por mim em ondas de prazer, necessidade intensificada.

A respiração de Junior fica irregular. Ele pragueja em italiano, ou talvez esteja me elogiando, não consigo perceber a diferença, e depois empurra profundamente.

Eu gozo no momento em que ele faz, meu canal apertando em torno de seu pênis, ordenhando-o para sua semente.

Eu flutuo, corpo corado e sem ossos.

— Tenho um presente para você, — diz Junior de algum lugar na atmosfera. Ele escava sob minhas pernas e levanta minha metade inferior para a cama, dobrada ao meu lado.

— Mm, — é tudo que posso dizer.

Ele tira o plug anal de dentro de mim e volta com uma toalha, que ele usa para me limpar. Eu faço um som baixo de ronronar.

— Eu comprei um diamante para você. — Ele estende uma pequena caixa de joias. — Espero que não seja cedo demais.

Se eu não estivesse grávida, tudo isso seria muito cedo. Mas no momento em que decidi dar outra chance a Junior, fui all-in. Nós dois fomos all-in.

Eu me mudei para cá com ele, ele fez de tudo para me fazer feliz.

Eu me levanto para sentar e tento pegar a caixa, mas ele a segura fora de alcance. — Diga-me primeiro se for muito cedo. Posso colocar desta forma e tentar novamente mais tarde.

Eu bufo. — Seriamente? Você tem medo que eu vá atirar em você? Depois que você acabou de me dar o melhor orgasmo da minha vida?

Ele sorri, mas ainda parece inseguro.

— Dê-me o meu anel, — eu digo suavemente. — Quero isso.

Ele abre a caixa. É gigantesco, o que não é nenhuma surpresa. Junior adora me mimar e provavelmente é importante para ele que sua esposa tenha o maior anel. Afinal, ele é um macho alfa.

Ainda bem que gosto de anéis de diamante gigantes. Eu deslizo a beldade de corte esmeralda em meu dedo de casamento e o travo.

— Então isso é um sim? Você quer a proposta completa primeiro?

— É um sim. No que me diz respeito, você me pediu em casamento naquele dia no carro. Mas fique à vontade. Eu quero o acordo completo.

Junior se ajoelha e segura a caixa de joias. — Desiree.

Estou surpreso ao ouvir a espessura em sua voz.

— Eu quero ser seu homem. Eu quero você na minha casa. Na minha cama. Na minha vida. Para todo sempre. Eu quero ser o cara que te faz gritar. Quem te protege. Trata você como uma princesa. Quero ser seu marido, Desiree. Você quer se casar comigo?

Lágrimas enchem meus olhos e eu cubro minha boca para segurar o soluço. — Sim, — eu aceno, alcançando suas mãos para puxá-lo para cima, para se aproximar. Para tocá-lo.

— Sempre que você quiser se casar, eu estou dentro. Sem pressão, no entanto. Estou feliz só por você usar meu anel.

— Amanhã, — eu digo.

— O que?

— Vamos amanhã. Podemos fugir. Eu suspiro. — Eu sei, vamos para Las Vegas! Ouvi dizer que tem um cassino muito legal lá...

— Você quer se casar amanhã em Las Vegas? — O sorriso de Junior divide seu rosto. — Querida, isso é tão fácil. Tem certeza que? Você não quer um grande casamento chique? Quero dizer, porra, você pode ter os dois. O que você quiser, é seu.

Eu o puxo para a cama comigo. É difícil abrir espaço, com minha barriga grande, mas ficamos deitados, nariz com nariz, a mão dele no meu quadril. — Eu só quero você, Junior, — digo a ele.

Ele passa o polegar pela minha bochecha. — Você já me tem, anjo. Para todo sempre.